INTERNACIONAL A DEMOCRATA KAMALA HARRIS GANHA O DEBATE E PÕE FOGO NA ELEIÇÃO AMERICANA
Distribuição 100% gratuita @clubederevistas
Editora ABRIL
edição 2910 - ano 57 - nº 37
13 de setembro de 2024
Abril
veja
www.veja.com
ESCÂNDALO NO PLANALTO
Em depoimento, a ministra Anielle Franco contou detalhes da importunação sexual que teria sofrido durante meses por parte do ex-ministro Silvio Almeida — uma acusação conhecida pelo governo, que só tomou providências quando o caso saiu de controle

**QUANDO?**

# 30 de setembro

a partir de 8h

**ONDE?**

# Palácio Tangará

São Paulo · SP

**TEMAS QUE SERÃO ABORDADOS**

Os desafios de governança do setor e de segurança do fornecimento de energia

Combustíveis renováveis: o Brasil reforça a liderança

O potencial da transição energética para a neoindustrialização

A nova fronteira do hidrogênio

A transição no transporte

O capital para fazer a transição

A transição da Petrobras

Acompanhe a cobertura completa do evento pelos canais oficiais de Veja

/vejanoinsta

ACESSE PELO SITE DE VEJA

/veja

**PATROCÍNIO**

CEMIG

**PARCERIA**

## ÀS SUAS ORDENS

**ASSINATURAS**

**Vendas**
www.assineabril.com.br

**WhatsApp:** (11) 3584-9200
**Telefone:** SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

**Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:**
assinaturacorporativa@abril.com.br

**Atendimento exclusivo para assinantes:**
minhaabril.com.br

**WhatsApp:** (11) 3584-9200
**Telefones:** SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

**EDIÇÕES ANTERIORES**
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

**LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO**
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

**PARA ANUNCIAR**
**e-mail:** publicidade@abril.com.br

**NA INTERNET**
www.veja.com

**TRABALHE CONOSCO**
https://talentosabril.vagas.solides.com.br

**Fundada em 1950**

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

**Publisher:** Fabio Carvalho

**Diretor de Redação:** Mauricio Lima

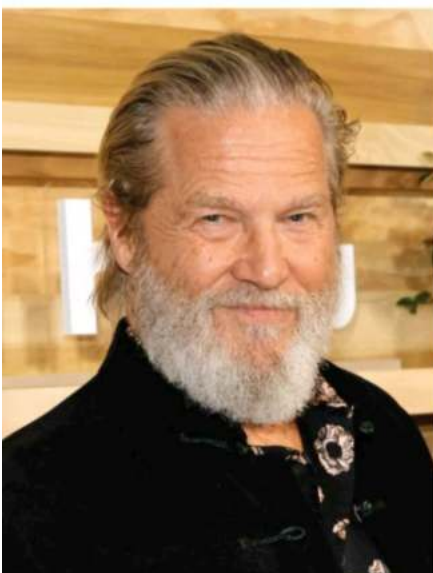
**www.veja.com**

**CO-CEO** Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

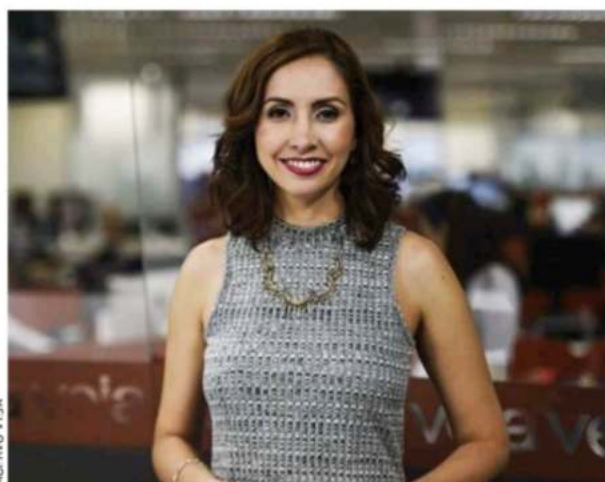
**Redação e Correspondência:** Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

**VEJA** 2 910 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 37. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

**IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.**
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

**www.grupoabril.com.br**

KEVIN WINTER/GA/THE HOLLYWOOD REPORTER/GETTY IMAGES

GABRIEL BOUYS/AFP

LIONEL HAHN/GETTY IMAGES

ACERVO VEJA

**ASTROS** Bridges, Allen e McConaughey: entrevistas de Raquel Carneiro com essas e outras celebridades são exemplos de jornalismo de alto padrão na cobertura cultural

# ROTINA ESTRELADA

**BILLY WILDER** trabalhou como correspondente internacional antes de filmar sucessos eternos como *Crepúsculo dos Deuses*. Essa experiência na imprensa (e seu sarcasmo) o inspirou a realizar dois longas igualmente clássicos, retratando repórteres como profissionais inconsequentes e sensacionalistas: *A Montanha dos Sete Abutres* e *A Primeira*

*Página*. No universo de Hollywood, onde Wilder se consagraria como um dos maiores diretores de todos os tempos, a cobertura jornalística tem, de fato, o permanente desafio de evitar a superficialidade. É necessário também muito esforço para não retratar de forma deslumbrada os astros e as grandes produções. Essas dificuldades tornaram-se ainda maiores nos tempos da internet e das redes sociais, terreno fértil para a veiculação de manchetes descartáveis e feitas apenas para gerar um clique imediato.

Ao longo de seus 56 anos de história, VEJA se orgulha de manter como um de seus pilares editoriais um alto padrão no trato jornalístico dos assuntos de cultura. A cobertura da área cinematográfica, que sempre mereceu espaço nobre nas páginas da edição impressa, hoje aparece também em reportagens no site e nos vídeos produzidos pela equipe, que ficam disponíveis no canal VEJA+. Responsável por esse conteúdo nas diferentes plataformas, a editora Raquel Carneiro é uma das profissionais mais competentes e respeitadas do setor. São essas credenciais que lhe abrem as portas para encontros com os maiores astros do mercado. Somente para esta edição, a jornalista entrevistou o incensado diretor Woody Allen e dois atores com estatuetas do Oscar no currículo, Matthew McConaughey e Jeff Bridges.

A rotina estrelada de uma jornalista como ela não é tão glamourosa quanto parece. Raquel já chegou a encarar um bate e volta São Paulo-Londres de 48 horas para ter direito a ver *Avatar 2* em primeira mão e entrevistar o di-

retor James Cameron. Integrante da equipe de Cultura de VEJA desde 2013, ela já conversou com Madonna sobre religião, política e vinhos — e, mais recentemente, tratou dos rumos distópicos da humanidade com a escritora canadense Margaret Atwood, autora do fenômeno *O Conto da Aia*. Raquel é exemplo de profissional que domina a arte de fazer até as mais poderosas figuras de Hollywood quebrarem o gelo e se abrirem de modo franco. De Steven Spielberg, ouviu histórias sobre sua rivalidade amigável com os colegas Martin Scorsese e Francis Ford Coppola. Alguns meses atrás, em uma entrevista para o programa *Em Cartaz*, de VEJA, arrancou um gracejo bem-humorado do astro irlandês Colin Farrell ao exibir para ele sua gatinha — chamada, vejam só, Sofia Coppola, em homenagem à cineasta. O maior beneficiado por tanto amor e dedicação ao cinema é, sem dúvida, o leitor. ■

INSTAGRAM @OFFICIALLYMCCONAUGHEY

# "EU DESAFIEI HOLLYWOOD"

O astro americano fala das tensões que superou para a guinada na carreira que lhe rendeu o Oscar, revela por que virou professor universitário e escritor e diz que não fecha portas à política

**RAQUEL CARNEIRO**

**SÃO POUCAS** as personalidades relevantes o suficiente no mundo para que suas carreiras sejam divididas em eras. Matthew McConaughey é uma delas. O termo *McConaissance* — mescla do sobrenome do ator e da palavra renascença, em inglês — se popularizou em Hollywood para definir o antes e o depois da virada de McConaughey, de galã de comédias românticas a protagonista de dramas de alta voltagem. Os frutos da transição do texano de 54 anos são notáveis. Em 2014, ele conquistou o Oscar ao interpretar um caubói com HIV no filme *Clube de Compras Dallas*. Desde então, deu vida a personagens memoráveis, do investigador da série *True Detective* ao astronauta de *Interestelar*. Casado com a modelo brasileira Camila Alves, com quem tem os filhos Levi, 16, Vida, 14, e Livingston, 11, não parou de expandir horizontes: virou professor de atuação e roteiro na Universidade do Texas e escritor bem-sucedido. Em 2020, publicou o best-seller *Greenlights*, autobiografia sincerona e motivacional. Agora, lança no Brasil pela editora Sextante o livro infantil *Só Porque...*, no qual faz rimas sobre a liberdade de cada um ser o que é — e mais. "Não somos uma coisa só", disse ele a VEJA. Na entrevista, o astro não descarta também um flerte futuro com a política.

**Como surgiu o desejo de se aventurar na escrita?** Eu sempre gostei de escrever. Desde os 15 anos de idade, não saio na rua sem um caderninho. Em casa, tenho dezenas deles. São diários com reflexões, ideias e desenhos, de todos os tamanhos, de países distintos, quase todos com capa de couro, é

uma coleção linda. Há uns dez anos, a Camila me questionou o que eu faria com tudo aquilo. Tentei empurrar para ela a responsabilidade. Falei: "Quando eu morrer, você pega esses diários, edita, veja se tem algo neles que valha a pena dividir com o mundo". Ela me cortou de modo enfático e disse: "Sem chances. Se quiser publicar isso, então você que se vire".

**Uma postura direta e bem brasileira, não é?** Exatamente. E que bom que ela agiu assim, pois é um fardo enorme para se entregar a alguém. Imagina só, deixar situações inacabadas para seus parentes resolverem depois da sua morte. Esses escritos começaram a me assombrar. O que vai acontecer com esse material? Serão arquivados? Jogados fora? Daqui a 200 anos alguém vai encontrá-los e pensar que ainda são relevantes? Por isso escrevi *Greenlights (Sinais Verdes, em tradução direta, sem edição no Brasil)*.

**"Pensei que nunca mais trabalharia como ator. Mas há algo poderoso em dizer não. Isso deixa as pessoas intrigadas. Se você é bom no que faz e estabelece limites, pode se tornar mais respeitável"**

***Greenlights* foi um sucesso que vendeu mais de 4 milhões de cópias. Além de descrever momentos marcantes de sua vida pessoal, como a relação conturbada de seus pais, o senhor fala da virada profissional, quando declinou uma oferta de 14 milhões de dólares para atuar em um filme de comédia porque queria fazer drama. Quão difícil foi essa transição?** Muito difícil. Muito mesmo. Eu fazia um monte de comédias românticas e todo trabalho que me ofereciam era do filão. Mas eu queria ir além, queria encarar novos desafios e fazer papéis dramáticos. Depois de muito tempo pedindo por esses trabalhos, sem sucesso, tomei uma decisão categórica: se não me deixassem fazer o que queria, eu não faria mais nada. Larguei tudo e voltei para o Texas. Na época, a Camila e eu estávamos fortalecendo nossa relação. Ela estava grávida do nosso primeiro filho, o Levi, então o anseio por experimentar a paternidade me ajudou a ficar firme e equilibrado. Mas eu estava com medo.

**Por que tinha medo?** Porque chegou um momento em que pensei que nunca mais trabalharia como ator novamente. Ao recusar aquela oferta, eu desafiei Hollywood. Comecei a pensar em alternativas, como virar professor, ou talvez voltar para a faculdade de direito que abandonei no passado, pois o telefone não tocava. Ninguém me oferecia nada. Lembro de um dia que liguei para meu agente e perguntei: “Tem algo em vista para mim?”. E

ele respondeu: “Matthew, faz três meses que não escuto ninguém citar seu nome”.

**De onde tirou forças para se manter firme na decisão de mudar o rumo da sua carreira?** Primeiramente, tenho a sorte de ter a Camila, que me dá forças. Eu tinha fé na minha decisão. Sabia que era uma postura aparentemente egoísta, mas apostei em mim mesmo e decidi acreditar na minha capacidade. Tinha na época uma criança chegando ao mundo, então havia ainda um horizonte para almejar. Eu também estava forte espiritualmente. Mas, ao mesmo tempo, sentia medo, pois atuar era meu propósito, meu sonho, o ofício ao qual eu me dedicara por décadas até ficar bom naquilo. Tudo podia ir por água abaixo para sempre. Mudar não foi fácil.

**Como superou essa situação?** Bem, como todos sabem, o telefone finalmente tocou — dois anos depois. Eu estava no deserto, numa seca total. Acho que o fato de que fiquei firme na minha decisão e deixei claro para Hollywood que não, eu não voltaria a fazer os mesmos trabalhos de sempre até que eu pudesse fazer dramas foi uma prova de que eu não estava blefando. Foram dois anos que fiquei firme na minha palavra. Acho que deixei os estúdios chocados. Hollywood pensou: “Parece que o McConaughey está falando sério”. Há algo poderoso em dizer não. Em mirar com foco no que você quer. Isso deixa as pessoas intrigadas. Se você é bom no que faz e estabelece limites,

então pode se tornar mais respeitável e atraente aos olhos dos demais. Pelo menos foi o que aconteceu comigo.

**Tanto essa transição quanto sua aposta na carreira acadêmica e na escrita, que vieram em seguida, parecem resultado da maturidade que vem com a idade. Enxerga esse elemento nessas decisões?** Se por maturidade estamos falando de confiança e da capacidade de acreditar em si mesmo, então, sim. Com certeza. A escrita, por exemplo, eu comecei a praticar muito jovem. Não tinha a coragem, nem a convicção de que meus pensamentos valeriam para algo. Demorei a pensar que minha história poderia tocar e ecoar na vida de outras pessoas. Que alguém poderia se ver em minhas experiências.

**O livro infantil *Só Porque...* nasceu de suas experiências como pai?** O *Só Porque*... me veio em um sonho. Talvez inspirado em conversas que tive com meus filhos na mesma época. Acordei com esses versos musicados na mente. "Só porque parece ótimo, não significa que é tão bom assim", "Só porque... etc. etc.". Três horas depois, eu tinha mais de duzentos versos. Selecionei trinta que estão no livro e que me ajudaram a conversar com meus filhos. Espero que esse livro promova diálogos em família. Eu aprendo mais sobre mim mesmo enquanto ajudo meus filhos a descobrirem quem eles são.

**Pode dar um exemplo?** Sou sempre tomado pela reflexão de como ser um bom pai. Camila e eu nos esforçamos para

ajudar no processo de amadurecimento das crianças, neste momento em que elas estão tentando descobrir quem são, do que gostam e quais são as regras do jogo na vida real. Tivemos uma conversa com o Livingston sobre o esporte que ele estava praticando. Que ele não precisava se preocupar em ser um profissional e fazer aquilo por toda a vida. Que era bom ele praticar um esporte, mas que deveria se divertir. Ele tem só 11 anos, não tem de decidir agora o que vai fazer para o resto da vida. Temos essa ideia, em várias fases da vida, de que quando escolhemos um caminho ele deve ser algo absoluto. Mas não precisa ser assim. Não somos uma coisa só, nem somos os mesmos para sempre.

**Acha que essa cobrança de se autoafirmar de forma drástica aumentou em um mundo politicamente polarizado?** Com toda a certeza. Não é acidental que a mensagem desse

## “A polarização não se baseia nas crenças de alguém, mas na reação emocional de se opor ao que o outro pensa. Essa é uma sociedade que não se esforça para entender o próximo”

livro, desse "livro infantil" *(ele faz as aspas com os dedos)*, seja sobre as contradições humanas. Também quero falar com os adultos enquanto eles leem para seus filhos. Quero espalhar a ideia de autoaceitação, que possamos nos perdoar e abraçar as nossas contradições enquanto humanos e como sociedade. Hoje, nós nos polarizamos antes mesmo de pensar de forma racional no que acreditamos e em quais são as outras opções, para refletir sobre elas. A polarização política não se baseia nas crenças de alguém, mas, sim, na reação emocional de se opor ao que o outro pensa. Essa é uma sociedade que não se esforça para entender o próximo, nem a si mesma.

**Como assim?** Só podemos dizer que nos conhecemos de verdade a partir do momento em que olhamos para o outro e temos empatia por ele. Ouvir o que as pessoas sentem, dialogar, dar as mãos são atitudes essenciais para nossa sociedade evoluir e dar um bom exemplo às nossas crianças. Em meio a esta confusão que vivemos, não damos chances aos jovens de praticarem esse autodesenvolvimento.

**O senhor e sua esposa criaram uma instituição chamada Just Keep Livin', com atividades educativas e esportivas para jovens de baixa renda. O que os motivou a abraçar a causa de cuidar de jovens?** Se queremos um mundo melhor, precisamos de pessoas melhores. O caminho ideal para isso é apostar nos jovens e nas crianças, dar a eles ferramentas para se desenvolverem de forma saudável. Todos

podemos ajudar. Todo dia podemos ser pais um pouco melhores, professores e mentores melhores.

**Em 2021, o senhor flertou com a possibilidade de concorrer ao cargo de governador do Texas. A política ainda o interessa?** Essa é uma vertente que ainda estou analisando se faz sentido para mim. Se posso ser útil e se vou sentir prazer em exercê-la. Gosto de sentir alegria enquanto trabalho. Neste momento, tenho prazer em ser um artista, um contador de histórias e um pai. Sobre a política, continuo analisando, entendendo que líder eu poderia ser. Esse é um exercício, aliás, que todos deveriam fazer.

**Em que sentido?** Todos nós podemos nos imaginar na política. Faz com que você entenda os desafios e pense em como suas decisões vão afetar a vida de diversas pessoas. Pessoas que você nem conhece. Como podemos impactar de forma positiva a vida da população? Trata-se de um exercício que nos ajuda a ser menos egoístas.

**De volta ao cinema, tem algum projeto a caminho?** Acabei de rodar um filme com o diretor Paul Greengrass chamado *The Lost Bus (O Ônibus Perdido)*. É sobre um ônibus escolar em meio ao maior incêndio da história da Califórnia, em 2018. Neste momento, aliás, estou no set de outro filme, ajudando um amigo. Mas esse é um segredo — e no ano que vem vocês vão ficar impressionados com ele. ■

# O QUENTE FIM DE VERÃO NA FRANÇA

**DEPOIS DE GANHAR** a maioria dos assentos do Parlamento nas eleições legislativas de julho, mas não levar, como de praxe, o cargo de primeiro-ministro da França, a esquerda seguiu o roteiro esperado para uma nação movida por pressão popular e foi para as ruas. **Capitaneadas**

REMON HAAZEN/GETTY IMAGES

**pela Nova Frente Popular (NFP), que congrega os socialistas e os verdes, 110 000 pessoas protestaram, em Paris e diversas outras cidades, contra a nomeação do conservador Michel Barnier,** 73 anos, para o cargo. "É um roubo eleitoral", bradou o líder do partido França Insubmissa, Jean-Luc Mélenchon, um dos líderes da NFP, que esperava ver a ex-secretária de Finanças da capital francesa, Lucie Castets, na cadeira de presidente da Assembleia Nacional. Alegando que ela não teria força para resistir a uma moção de censura da extrema direita, o presidente Emmanuel Macron adotou a arriscada manobra de optar por Barnier, um político hábil que negociou a saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit. O escolhido promete diálogo, mas já balança antes mesmo de estrear no novo emprego, uma vez que os esquerdistas ameaçam constrangê-lo. Por enquanto, quem já deu sinais de poder salvá-lo é o Reagrupamento Nacional, partido da extrema direita, comandado por Marine Le Pen. Pesam, nesse caso, as convergências políticas, principalmente em torno do controle da imigração ilegal. Por ora, Macron evita ceder espaço aos progressistas, mas os protestos são o prenúncio de uma temporada quente no fim do verão francês. ■

---

**Paula Freitas**

# “NÃO HÁ LIVROS FÁCEIS”

O professor português responsável pela nova tradução da *Bíblia*, diretamente do grego, comenta os desafios da empreitada e a beleza de alguns livros presentes no *Antigo* e no *Novo Testamento*

ÉRICA FUJITO

**DE AQUILES A JESUS** O especialista: “Os *Evangelhos* são campeões em beleza”

**Qual foi a etapa mais árdua nessa jornada de transpor a história bíblica para o nosso idioma?** Uma coisa é certa: não há livros fáceis na *Bíblia*. São todos muito diferentes e cada um coloca seus desafios, que nem sempre são linguísticos. No caso do *Antigo Testamento* grego, há uma certa homogeneidade na linguagem por se tratar de uma versão feita numa fase específica da história da língua grega, o chamado período helenístico. Penso que os biblistas que trabalham com o texto hebraico *(boa parte do Antigo Testamento foi escrita nessa língua e depois vertida para o grego)* sentirão maiores diferenças nos livros do *Antigo Testamento*. No caso do *Novo Testamento*, as diferenças no texto são perceptíveis de livro para livro. Os quatro *Evangelhos*, de um modo geral, são mais simples na sua expressão, mas as cartas de Paulo e as duas de Pedro parecem-me escritas em um grego mais complexo.

**Mas qual seria o texto mais desafiador?** Se eu tivesse de escolher o livro em grego mais difícil da *Bíblia*, eu diria que é a *Carta aos Hebreus*. É um texto complicado de ler e compreender, e, para meu gosto, não tem a beleza de outros livros do *Novo Testamento*. Os campeões em beleza são os quatro *Evangelhos*.

**Entre os *Livros Sapienciais*, recém-publicados no país pela Companhia das Letras, o que podemos encontrar de tocante ou surpreendente?** O meu preferido entre eles é, sem dúvida, *Eclesiastes*. Considero um dos textos mais

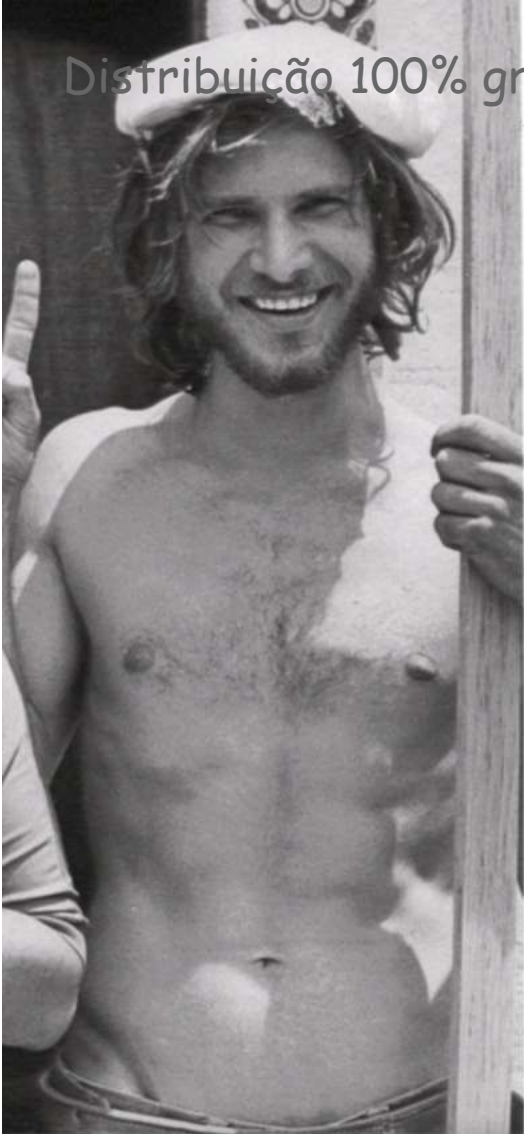
extraordinários da história da humanidade. A lucidez e o realismo com que se observa a vida humana têm uma profundidade filosófica que estimula ainda hoje à reflexão. Gosto muito de outros livros mais recentes na tradição judaica, como o livro de *Sabedoria* e os *Salmos de Salomão*, escritos no final do período helenístico. Os *Salmos* propriamente ditos também contêm passagens magníficas. Depois há aquele enigma dentro do *Antigo Testamento*, que é o *Cântico dos Cânticos:* um texto sobre o amor erótico que, apesar disso, suscitou inúmeras leituras alegóricas que procuram anular sua característica sensual.

**O senhor também traduziu os clássicos de Homero. Existem grandes diferenças em relação ao trabalho com a *Bíblia*?** A *Ilíada* e a *Odisseia* foram compostas num grego extremamente artificial. No fundo, é uma língua que foi sendo inventada por gerações de poetas orais para se adequar ao verso épico. Não é um grego que alguma vez tenha se falado. Encontrar uma maneira em português de sugerir seu perfume poético foi para mim o maior desafio. No caso da *Bíblia*, o texto encontra-se de forma homogênea no grego que era falado no período helenístico — era o idioma internacional, a "língua comum". Então o grego que lemos na *Bíblia* é mais natural, digamos assim. E tem, pelo menos para mim, uma beleza poética que, ainda sendo diferente, não é menor do que a de Homero. ■

Diogo Sponchiato

PAUL BUCK/EFE

# CHICLETE COM BANANA

Em 1959, Jackson do Pandeiro (1919-1982) fez fama com a canção *Chiclete com Banana*, que atravessaria décadas: "Eu só boto bebop no meu samba / quando o Tio Sam tocar um tamborim". Quem primeiro misturou com sucesso a goma de mascar com a fruta típica dos trópicos, os Estados Unidos com o Brasil, foi o pianista e arranjador **Sérgio Mendes.** Em 1964, logo depois do golpe militar, ele partiu para Los Angeles — e nunca mais voltaria, a não ser para apresentações sempre muito requisitadas. A fama internacional, ao longo de

**ARCA PERDIDA**
Mendes *(no centro, de barba)* com Harrison Ford *(à dir.)*: "Não teria dinheiro para o cachê dele"

35 álbuns, brotou em 1966, com *Mas que Nada*, de Jorge Ben, hoje Ben Jor, em suingue contagiante, levada ao topo das paradas. Em 2006, remixada pela banda Black Eyed Peas, o samba com jeito de bossa nova renasceu com força.

De ouvido extraordinário, Mendes sabia também pôr a banana no chiclete. A regravação de um dos clássicos dos Beatles, *The Fool on the Hill*, foi elogiada por Paul McCartney. Havia quem fizesse cara feia para os arranjos exagerados, mas era crítica rapidamente dissipada. "Onde quer que esse moço se sente, num piano, todo mundo fica sabendo que está diante de um músico extraordinário", disse dele Tom Jobim. Bem-humorado, gostava de relembrar histórias curiosas de uma carreira sempre alegre. A VEJA, em 2021, lembrou de um episódio do tempo da arca perdida, ao construir um estúdio na Califórnia, em 1970. O carpinteiro: Harrison Ford, antes de Hans Solo e Indiana Jones. "Hoje não teria como pagar o cachê dele", sorriu. Mendes morreu em 5 de setembro, aos 83 anos.

## UMA VOZ PARA SEMPRE

**DARTH VADER** James Earl Jones: *"No, I am your father"*

Refinado ator de formação shakespeariana, prodigioso intérprete em 120 filmes e noventa séries de televisão, **James Earl Jones** colou seu nome ao século XX, aqui na Terra e quem sabe em galáxias muito, muito distantes, pela voz rouca e pausada de Darth Vader, o vilão da franquia *Star Wars*, lançada em 1977. *"No, I am you father"*, no original, em inglês, na revelação feita a Luke Skywalker, ecoará até o fim dos tempos. Jones gostava de contar uma anedota que, se não é verdadeira, é bem provável: ao pegar táxis, invariavelmente os motoristas identificam o timbre e imaginavam estar transportando o malvadão mascarado. Como que para provar a capacidade de suas cordas vocais, ele ficou conhecido também pelo Mufasa do desenho *O Rei Leão*: "Simba, você esqueceu quem você é e esqueceu de mim. Olhe para dentro de você. Você é mais do que pensa que é". Jones morreu em 9 de setembro, aos 93 anos. ■

FERNANDO SCHÜLER

# SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

**EU ANDAVA** pelo Chile quando o nosso X, o antigo Twitter, desapareceu. *"Qué pasa en Brasil?"*, me perguntam em um almoço com colegas acadêmicos. "Longa história", respondi, "mas basicamente continuam salvando nossa democracia". Algumas risadas, um certo espanto, e a conversa migrou para outros assuntos. De minha parte, sempre achei o Twitter (muito antes do Elon Musk) uma rede tóxica, mas ótima para informação. Nos últimos anos fui selecionando um punhado de intelectuais que gosto de seguir. Niall Ferguson, Jonathan Haidt, por aí. "Agora complicou", fiquei matutando. É um pouco como as eleições americanas. Boa parte do debate acontece no X. O jeito é pedir ajuda. Alguém de algum país menos neurótico, na vizinhança, mandar uns prints do que estão falando. O almoço terminou e fui dar uma volta pelas ruas de Santiago, com aquela pergunta no ar: *"Qué pasa en Brasil?"*. A indagação era um pouco mais complicada: como fomos cair na conversa de que "os instrumentos da democracia não eram suficientes para defender a própria democracia"? A ideia curiosa de que toda censura

praticada no país, do PCO, do Marcos Cintra, do Guilherme Fiuza, daquela revista conservadora "que só tinha matérias jornalísticas", daquela turma que protestava na frente de um evento em Nova York, era sempre necessária para nos salvar de algo. Mesmo agora, com mais força ainda. Dois anos depois das últimas eleições.

É o mesmo com o X. Ler a longa decisão sobre o fechamento da rede é uma aula sobre o estranho país em que nos transformamos. Em algum momento, há uma ordem de banimento de um senador. Em um tuíte, ele fala do Tribunal de Nuremberg e diz que um delegado, que cumpre funções de Estado (valeria para qualquer servidor público?), não deveria obedecer a ordens ilegais. Os termos não são os mais elegantes. Mas está lá. É a opinião do senador. Em outro tuíte, ele alerta que poderá faltar segurança para a reunião do G20, visto que o pessoal anda ocupado com "operações políticas". É sua visão. Está errado? Não faço ideia. Digo apenas que é basicamente para isso que a Constituinte, nos anos 1980, deu a nossos parlamentares imunidade para expressar "quaisquer opiniões, palavras e votos". Para que eles pudessem botar a boca no trombone se tivessem algo relevante a dizer sobre o Tribunal de Nuremberg, o princípio da legalidade, ou se quisessem fazer alguma denúncia. Sem a "curadoria" de autoridades. Sem o fantasma da censura prévia. E por quê? Para que nossa democracia fosse feita por um Parlamento isento de medo. De esquerda, de direita, não importa. E cuja responsabilização fosse feita dentro de ritos bem

**IDEIA** A premissa de La Boétie: se as pessoas se recusam a obedecer, o poder se desfaz

definidos. Que chamamos "devido processo". Segundo uma "forma", e não apenas uma finalidade. O que no fundo define a alma de uma república.

A pergunta crucial é velha conhecida: o que diz a lei? Não é preciso ir longe para encontrar uma resposta. Há dez anos, o Congresso aprovou uma lei dizendo que ao juiz cabe deter-

# "Ao relativizar o sentido das palavras, relativizamos os direitos"

minar a retirada de conteúdos da internet. Observe-se: "conteúdos", não contas inteiras. Está lá, no Artigo 19º do Marco Civil da Internet. Conteúdos "com identificação clara e específica", sob pena de "nulidade". Por que isso? Para evitar o abuso. Para evitar a censura prévia. Tudo isso foi longamente discutido e defendido como uma conquista da democracia. Vale o mesmo para a imunidade parlamentar. Não é um privilégio, mas um tipo de bem público em uma sociedade liberal. E aqui é preciso ser claro: quando as leis dizem "quaisquer opiniões" e autorizam a retirada de "conteúdos", e não de pessoas, não se trata de brincadeira. O direito se expressa por meio de palavras. Quando relativizamos o sentido das palavras, o que estamos relativizando, de fato, é a força dos direitos. E é precisamente isso que não deveríamos fazer.

Há um lado teórico, na decisão do STF, sugerindo que o "princípio do dano", formulado por J.S. Mill em seu *Sobre a Liberdade*, poderia justificar o tipo de censura praticado no Brasil de hoje. A lógica: dado que uma autoridade considera

que um discurso possa causar danos aos demais, justifica-se o banimento. Entrariam aí mesmo categorias muito abertas, como discursos de "ódio" ou "antidemocráticos". Tudo o.k., com um detalhe: o argumento de Mill anda na direção contrária. O que Mill quis dizer é justamente que não se deve censurar alguém apenas porque emitiu uma opinião "odiosa", signifique isso o que significar. Mill fez uma conhecida distinção para explicar essas coisas: "Uma opinião", disse ele, "de que os negociantes de milho deixam os pobres famintos não deve ser molestada quando é simplesmente circulada pela imprensa". Por mais que alguém discorde dessa opinião, ou que ela possa, indiretamente, causar algum dano futuro, deve ser admitida. Sua punição só deve surgir quando aquilo for dito "a uma multidão enraivecida em frente à casa de um negociante de milho". A imagem não é um mero detalhe. Palavras configuram delitos apenas quando envolverem um risco claro e imediato.

O curioso nisso tudo é o apoio da sociedade. Algo que me fez lembrar, numa noite qualquer, de um pequeno livro perdido no tempo. O *Discurso sobre a Servidão Voluntária*, escrito por um tipo jovem e inquieto, Étienne de La Boétie, amigo de Montaigne, na França da década de 1550. O livro parte de um insight do jovem La Boétie: nenhuma tirania sobrevive sem a aceitação popular. É uma premissa lógica. Se as pessoas se recusarem a obedecer, o poder se desfaz. A partir daí, ele se põe a pergunta: por que as pessoas aceitam? O Brasil, por óbvio, não vive uma tirania. Nosso pro-

blema é bem mais sutil. É a aceitação dessa estranha "militância da democracia", cuja pedra de toque, por curioso que seja, é certo jogo com as regras do direito. E por aí vale a pena lembrar de La Boétie. Seu livro antecipa o paradoxo da ação coletiva: podemos todos desejar a liberdade, mas, nas urgências da vida, as coisas não funcionam bem assim. Vale a pena, para um jornalista, fazer uma crítica dura a uma medida de censura? Vale a pena para um jurista contestar a decisão de uma alta autoridade judiciária que julgará um caso seu logo ali à frente? E para um militante que quer mais é ferrar seu inimigo, faz mesmo sentido defender seu "direito à expressão"? Talvez seja isso. Mistura de medo, interesse, conveniência. O fato é que fui lá, na minha estante, limpei um pouco a poeira, e reli meu velho La Boétie.

O que talvez nos ajude é que estamos diante de uma experiência inédita em nossa democracia: não meia dúzia, mas um país inteiro bloqueado, feito um bando de crianças grandes, em uma rede importante para o debate público. E talvez surja daí algum caminho. O bloqueio do X mexeu com o dia a dia de muita gente, com o acesso à informação, com poder das pessoas para dizerem o que pensam. E é talvez por isso que vejo muita gente refletindo. Querendo entender aquela pergunta que me fiz, caminhando pelas ruas de Santiago. Para qual, confesso, ainda não encontro uma boa resposta. ■

---

**Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper**

# SOBE

**JAIR E MICHELLE BOLSONARO**

Por decisão da Justiça do Distrito Federal, o ex-presidente e a ex-primeira-dama vão receber uma indenização de 15 000 reais pelas falsas acusações feitas por Lula e Janja a respeito do sumiço dos móveis do Palácio da Alvorada. Cabe recurso.

**NICOLE KIDMAN**

Protagonista do filme *Babygirl*, ela recebeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza.

**JANNIK SINNER**

Número 1 do mundo, o tenista italiano sagrou-se campeão do US Open ao bater na final o americano Taylor Fritz.

# DESCE

**CORREIOS**

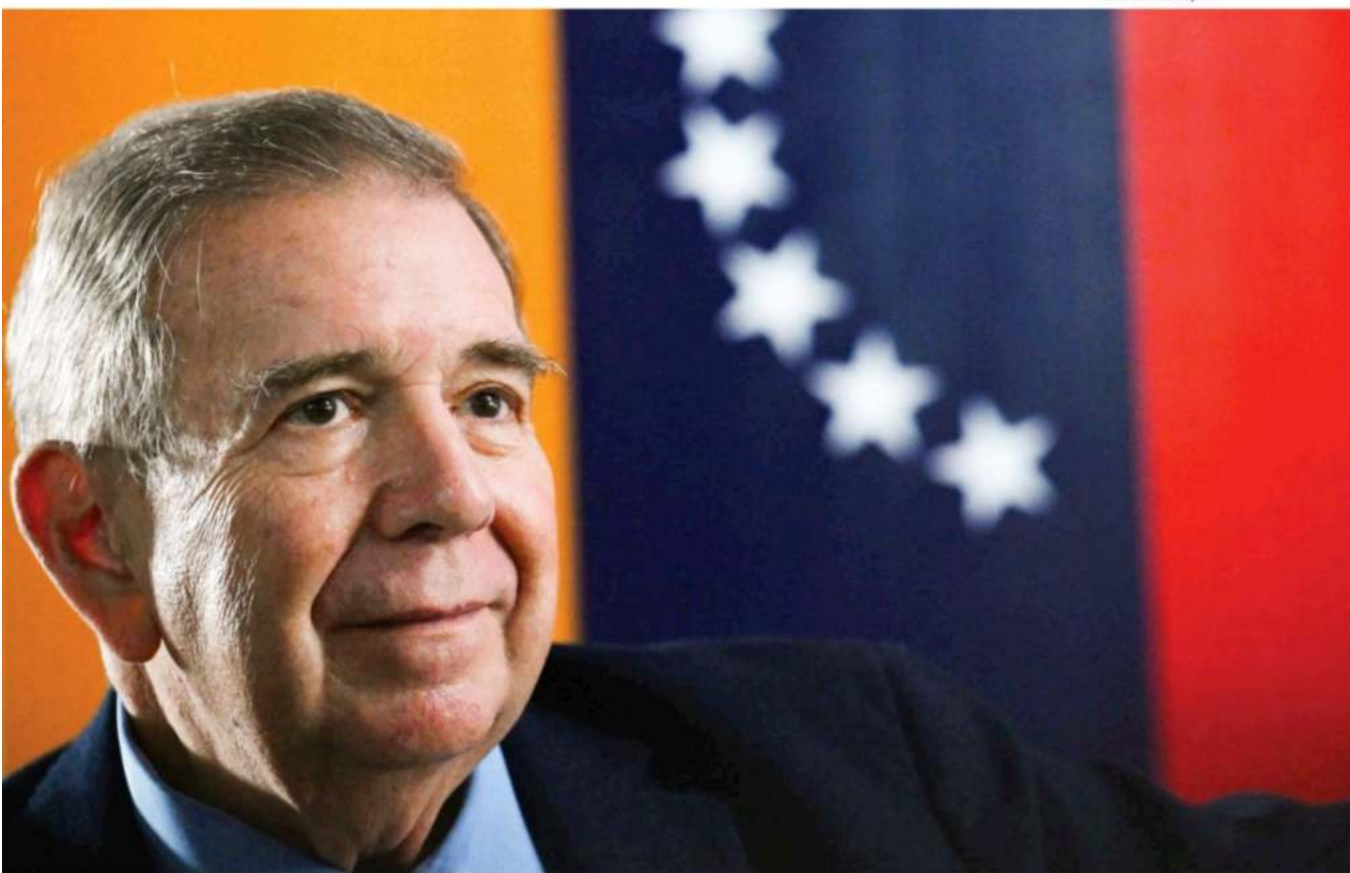
O prejuízo da estatal cresceu mais de 80% e chegou a 1,3 bilhão de reais no primeiro semestre deste ano.

**GUSTTAVO LIMA**

A Justiça determinou o bloqueio de 20 milhões de reais da Balada Eventos, que tem o cantor como um dos seus sócios, devido a suspeitas de jogos ilegais e lavagem de dinheiro.

**DORIVAL JÚNIOR**

A seleção "treinada" pelo técnico vem batendo recordes em vexames. Ao perder para o Paraguai, caiu para quinto lugar na disputa das eliminatórias da próxima Copa do Mundo.

UAN BARRETO/AFP

## “Continuaremos na luta.”

**EDMUNDO GONZÁLEZ,** diplomata venezuelano de 75 anos, que alega ter vencido as eleições presidenciais de julho. No domingo 8, ele chegou a Madri, onde recebeu asilo, depois de ter a prisão decretada pela ditadura de Nicolás Maduro

“O capital é um cachorro medroso. Se ele estiver na iminência de tomar uma pedrada, ele vai fugir.”

**RICARDO CASTELLAR,** fundador da Granja Faria, maior produtor de ovos do Brasil, que está na lista de bilionários da revista americana *Forbes*

"As leis existem, mas a inclusão ainda não."

**BEL KUTNER,** atriz, mãe de um filho com autismo

"O prêmio de melhor roteiro abraça todo um filme, porque um roteiro é a sua argamassa."

**WALTER SALLES,** diretor do filme *Ainda Estou Aqui*, baseado no livro homônimo de Marcelo Rubens Paiva a respeito do Alzheimer de sua mãe, que passou a vida adulta na busca de alguma explicação para o assassinato do marido, o deputado Rubens Paiva. O roteiro premiado no Festival de Veneza foi escrito por Murilo Hauser e Heitor Lorega

"Não sou uma pessoa particularmente resiliente. Pode parecer que sim, mas tenho medo de ser devorado pela tragédia."

**NICK CAVE,** compositor e cantor punk australiano que nos últimos anos perdeu dois filhos. Ele acaba de lançar o álbum *Wild God*

"A internet tira da gente qualquer possibilidade de correr de uma notícia para outra. E eu gosto desse processo. Na internet, o leitor vai direto no que ele quer, não se depara com algo que não espera."

**ANTONIO FAGUNDES,** ator, diretor e produtor, que se declara um "analfabyte"

“Vou pegar um período particularmente duro. A novela estreia com o horário eleitoral. Depois vem Natal, Réveillon, Carnaval e mais uma coisa, o *Big Brother Brasil.*”

**JOÃO EMANUEL CARNEIRO,** autor da nova novela da Globo, *Mania de Você,* preocupado com a audiência, freada pelo calendário e inclusive por um programa de baixa qualidade da emissora

“Fumava meu baseado como um executivo toma sua dose de uísque quando chega em casa.”

**ASTRID FONTENELLE,** apresentadora de televisão, que lançará no fim do mês o programa *Admiráveis Conselheiras,* no GNT, de conversas com mulheres maduras

“Cara, esse gramado é uma m... .”

**LEBRON JAMES,** estrela do basquete, a respeito do campo da Arena Corinthians, onde foi disputada uma partida da liga de futebol americano, a NFL. Os jogadores, mais pesados do que os de futebol, e com movimentos diferentes, escorregavam no piso misto de grama híbrida com sintética

LIONEL HAHN/GETTY IMAGES

**"Um dos maiores equívocos sobre mim é que eu amava meu corpo."**

**DEMI MOORE,** atriz americana, 61 anos

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Nicholas Shores e Pedro Pupulim

## Feliz aniversário

Presidente do STF, **Luís Roberto Barroso** completa nos próximos dias um ano no posto. "Um período desafiador", segundo ele, em que o STF se consolidou como "conciliador" da República, mediando conflitos em diferentes setores, do Parlamento — e o orçamento secreto — a questões indígenas, de saúde, drogas e na economia.

ANDRE BORGES/EFE

**"DESAFIADOR"** Barroso: ministro avalia primeiro ano no comando do Supremo

## Na própria carne

A coisa foi ainda mais dura no CNJ, também conduzido por Barroso. Nunca tantos Tribunais de Justiça e magistrados estiveram sob investigação por crimes envolvendo decisões judiciais.

## Limpando as gavetas

O chefe do STF também mirou as execuções fiscais, um gargalo no Judiciário. Em um ano, foram extintos mais de 2 milhões de ações com valor de até 10 000 reais em diversos estados.

## Chaga social

O julgamento sobre a questão das drogas, diz Barroso, foi um dos mais importantes na Corte. “Foi um período desafiador. O STF deu solução à descriminalização do porte de drogas, medida que impede o hiperencarceramento de jovens de periferia, política que destruía vidas e fornecia mão de obra a facções nos presídios.”

## O próximo alvo

O chefe do STF pretende agora promover um grande “choque de moralidade” em cartórios do país, unificando regras de concurso para esses espaços.

## Sem pressa

A ação do Novo que questiona a decisão de Alexandre de Moraes de suspender o X no Brasil só deve ser levada por Nunes Marques ao plenário do STF após as eleições. Depois, Barroso decidirá se pauta ou não o tema.

## Trem da alegria

Com boa parte do país em chamas, Lula foi ao Amazo-

nas com oito ministros, além de uma infinidade de assessores. Com seus discursos, o presidente foi o único que fez alguma coisa.

## Pastel de vento

A necessidade de uma comitiva tão grande — com mobilização de aviões e muitos carros, seguranças — constrangeu auxiliares de Lula. "Deixamos um monte de coisas paradas em Brasília e não fizemos nada lá", diz um deles.

## Ilusionismo político

No AM, aliás, Lula anunciou a tal Autoridade Climática. Nem os ministros do governo entendem a serventia do órgão. "Parece factoide. Não era para o ministério da Marina ser autoridade nessa área?", ironiza um deles.

## A força da máquina

Desde o início oficial da campanha, em 16 de agosto, Lula já cumpriu agendas em doze municípios de sete estados — uma cidade diferente a cada 2,3 dias, em média. É a força da máquina.

## Fale agora ou...

Elmar Nascimento trucou Lula na conversa de quarta: "Se o senhor, por alguma razão, acha que não devo ser candidato, essa é a hora de dizer. Eu não serei". Ele sabia que Lula diria que não há veto na eleição da Câmara.

## Vizinhança do barulho

Celso Sabino, que apoia Elmar, esperava Arthur Lira em seu aniversário na terça à noite. Ele não foi. Enquanto rolava a festa do chefe do

Turismo, Lira reunia líderes na residência oficial da Câmara — algumas casas pra frente, na mesma rua — em apoio a Hugo Motta.

## História de superação

Famoso por ter sido flagrado pela PF com 33 000 reais nas nádegas, o senador Chico Rodrigues deu a volta por cima. Ganhou de Rodrigo Pacheco o gabinete mais cobiçado do Senado, na frente do plenário.

## Olho no lance

Desde que o Smart Sampa, sistema de vigilância por câmeras inteligentes, foi inaugurado em SP, em fevereiro, os agentes da GCM já conduziram 500 suspeitos às delegacias por tráfico.

## Equilíbrio é tudo

Ainda processando o escândalo de assédio sexual no Ministério dos Direitos Humanos de Lula, a Comissão de Ética da Presidência decidiu avançar, nesta semana, contra **Sérgio Camargo,** ex-auxiliar de Jair Bolsonaro na Fundação

FUNDAÇÃO PALMARES/DIVULGAÇÃO

**NA MIRA** Camargo: ele virou alvo da Comissão de Ética da Presidência

Palmares. Ele foi intimado a se defender em outro caso de conduta irregular no serviço público — não sobre assédio, claro.

## Negócio das arábias

Mauro Vieira participou da reunião do Conselho de Cooperação do Golfo nesta semana. Saiu da Arábia Saudita com anúncio de investimentos diretos no Brasil de 10 bilhões de dólares.

## Linha direta

A Arábia Saudita quer investir numa "ponte marítima", ou seja, uma linha entre portos daqui e de lá exclusivos para os produtos de ambos os países.

## Aventura europeia

No almoço do Lide com Emmanuel Macron, em Paris, Tércio Borlenghi Jr. anunciou a decisão da Ambipar de comprar uma fábrica no país para expandir seus negócios. Macron gostou.

## Reunião produtiva

CEO da Amazon Web Services no Brasil, Cléber Pereira anunciou investimentos de 10 bilhões de reais, num encontro com Geraldo Alckmin.

## Chegando ao fim

A longa disputa judicial em torno da massa falida da Vasp vai chegar ao fim nos próximos dias. Coisa de 1,5 bilhão de reais só na fatia dos empregados.

## O perigo mora ao lado

Ronaldo Caiado está indignado com Ibaneis Rocha. O motivo: os incêndios no

DF que ameaçam Goiás: "Brasília está com incêndios por todo lado", diz.

## Nas mãos de Lula

A advogada Cláudia Corrêa, que já era apoiada por petistas influentes, ganhou uma chancela de peso para ser a nova desembargadora do TRF2: a simpatia da primeira-dama, Janja.

INSTAGRAM @FILLARDIS

## Urna mortuária

Segundo o TSE, já chega a 68 o número de candidatos que morreram durante a campanha nestas eleições municipais. PL e MDB têm as maiores baixas.

## Comédia dramática

O governo autorizou recentemente uma produtora a captar quase 1 milhão de reais para realizar uma temporada do espetáculo *O Começo do Fim*, estrelado por **Isabel Fillardis** e Well Aguiar. ■

**PALCO** Isabel: comédia sobre os dramas de um casal divorciado

GABRIELA CATUNDA/MDHC

**CRIME E CASTIGO** Almeida e Anielle: elogios inconvenientes, sussurros eróticos e demissão

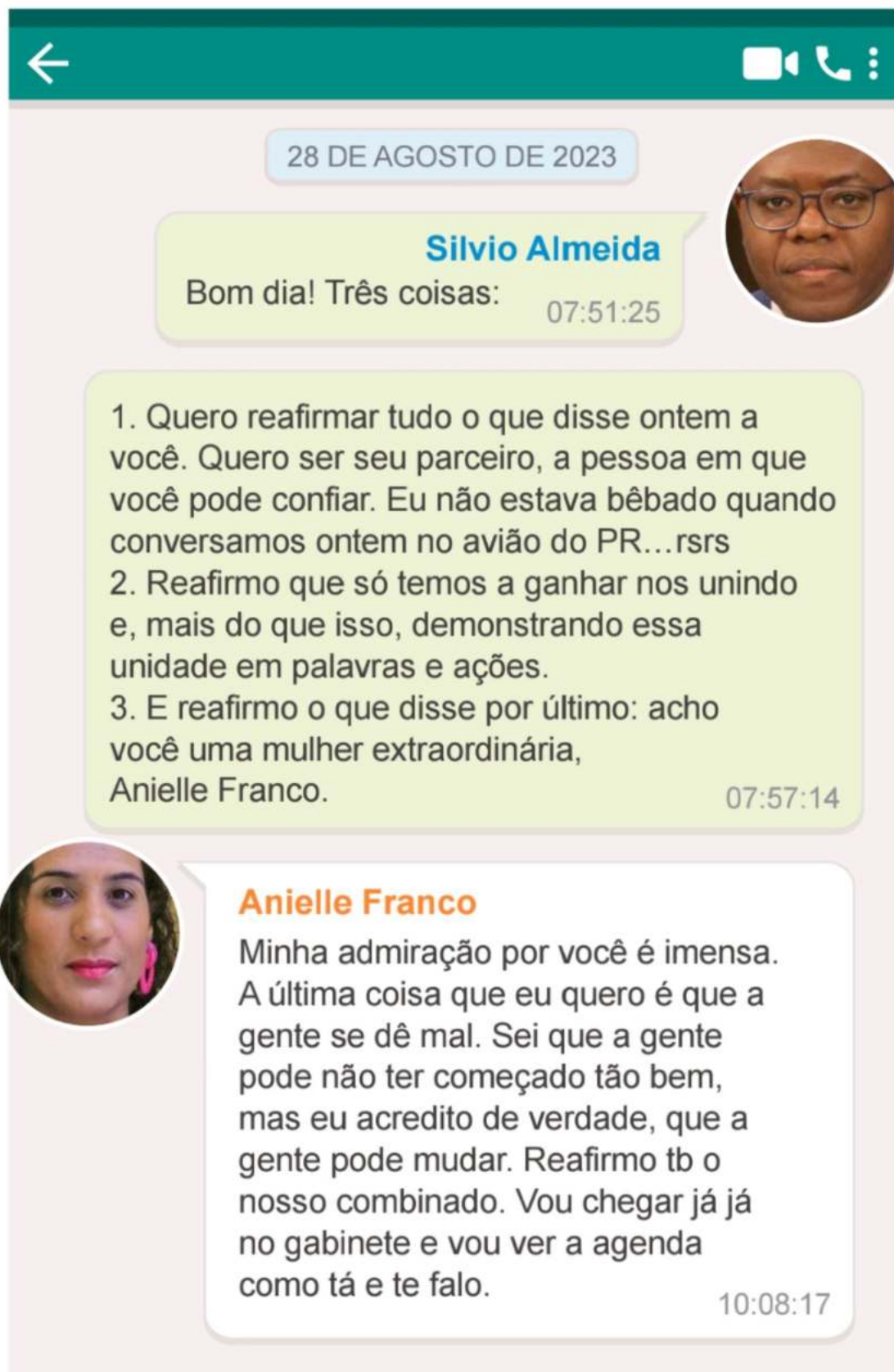
# AS DUAS FACES DE UM CRIME

Ministra da Igualdade Racial contou detalhes da importunação sexual que teria sofrido durante meses por parte do ministro dos Direitos Humanos — acusação que já era conhecida pelo governo, que só tomou providências quando o caso ganhou ares de escândalo

**LARYSSA BORGES, MARCELA MATTOS** E **RICARDO CHAPOLA**

**CAPA:** FOTO DE DUDA RODRIGUES/MDHC

Anielle Franco escolheu um restaurante reservado, relativamente afastado da região mais movimentada de Brasília, para uma conversa que deveria ser definitiva. Desde que assumiu o comando do Ministério da Igualdade Racial, no início de 2023, ela vinha sendo alvo de constrangimentos e importunações por parte de um colega, o ministro Silvio Almeida, dos Direitos Humanos. Os dois se conheceram durante o período de transição de governo e se aproximaram muito depois da posse. Aos poucos, as conversas descontraídas do início da relação foram dando lugar a investidas de conotação sexual. O ministro mirava Anielle com olhares enviesados, fazia "elogios" inconvenientes, sussurrava fantasias eróticas nos ouvidos dela e, na mais ousada das incursões, chegou a repousar a mão entre as pernas da ministra. O encontro no restaurante foi a última tentativa de Anielle de colocar um ponto-final em uma situação "insustentável", que já havia chegado ao conhecimento de outros ministros, de assessores importantes do Palácio do Planalto e do próprio presidente da República. Ela tentou evitar que o caso se transformasse em um escândalo, mas, segundo seu relato, não deu certo.

Na sexta-feira 6, Silvio Almeida foi demitido depois que o site Metrópoles revelou que a ONG Me Too Brasil havia recebido denúncias de assédio sexual contra ele e que Anielle seria uma das vítimas. Pouco antes de perder o cargo, o ministro negou as acusações, se disse vítima de perseguição, exibiu um conjunto de mensagens que atestariam que man-

28 DE AGOSTO DE 2023

**Silvio Almeida**

Bom dia! Três coisas: 07:51:25

1. Quero reafirmar tudo o que disse ontem a você. Quero ser seu parceiro, a pessoa em que você pode confiar. Eu não estava bêbado quando conversamos ontem no avião do PR...rsrs
2. Reafirmo que só temos a ganhar nos unindo e, mais do que isso, demonstrando essa unidade em palavras e ações.
3. E reafirmo o que disse por último: acho você uma mulher extraordinária, Anielle Franco. 07:57:14

**Anielle Franco**

Minha admiração por você é imensa. A última coisa que eu quero é que a gente se dê mal. Sei que a gente pode não ter começado tão bem, mas eu acredito de verdade, que a gente pode mudar. Reafirmo tb o nosso combinado. Vou chegar já já no gabinete e vou ver a agenda como tá e te falo. 10:08:17

Você vai ou foi pra SP!? 11:01:10
Estou em SP, querida 11:03:55
Que bom que conseguiu ir 11:04:07
Nosso jantar para afinar os ponteiros fica para a semana que vem 11:05:24
Perfeito 11:05:24
E, olha: eu quero recomeçar com você. Recomeçar 11:05:50
Eu também 11:06:28
...

THAYANE ALVES

**NO MINISTÉRIO** Importunação: ministra disse que teve as partes íntimas tocadas durante uma reunião

tinha apenas uma relação cordial com a ministra e citou o encontro no restaurante como prova de sua inocência. O que Almeida não sabia é que Anielle já havia dado um detalhado depoimento sobre o caso, inclusive sua versão para o encontro no restaurante. Diante dos ministros Vinícius Marques de Carvalho (Controladoria-Geral da União), Jorge Messias (Advocacia-Geral da União), Cida Gonçalves (Mulheres) e Esther Dweck (Gestão), Anielle confirmou que era assediada "há vários meses", relatou diferentes episódios em que o colega se dirigia a ela com palavras de "lascívia" e descreveu cenas em que teve os ombros e as costas apalpadas de forma absolutamente inapropriada. Confirmou também ter ficado

totalmente “desconcertada” num dia em que Almeida tocou suas partes íntimas por baixo da mesa, durante uma reunião de trabalho e na presença de várias autoridades.

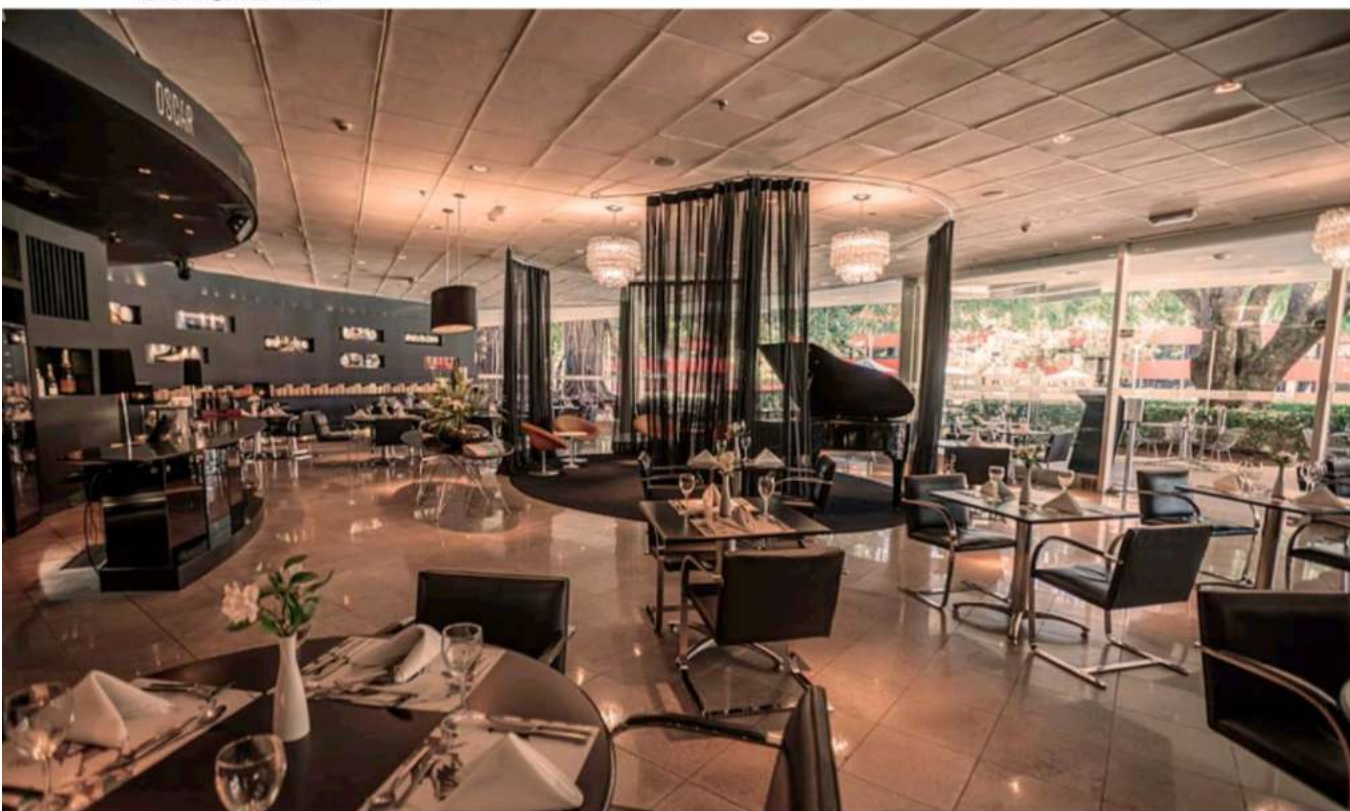
No depoimento, a ministra descreveu as diversas agressões de que era alvo e explicou o contexto em que aceitou jantar com o colega, mesmo depois de tudo que ele já havia feito. Conta que o convite partiu dela e o objetivo era tentar convencer o colega a mudar o comportamento e evitar um escândalo que poderia comprometer a carreira de ambos. Foi, de fato, um jantar cordial, como disse o ministro em sua versão. A certa altura da conversa, Almeida reconheceu ter passado do ponto e até lamentou. Na saída do restaurante, porém, o ministro teria se aproximado de Anielle e, como se nada tivesse acontecido, sussurrado no ouvido dela um desejo — uma expressão impublicável. No relato que fez aos colegas de ministério, Anielle ressaltou que, mesmo sofrendo importunações sexuais de maneira recorrente havia mais de um ano, não tinha formalizado a denúncia por medo de ser desacreditada e perder o cargo por não ter como comprovar as acusações — um problema enfrentado pela grande maioria das vítimas de assédio. “Como são crimes que quase sempre não deixam vestígios materiais, temos a palavra de um contra a palavra do outro”, ressalta a ex-promotora Gabriela Manssur, especialista em defesa dos direitos das mulheres.

Silvio Almeida negou todas as acusações e se disse vítima de uma armação política. Antes de ser demitido, ele também

2 DE SETEMBRO DE 2023
Anielle Franco
Bom fds pra vcs 11:21:27
Não esquece de mim semana que vem 11:21:33
bjo 11:21:36
Silvio Almeida
Nunca, Anielle
15:35:50
Nunca vou esquecer porque para mim este nosso papo é um dos mais importantes que eu tenho que fazer
15:36:17
Tanto em nível político, quanto em nível pessoal.
15:36:31

3 DE SETEMBRO DE 2023
Imagem ocultada 16:14:56
Somos lindos, Anielle! 16:15:29
E esse seu vestido é deslumbrante 16:15:43
Ficou mto foda né !? 16:21:28
Demais. Demais 16:22:43
Bora pensar num textinho pra subir juntos!? Pode ser amanhã kkkkk só queria te enviar mesmo 16:26:06
Vamos!
Tô muito animado com a possibilidade da gente acertar tudo esta semana. 16:26:45
Algo leve Tipo Lindos, negros, competentes e ainda ministros kkkkkk 16:26:49

foi ouvido pelos colegas do governo. O ministro relatou que havia uma disputa por protagonismo com Anielle em relação à luta contra o racismo, mas que isso, embora tenha gerado algumas rusgas, nunca atrapalhou a boa relação entre eles. Pelo contrário. Os dois conversavam com frequência, tinham certa intimidade e projetos comuns. Para provar o que dizia, Almeida selecionou um conjunto de mensagens que ele trocou com a ministra de novembro de 2022 a março de 2024. Os diálogos, segundo ele, mostram uma relação que seria incompatível entre uma vítima de assédio e seu pretenso algoz. Há juras de fidelidade, demonstrações de carinho e elogios mútuos. “Quero ser seu parceiro, a pessoa em que você pode confiar. Eu não estava bêbado quando conversamos ontem no avião do PR...”, escreveu ele em agosto do ano passado. Os dois haviam acabado de voltar de uma viagem oficial fora do país. “Minha admiração por você é imensa. A última coisa que eu quero é que a gente se dê mal”, respondeu Anielle. Na ocasião, eles combinaram um jantar para “afinar os ponteiros”. “Eu quero recomeçar com você”, ressalta Almeida. “Eu também”, responde Anielle. Dias depois, a ministra envia uma foto de ambos. O ministro comenta: “Somos lindos, Anielle!”. E acrescenta: “Esse seu vestido é deslumbrante”. “Ficou muito f. né!?”, ela concorda, sugerindo uma legenda para a imagem: “Lindos, negros, competentes e ainda ministros”. No dia em que a ministra afirma ter sido surpreendida pela mão boba do ministro, há o registro de uma ligação não atendida dela para ele após a reunião.

INSTAGRAM @BRASILIAPALACE

**NO RESTAURANTE** Jantar: outra investida ao tentar convencer o colega a mudar o comportamento

Os rumores sobre o assédio à titular da Igualdade Racial já circulavam por vários gabinetes importantes de Brasília, incluindo o do presidente da República. Alguns ministros sabiam de detalhes. Porém, como a acusação de assédio não havia sido formalizada, auxiliares de Lula tentaram contornar o problema para evitar os danos políticos que a denúncia certamente provocaria. Amiga de Anielle Franco, a primeira-dama, Janja da Silva, entrou no circuito e ouviu da própria ministra detalhes das importunações sexuais. Anielle, porém, não estava disposta a levar o caso adiante, e pela versão de Almeida nada tinha acontecido, portanto, melhor

deixar como estava. Nas últimas semanas, os dois nem se cumprimentavam mais. Um dia antes da eclosão do escândalo, eles compareceram a um evento oficial. Sequer se olharam, e Anielle deixou o local antes de o ministro discursar. Uma dificuldade comum em investigações de crimes de assédio e importunação sexual é a produção de provas. As abordagens normalmente são feitas quando a vítima está sozinha ou longe de ambientes públicos. As falsas acusações são raras, mas também existem.

A denúncia contra o ministro foi publicada na noite da quinta-feira 5. Horas depois, ainda durante a noite, ele foi instado a prestar esclarecimentos. Em seu depoimento, relatou aos ministros Vinícius Marques de Carvalho, Jorge Messias e Paulo Pimenta (Secretaria de Comunicação Social) que as acusações, além de infundadas, eram fruto de uma disputa política entre militantes de pautas identitárias e fariam parte de um movimento para desacreditá-lo, orquestrado por um advogado ligado ao Grupo Prerrogativas. Durante a madrugada, Almeida procurou amigos para se aconselhar. A dois deles disse que estava propenso a tirar a própria vida. Não parecia blefe. Desorientado, repetia que a vida pessoal e a carreira profissional estavam arruinadas. Um advogado indicou um psiquiatra e outro o aconselhou a deixar o cargo para se dedicar a preparar sua defesa e evitar constrangimentos ao governo. Mais calmo, ainda na madrugada, ele ligou para um assessor do presidente da República para comunicar a decisão. Era tudo que o Planalto queria.

RICARDO STUCKERT/PR

**CASO ENCERRADO** Lula e Macaé, a nova ministra dos Direitos Humanos: rumores circulavam pelo Planalto havia meses

Lula não precisaria assumir o desgaste de demitir o ministro e apagaria o incêndio em poucas horas. Ficou acertado que Almeida iria conversar com o presidente ainda naquele dia e anunciaria sua demissão. O ministro, porém, mudou de ideia. Antes do encontro com o presidente, ele divulgou uma nota afirmando que as acusações contra ele eram "ilações absurdas", acusou o grupo Me Too de ter tentado interferir em uma licitação e informou que pediria que o Ministério

INSTAGRAM @JANJALULA

**SOLIDARIEDADE** Janja: primeira-dama ouviu o relato direto de Anielle

Público e órgãos do governo fizessem uma "apuração rigorosa" do caso. Na audiência com Lula, disse que não pediria demissão, reafirmou a inocência e tentou mostrar as provas de que dispunha: o vídeo do tal jantar com Anielle e as mensagens de WhatsApp trocadas com a ministra. Lula ouviu as explicações, mas já tinha o veredicto. A nova ministra dos Direitos Humanos, Macaé Evaristo, vai tomar posse na próxima semana. Para o Planalto, o caso está encerrado. ■

RICARDO RANGEL

# A ARMADILHA DO IDENTITARISMO

As lições que emergiram do caso Silvio Almeida

**NA SEMANA PASSADA,** Silvio Almeida foi afastado do governo por causa de uma denúncia de crime sexual; desde então, já apareceram mais duas. São denúncias graves, e a Polícia Federal está investigando o caso.

Além de grave, o episódio é emblemático de várias maneiras. Almeida, criador da expressão "racismo estrutural" e ex-ministro dos Direitos Humanos, era um representante do identitarismo do tipo que acha que teto de gastos é racista e faz ataques pessoais contra um antropólogo branco (Antonio Riserio) que comete delito de opinião, mas passa pano para um professor negro (Decotelli) que falsifica o currículo.

Demitido, Almeida agarrou-se ao cargo, usou o ministério para se defender, puxou a carta do racismo, ameaçou cair atirando, prometeu "vingar-se" de seus algozes.

Ocorre que a denunciante, Anielle Franco, é também ministra, também representante do identitarismo, do tipo que reclama do "racismo ambiental" e acha que "buraco negro" é expressão racista. A agressão de uma mulher por um ne-

gro dá um nó cego na ilusão identitária de que o integrante do grupo dominante é sempre culpado, o do grupo minoritário é sempre vítima e as minorias são aliadas naturais — e põe o movimento em parafuso. Mas tem mais.

Não se sabe se ou quando Anielle levou sua denúncia aos canais competentes. Sabe-se que recorreu a uma ONG, autorizou o vazamento da denúncia anônima, levou o caso à amiga Janja e o ministro caiu em seguida. Mesmo depois da queda de Almeida, Anielle não admite abertamente tê-lo denunciado: tudo o que se sabe sobre o crime é o que foi vazado para a imprensa em off.

Janja não tem cargo público, mas se mete em tudo, de reuniões com chefes de Estado estrangeiros a demissão de ministro. É o retrato acabado do nosso patrimonialismo.

Lula declarou que "alguém que pratica assédio não vai ficar no governo", mas "é preciso que a gente permita que ele

**"A agressão de uma mulher por um negro dá um nó na ilusão de que o integrante do grupo dominante é sempre culpado"**

se defenda". A intransigência de Lula com assédio sexual parece que depende da repercussão pública, porque consta que a Polícia Federal (cujo diretor estava na reunião em que teria havido o crime) sabe do caso desde o início do ano, mas só vai investigar agora. De resto, se Lula queria permitir que seu ministro se defendesse, poderia tê-lo afastado por meio de licença — mas preferiu demiti-lo no mesmo dia, pregando o último cravo no caixão da culpa.

Afora o golpe no identitarismo e o desastre que foi a condução do episódio, o affair Silvio Almeida traz muito o que pensar sobre a maneira pela qual se dá (ou não) o debate público atual. Almeida foi destruído nas redes antes que sequer se entendesse qual era a acusação. O necessário debate sobre como tratar de crime sexuais — em que é preciso proteger e dar crédito à vítima sem sacrificar a presunção da inocência — foi inviabilizado pela comoção pública.

A cultura do cancelamento, criada pelo identitarismo e turbinada pelas redes, se alastrou, e nosso reflexo generalizado é xingar antes e fazer perguntas nunca. Isso provoca injustiças, destrói reputações, interdita o debate, alimenta a polarização e põe em risco a democracia.

Precisamos escapar dessa armadilha. ■

# A DINASTIA DE PATOS

O novo favorito para presidir a Câmara dos Deputados pode ser a estrela maior do clã familiar que comanda uma cidade há mais de setenta anos

**MARCELA MATTOS** E **HUGO MARQUES**

**MARCO HISTÓRICO** Hotel JK: o clã já dava as cartas na política quando a obra começou, em 1961

ARQUIVO DAMIÃO LUCENA/REPRODUÇÃO

**EM FEVEREIRO** de 1962, a cidade de Patos, no sertão da Paraíba, recebeu a ilustre visita do ex-presidente Juscelino Kubitschek. A viagem até a região, localizada a 300 quilômetros da capital, João Pessoa, previa a participação dele na inauguração de um hotel que até hoje carrega as iniciais JK no letreiro. À época, o município tinha pouco mais de 60 000 habitantes, mais caminhões do que automóveis nas ruas e apenas algumas centenas de telefones. A chegada de um político de tamanha estatura era digna de parar a cidade. E assim foi. Passados 62 anos, Patos alcançou quase 110 000 habitantes, ganhou certa fama nacional pela festa típica de São João e atrai mais uma vez os holofotes — desta vez, em razão de um dos filhos da terra. Alçado à condição de fator-surpresa e favorito na disputa pela presidência da Câmara, o deputado federal Hugo Motta (Republicanos-PB) carrega a expectativa de elevar um representante do povo patoense ao ápice de uma carreira política construída há mais de sete décadas por sua família, que já dava as cartas na região antes mesmo daquela distante incursão de Kubitschek.

A saga de Motta não é tão improvável quanto parece. Pelo contrário, pode confirmar uma tradição bem brasileira: a de dinastias de clãs políticos, que transferem poder de geração a geração, estendendo sua influência de diferentes rincões para Brasília. Com 35 anos de idade, discreto e de perfil moderado, Motta cresceu vendo os parentes ocuparem cargos eletivos. Seu avô paterno, Nabor

**SAGA** Família Motta: avós e pai se revezam no poder desde a década de 50

Wanderley, foi prefeito de Patos na década de 1950, enquanto o pai, Nabor Wanderley Filho, foi deputado estadual, é o atual prefeito e tenta, nas eleições de outubro, alcançar o quarto mandato na função. Do lado materno, a avó, Francisca Motta, foi prefeita e vice-prefeita e agora cumpre, aos 84 anos, o sexto mandato de deputada estadual. Ela ingressou na política após o avô de Hugo, Edivaldo Motta, morrer enquanto exercia o segundo mandato de deputado federal, o mais alto posto alcançado até agora pelo clã. Cercado por políticos e engajado desde cedo na militância do MDB, Hugo Motta não teve dificuldades em seguir a trilha da família. Em 2010, o então estudante de medicina empunhou na campanha a bandeira de

que o sertão merecia voltar a ter um representante na capital federal para captar mais investimentos à região.

O caçula do clã foi eleito deputado federal aos 21 anos, a idade mínima para a função, graças ao apoio dos patoenses, que destinaram a ele 50% dos votos do município. Ao chegar à Câmara, Hugo Motta logo tratou de se aproximar de pessoas poderosas. Caso do deputado Eduardo Cunha, que foi líder do MDB, presidente da Casa e articulador do impeachment de Dilma Rousseff — e que acabou cassado e preso após ser abatido por denúncias de corrupção. Motta também se aproximou de Arthur Lira (PP-AL), eleito deputado federal em 2010, e atuou como um dos coordenadores da campanha dele ao primeiro mandato como presidente da Câmara, em 2020. O deputado paraibano ainda foi "adotado" pelo senador Ciro Nogueira, presidente do PP, que gosta de chamá-lo de "filho" e foi o responsável por apresentá-lo a Marcos Pereira, mandachuva do Republicanos, partido ao qual Motta se filiou em 2018 e do qual é líder na Câmara e vice-presidente nacional. Essa teia de relações ajuda a entender por que Motta já entrou competitivo no páreo da sucessão de Lira. Mas há outro motivo. Em seu quarto mandato seguido na Casa, ele sempre olhou também para o fundão do plenário e se tornou um líder do baixo clero, grupo que não é tão relevante politicamente, mas pode decidir qualquer votação.

Por causa desse modo de fazer política, Hugo Motta sempre foi lembrado como uma possibilidade para suce-

JORGE WILLIAM/AGÊNCIA O GLOBO

**BAIXO CLERO** Motta com Cunha: proximidade com o ex-presidente da Câmara rendeu influência interna

der Lira no comando da Câmara. Até a semana passada, porém, era considerado uma espécie de plano B, já que o deputado Marcos Pereira, presidente do seu partido, era candidato à presidência da Casa e jurava ir até o fim da disputa. O cenário mudou após um desentendimento de Pereira com outro cacique partidário, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, que se recusou a ouvir os apelos pela retirada da candidatura de Antonio Brito. Alertado de que poderia acabar derrotado, Pereira saiu de cena e anunciou que estava lançando Motta como um nome para resolver o impasse em torno da eleição. Assim que foi colocado em campo, o deputado paraibano botou a campanha na rua, batendo à porta do presidente Lula e do ex-

-presidente Jair Bolsonaro. Na última semana, Hugo Motta também se reuniu com Arthur Lira e com diversos líderes — entre eles, os do MDB, do PL e do PT. O encontro foi organizado sob o pretexto de comemorar o seu aniversário e vendido por aliados como uma demonstração de força — ou de recebimento de apoio dos presentes. Não é bem assim.

A bancada do PT, por exemplo, só decidirá que posição seguir na eleição da Câmara após as eleições municipais, mas os quadros do partido reconhecem o favoritismo atual de Hugo Motta. A entrada do deputado em cena, com a bênção de Lira, deixou fissuras pelo caminho. Fiel escudeiro do chefe da Câmara, Elmar Nascimento, líder do União Brasil, esperava ser o indicado pelo alagoano, mas enfrentava, havia meses, a resistência do PT, de setores do governo e de colegas do baixo clero. Após a constatação de que acabaria preterido, Nascimento espalhou ter recebido o gesto de Lira como uma traição e prometeu um voo solo em relação a ele, anunciando uma aliança com o conterrâneo Antonio Brito e fazendo uma série de acenos para convencer o Palácio do Planalto de que será um nome confiável se assumir o comando dos deputados. Num gesto carregado de simbolismo, Nascimento se reuniu com o chefe da articulação política, o ministro Alexandre Padilha, desafeto público de Lira, e propôs a formação de uma aliança governista, formada por União Brasil, PSD e outras legendas da base, a fim de

**FISSURAS** Alexandre Padilha: ministro recebe e prestigia Elmar Nascimento *(à dir.)*

vencer a eleição na Câmara. Enquanto o encontro acontecia, os deputados desse possível bloco trabalhavam juntos para barrar o avanço da proposta que anistia os vândalos do 8 de Janeiro, uma bandeira de Bolsonaro.

Ex-favorito convertido em azarão, Nascimento também se encontrou com o presidente Lula, de quem ouviu, mais uma vez, que não há veto à sua postulação. O fato é que, apesar de a eleição só ser em fevereiro e haver tempo de sobra para reviravoltas, até auxiliares de Lula admitem que Hugo Motta está em vantagem por enquanto. Como todo concorrente que desfruta dessa condição, ele deve enfrentar uma temporada de ataques até a votação. Nesse processo, sua família, que serviu de catalisador pa-

DOUGLAS GOMES/LIDERANÇA

**EMPUXO** Hugo Motta em reunião com Arthur Lira: relação com o atual presidente pode definir a eleição a favor do deputado

ra a sua carreira, pode ser usada contra ele. Em 2016, a avó, Francisca Motta, foi afastada da prefeitura após uma operação da Polícia Federal identificar um esquema que fraudava contratos de locação de veículos. A mãe do deputado, Ilanna Motta, à época chefe de gabinete da prefeita, acabou presa durante cinco dias. Outra operação da PF apurou a malversação de uso de verba federal, com a contratação de empresas de fachada para a construção de obras no município. Durante a investigação, empresários chegaram a tentar firmar um acordo de delação e apontaram para o pagamento de propina a Motta. O clã sempre negou as acusações, e o caso foi arquivado.

Nos próximos meses, os interesses e as intrigas de Brasília e de Patos devem caminhar juntos. Na quinta-feira 12, a PF deflagrou uma operação para apurar o superfaturamento de uma obra financiada com emendas enviadas por Hugo Motta à sua terra natal. Principal adversário na corrida pela prefeitura do município, Ramonilson Alves (PSDB) afirma que esperava uma atuação mais "robusta" de Motta e que não há nenhuma obra do deputado de que a população usufrua ou se orgulhe. No ano passado, o parlamentar enviou 20 milhões de reais em "emendas Pix" para municípios da Paraíba, sendo que a maior beneficiária foi a cidade de Patos. "A última vitória do prefeito se deu com base no elemento dinheiro. Há toda uma organização, envolvendo vereadores e cabos eleitorais, de compra de votos. Eles não são benquistos aqui", afirma o tucano. Já o atual prefeito, claro, rebate as acusações e celebra as conquistas do filho. "O Hugo é jovem, mas muito responsável. Ele já nos ajudou em obras de pavimentação, em convênio para a construção de um centro de comercialização de animais e também enviou recursos para a saúde. E, caso ele seja eleito presidente da Câmara, não tenho a menor dúvida de que vai estar pronto para ajudar o país da melhor maneira possível", afirma Nabor Wanderley. Depois de sete décadas, o sertão paraibano pode ficar pequeno para o poder da família. ■

# UMA PROVA DE FOGO

Ricardo Nunes dá sinais de recuperação em meio a turbulências de sua campanha, mas ainda tem muitos desafios pela frente na disputa por São Paulo **RAMIRO BRITES** E **LAÍSA DALL'AGNOL**

**COMEMORAÇÃO** O prefeito, que concorre à reeleição: ajustes de emergência nas redes sociais para evitar o pior

DIVULGAÇÃO

**NO INÍCIO** da campanha, o prefeito Ricardo Nunes (MDB) parecia ter as melhores armas para chegar ao segundo turno e vencer a disputa na maior metrópole do país, até com uma certa tranquilidade. Com um montante inédito de dinheiro em caixa (orçamento de 111,8 bilhões de reais, o maior da história), investiu no cartão-postal preferido dos políticos, as obras. Um dos feitos propagandeados é o da pavimentação de 20 milhões de metros quadrados de vias em dois anos. De longe, a base partidária que o sustenta é a mais robusta (doze siglas) e a máquina pública, por si só, tradicionalmente, já garante uma boa vantagem a quem está sentado na cadeira do executivo municipal. Um rival direto na disputa por São Paulo é Guilherme Boulos (PSOL), apoiado pelo PT e que tem como principal cabo eleitoral o presidente Lula. Nunes, por sua vez, tem a seu lado o ex-presidente Jair Bolsonaro e o governador Tarcísio de Freitas, uma aliança composta contra a tentativa da esquerda de comandar a capital.

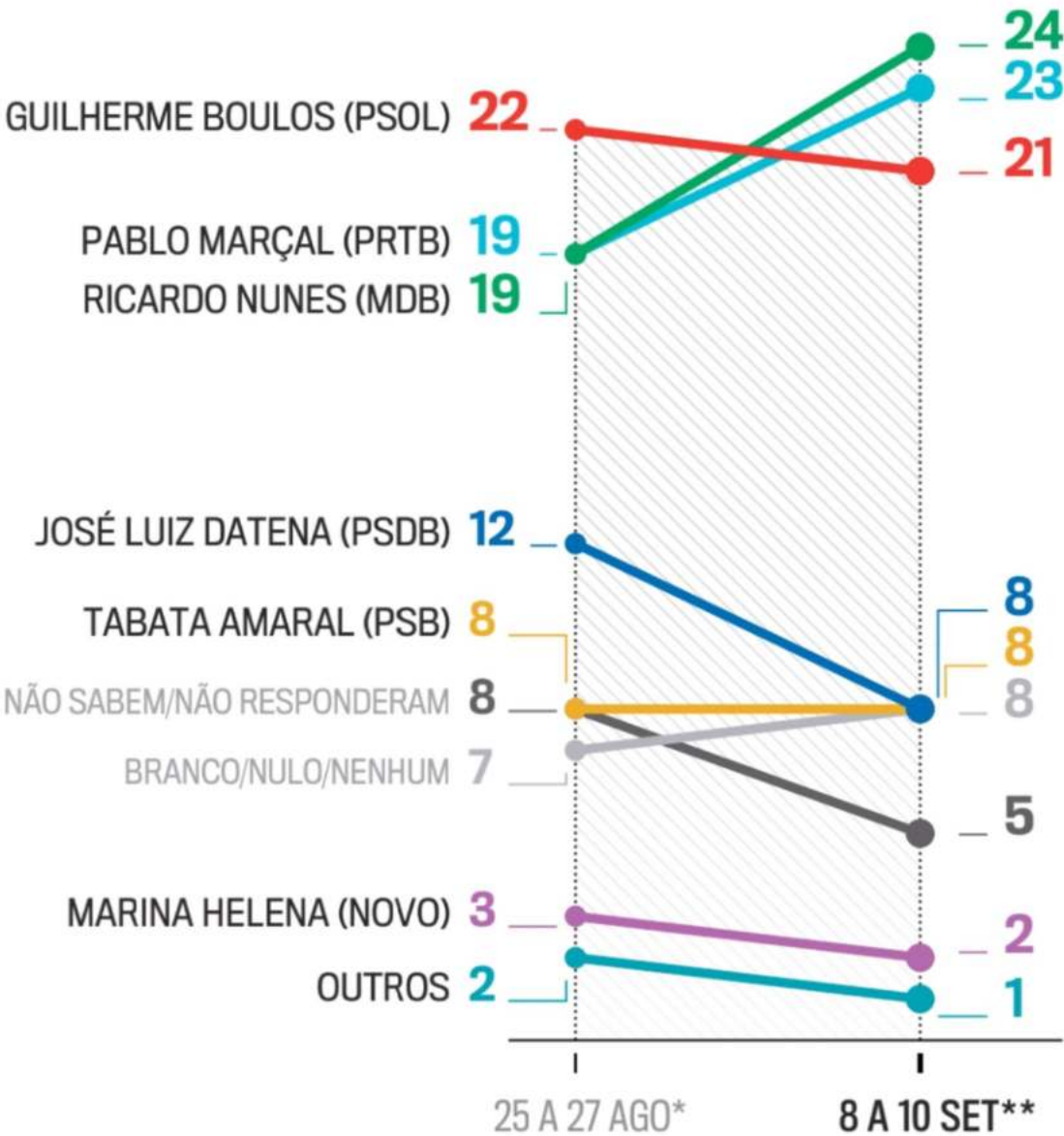
A menos de um mês do pleito, o que parecia uma caminhada tranquila de Nunes para permanecer no poder em São Paulo nos próximos quatro anos virou uma corrida acidentada, cheia de obstáculos. Um dos motivos é a entrada de um outsider no tabuleiro político da capital. O candidato do PRTB, Pablo Marçal, bagunçou a disputa e vem dividindo os votos mais à direita, incluindo os dos eleitores bolsonaristas. Enquanto isso, Boulos tem enormes dificuldades para deslanchar e amealhar apoios para além da bolha da esquerda. Resultado: a eleição paulistana ganhou ares de thriller de misté-

MARINA UEZIMA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

**PALANQUE** Ato de Bolsonaro: ao contrário de Tarcísio, Nunes pouco apareceu

rio. Levantamento da Quaest divulgado na quarta-feira 11 é exemplo de como o cenário se tornou imprevisível *(veja o quadro ao lado)*. Nunes assumiu a ponta ao subir 5 pontos em relação à sondagem de agosto, chegando a 24%. Boulos oscilou de 22% para 21%, caindo da liderança para o terceiro lugar, pois acabou ultrapassado também por Marçal (o coach pulou de 19% para 23%). Qualquer centímetro ganho numa disputa cabeça a cabeça tem relevância a esta altura, mas não dá para exagerar na comemoração. Em comparação a agosto, o trio segue empatado, com trocas de posições ocorridas dentro da margem de erro de 3 pontos. O Datafolha divulgado na quinta-feira 12 trouxe um quadro um pouco diferente, mas mostrando ainda equilíbrio entre os líderes, considerando-se a margem de erro de 3 pontos: Nunes (27%), Boulos (25%) e

# CORRIDA EMBOLADA

*Como está a disputa pela maior cidade do país a menos de um mês da votação (em %)*

Fonte: *pesquisa Quaest/TV Globo. A margem de erro é de 3 pontos percentuais. * Registrada no TSE sob o nº SP-08379/2024. ** Registrada no TSE sob o nº SP-09089/2024.*

Marçal (19%). Já a nova rodada do Paraná Pesquisas, publicada na sexta-feira, trouxe também o candidato do PRTB um pouco atrás: Nunes tem 25,1%, Boulos, 24,7%, e Marçal, 21%, segundo a sondagem.

Para se manter competitivo nessa disputa, Nunes apostou acertadamente no efeito do horário eleitoral, no qual tem 65% do tempo da grade. A recuperação nas pesquisas coincide com o início das inserções. O enfrentamento do poder de fogo de Marçal nas redes sociais, que desnorteou a campanha num primeiro momento, exigiu reação rápida. Profissionais com estratégias de "marketing de guerrilha" usado no varejo digital reforçaram a equipe. "Continuamos apanhando, mas não perdemos mais de goleada para ele", diz um dos membros graduados do staff de Nunes.

Um dos problemas ainda longe de solução está relacionado à dose de participação do ex-presidente na campanha. Nunes vive num eterno dilema hamletiano de ser ou não ser bolsonarista: ao mesmo tempo que o nome garante votos entre a direita mais radical (o que evita que migrem em massa para Marçal), aparecer ao lado do ex-capitão atrai também a forte rejeição dele entre grande parte do eleitorado. Essa encruzilhada política vem gerando diversas saias justas. No ato de Bolsonaro do sábado 7, na Avenida Paulista, Nunes caprichou no equilibrismo: marcou presença, mas tentando não chamar muita atenção — e deixou o local driblando a imprensa.

O pouco grau de participação até aqui do ex-presidente na campanha tem gerado inúmeras discussões. Segundo recla-

mam assessores de Bolsonaro, o ex-capitão quase não é solicitado para eventos importantes e o vice indicado por ele, o coronel da reserva da PM Ricardo Mello de Araújo, não tem recebido destaque. A turma de Nunes, por sua vez, diz que o próprio Bolsonaro, durante o ato na Paulista, chamou Nunes para conversar e disse que “ainda não era o momento” para que gravassem juntos no horário eleitoral. Membros da campanha do prefeito contam com a esperança de que, na última semana antes da eleição, na qual Bolsonaro já anunciou que ficará exclusivamente no Rio de Janeiro, o ex-presidente faça ao menos um bate e volta a São Paulo.

Indefinições importantes poderiam ter sido resolvidas há tempos pelo comando da campanha, mas o cenário ali é bastante confuso, desde o início. O que parecia uma vantagem, o apoio de doze siglas, transformou as reuniões estratégicas numa babel de opiniões, sem um comando claro. Na área de marketing, acusada internamente por alguns críticos de agir de forma amadora, peças divulgadas causaram estragos entre a ala bolsonarista, como o vídeo em que Nunes prestou apoio à candidata a vereadora Joice Hasselmann (Podemos), considerada traidora do ex-presidente. Para piorar, duas semanas depois, Joice rompeu com a campanha do prefeito, declarando apoio a Marçal. A situação segue com discussões intermináveis a respeito dos rumos na reta final. Existe hoje até quem defenda um afastamento maior de Bolsonaro para garantir a entrada no segundo turno. Seria a forma de atrair na reta final do pleito eleitores de centro ainda indecisos.

MAIRA ERLICH/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

**PERIGO** Pablo Marçal: ele parou de crescer no mesmo ritmo, mas ainda está entre os líderes

O que há de consensual neste momento é a importância e o protagonismo de Tarcísio de Freitas (Republicanos). O apoio do governador se intensificou nas últimas semanas. Ele não só tem gravado com Nunes para inserções na TV e para redes sociais, mas participado frequentemente da campanha de rua do emedebista. Ao contrário de Bolsonaro, que recuou e adotou uma postura "hesitante" após ser fustigado pelo eleitorado pró-Marçal, Tarcísio dobrou a aposta e, mesmo sob a mira do eleitorado de direita — alguns passaram a chamá-lo de "esquerdista" —, manteve o apoio explícito a Nunes. "O Tarcísio entrou para valer e é hoje o maior cabo eleitoral do Ricardo Nunes em São Paulo", diz Valdemar Costa Neto, presidente do PL. "Ele dialoga bem com o eleitor de centro, sem perder de vista os valores da direita." A mensagem tem sido replicada na parceria "Nunestar", novo apelido da campanha para a dupla: declarações remetendo à experiência de gestão de ambos, voltadas para o público "conservador" e contra temas espinhosos como a liberação das drogas e o aborto são frequentes nas dobradinhas por São Paulo.

Um dos governadores mais bem avaliados do país, Tarcísio pode mesmo ter um peso decisivo no momento em que há um empate tríplice entre os três líderes. A disputa encontra-se tão embolada que a possibilidade de Marçal chegar ao segundo turno, tirando o lugar de Nunes, é só uma das hipóteses concretas hoje que pareciam improváveis até pouco tempo atrás. Outro cenário surpreendente que pode se materializar, conforme mostra a Quaest, é o de Boulos ficar fora da reta final. Apesar de ter o apoio da esquerda, que é bastante fiel, ele disputa votos com Nunes na periferia. O ataque mais imprevisto às fileiras do psolista vem de Marçal. "O candidato do PRTB atrai jovens, grupo que tenderia a votar em Boulos", afirma Murilo Hidalgo, diretor-presidente do Instituto Paraná Pesquisas. "São pessoas dessa faixa de idade que não fazem escolhas políticas pela ideologia e são mais suscetíveis às redes sociais, campo dominado por Marçal", completa.

O resultado final do pleito paulistano tende a ser um divisor de águas para 2026. À esquerda, em caso de derrota, a liderança de Lula ficaria enfraquecida, ao mesmo tempo que Tarcísio ganharia musculatura como principal fiador da vitória de Nunes. Se o prefeito for derrotado, porém, será uma boa dose de água fria no movimento para levar o governador ao próximo páreo presidencial. Bolsonaro talvez tenha mais a perder do que a ganhar. E mostra insegurança sobre o que fazer. Se Nunes perder com o seu apoio, será ruim. Mas pior ainda será ser derrotado por Marçal, que tenta se posicionar como o novo representante da direita raiz.

ROBERTO SUNGUATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

**APOSTA** Boulos, com o ministro Haddad: ajuda forte do PT na candidatura

Já Nunes coloca tudo, inclusive sua sobrevivência política, no sprint final. A meta é ir ao segundo turno, no qual teria boas chances contra Boulos e Marçal. Ser eliminado na primeira etapa da disputa seria um vexame. A última vez que isso aconteceu com um prefeito no cargo foi com Fernando Haddad, em 2016, quando foi atropelado por João Doria no auge da onda antipetista — desde então, nunca mais conseguiu uma vitória eleitoral. Em sua estreia nas urnas na condição de cabeça de chapa, Nunes tem o desafio de sobreviver ao duro teste a que está sendo submetido. Na disputa mais emocionante e acirrada da história recente da cidade, as próximas semanas ainda prometem fortes emoções. ■

MURILLO DE ARAGÃO

# PRUDÊNCIA INSTITUCIONAL

Sem freios, um carro pode ir velozmente, mas o acidente é certo

**HISTORICAMENTE,** o medo ajudou a humanidade a evitar predadores e outras ameaças, assegurando a sua sobrevivência. O sistema de luta ou fuga *(fight or flight)* é acionado por essa emoção, aumentando nossa vigilância, acelerando o coração e liberando adrenalina para que possamos reagir com prontidão. Nos dias de hoje, embora os perigos sejam de outra ordem — sociais, econômicos e psicológicos —, o medo continua a ser um fator crucial na adaptação e na sobrevivência da humanidade e, também, das instituições. Ele pode estimular comportamentos de autopreservação e prudência, prevenindo ações que nos colocariam em risco.

Quando a questão é contextualizada no ambiente institucional, o medo adquire um papel de prudência e contenção. Impõe limites a comportamentos e decisões que podem comprometer a estabilidade das instituições. Na política, o receio de crises institucionais, de perda de legitimidade ou de erosão de direitos leva os líderes a agir com

cautela. Esse receio pode, por exemplo, forçar a negociação de coalizões, como ocorre no presidencialismo, no qual o temor da paralisia legislativa ou do impeachment incentiva os agentes políticos a buscar compromissos.

A contenção institucional também é refletida na estrutura de freios e contrapesos das democracias. A ideia de que o poder concentrado tende ao abuso fez com que constituintes e legisladores criassem mecanismos de controle, como o sistema de *accountability* e a separação dos poderes. Sem esses mecanismos, o exercício do poder ficaria vulnerável ao autoritarismo.

A metáfora de um carro sem freios ilustra bem a dinâmica quando um governante perde o medo — ou, mais precisamente, a prudência necessária para respeitar os limites impostos pelas instituições. O carro pode até avançar com velocidade, mas, sem freios, o acidente é inevitá-

**“O medo continua a ser um fator crucial na adaptação e na sobrevivência da humanidade”**

vel. Sem esses freios, o governante pode agir com rapidez e força, mas sem a devida avaliação das consequências. Tal imprudência leva ao caos, tal como um veículo que se desloca velozmente, porém, fora de controle, o que fatalmente resulta em desastre. O exemplo claro está perto de nós com a tragédia venezuelana. Sem limites institucionais, transformou-se em uma trágica ditadura populista.

Governantes que perdem o medo das consequências institucionais — seja pela sensação de invulnerabilidade, seja pelo apoio popular, seja pelo controle sobre os mecanismos de controle — tendem a adotar posturas autoritárias. Centralizam o poder, atropelam processos democráticos e ignoram os limites impostos por freios e contrapesos. Isso acelera a execução de suas agendas, mas compromete seriamente o equilíbrio institucional, podendo provocar rupturas no sistema democrático e colocar em risco a legitimidade do próprio Estado.

Não podemos esquecer que as pessoas passam e as instituições devem remanescer para a manutenção dos ganhos civilizatórios e pela busca de uma vida melhor para todos. Outro aspecto que devemos lembrar nos remete ao que disse o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal, citando Machado de Assis: “A melhor forma de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo nas mãos”. E o ministro acrescentou: “E o chicote muda de mãos”. Em um quadro de crise institucional, a lição vale para todos os poderes no Brasil de hoje. ■

# UMA QUESTÃO DE HONRA

Sem renovar seus quadros e suas bandeiras, o PT tem dificuldades para recuperar a hegemonia na Grande São Paulo, berço político de Lula e do próprio partido **VALMAR HUPSEL FILHO**

**VESTINDO A CAMISA** Emidio de Souza e o presidente: apoio ao amigo não se refletiu na corrida eleitoral em Osasco

RICARDO STUCKERT/PR

**FOI NO GRANDE ABC,** no entorno metropolitano da capital paulista, que Lula subiu pela primeira vez em palanques improvisados nos anos 1970 para, como líder operário, desafiar a ditadura e pavimentar a criação de um dos maiores partidos políticos do país. O PT, ancorado em um eleitorado urbano e alavancado pelo movimento sindical em ascensão, ganhou musculatura e, com apenas oito anos de existência, conquistou em 1988 prefeituras importantes como São Paulo e São Bernardo do Campo. O auge da hegemonia, no início dos anos 2000, coincidiu com a alta popularidade dos governos petistas e gerou o que se chamou de "cinturão vermelho". Nos anos seguintes, no entanto, alvejado pelo mensalão, Lava-Jato e impeachment de Dilma, mas também pela ascensão da direita e, principalmente, pela mudança do perfil da classe trabalhadora, o partido entrou em decadência na região, onde hoje administra apenas duas prefeituras.

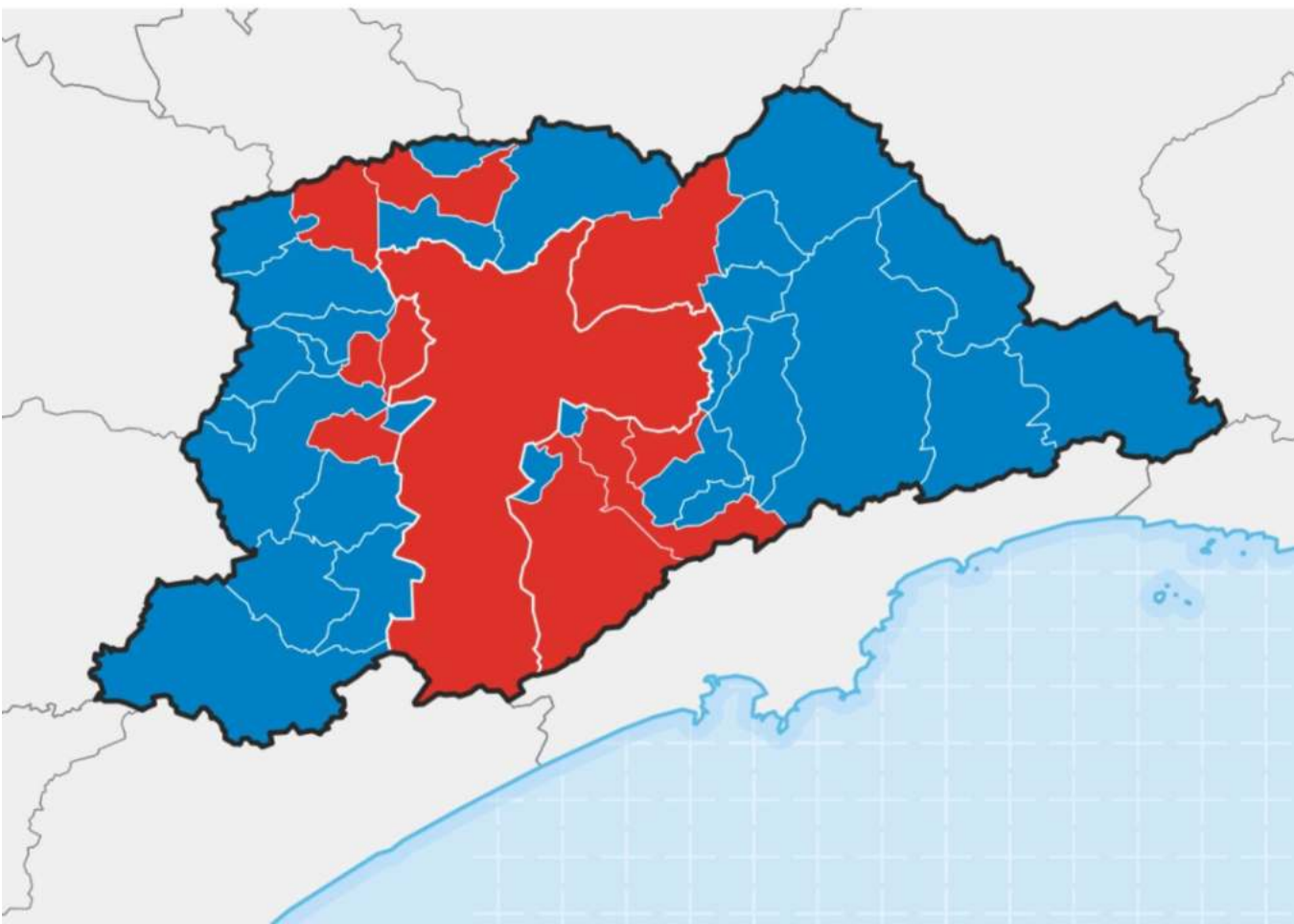
A reconquista de um reduto histórico, de um simbolismo quase sentimental, é prioridade na eleição deste ano não só para o PT, mas para Lula. Além de Mauá e Diadema, onde há candidatos à reeleição, o partido lançou nomes para vinte prefeituras no entorno da capital. A empreitada não será simples, muito pelo contrário. Em nenhum município, nem mesmo naqueles que governa, o petismo está em vantagem. Em cidades estratégicas como Guarulhos, Osasco e São Caetano do Sul, o candidato petista está a mais de 20 pontos do líder, segundo pesquisas de intenção de votos feitas a um mês da eleição, e corre o risco de nem ir ao segundo turno.

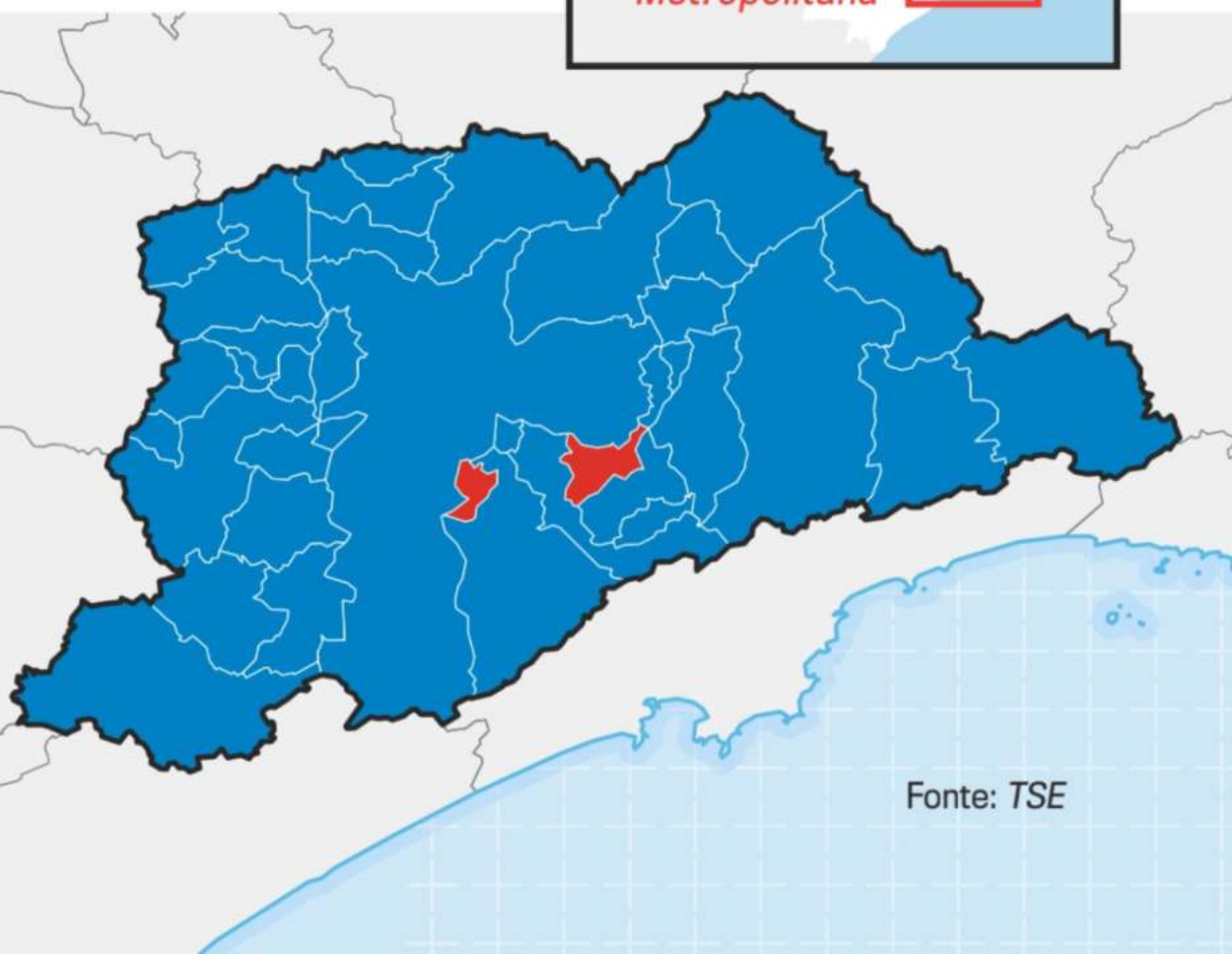
# MUDANDO DE COR

*PT perdeu espaço na região e governa hoje apenas dois municípios*

## 2012

**ELEGERAM O PT**

São Paulo
Guarulhos
São Bernardo do Campo
Santo André
Osasco
Mauá
Carapicuíba
Franco da Rocha
Embu das Artes
Cajamar

A investida petista na região está amparada em nomes da velha guarda, como o ex-prefeito de Osasco Emidio de Souza, amigo do presidente, que governou a cidade por dois mandatos no auge do domínio petista, ou José de Filippi Júnior, ex-tesoureiro das campanhas de Lula e Dilma, que tenta o quinto mandato à frente de Diadema. Também está no páreo Jair Meneguelli, nome histórico do sindicalismo — sucedeu a Lula no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e foi o primeiro presidente da CUT —, que disputa com muita dificuldade o co-

INSTAGRAM.COM/ALENCARBRAGA13

**"FAZ O L"** Alencar Santana *(de vermelho):* tática em Guarulhos se apoia em Lula

mando de São Caetano do Sul, a única das grandes cidades do ABC que o PT nunca comandou. A aposta em nomes conhecidos, segundo o secretário-geral do PT no estado, Luiz Cláudio Marcolino, veio após diagnóstico de que há anseio por experiência administrativa após a onda de antipolítica nas eleições recentes. "Estamos trabalhando muito a questão da experiência e a relação com o governo federal", afirma.

As dificuldades do PT, em sua maioria, são frutos da própria descaracterização do partido ao longo dos anos. Entre os problemas estão o afastamento da sigla do eleitorado, a baixa renovação de seus quadros — o que pode afastar o eleitor jovem —, a permanência da sigla na defesa de pautas que se descolaram do dia a dia das pessoas, a mudança no perfil dos trabalhadores, com a consequente perda de força dos sindicatos, e a ascensão da religião evangélica e da direita. "O que aconteceu com a social-democracia na Europa está acontecendo com o PT", compara o cientista político Alberto Carlos

Almeida, autor do livro *A Cabeça do Eleitor*. O presidente do partido em São Paulo, Kiko Celeguim — que foi prefeito de Franco da Rocha nos anos de ouro, entre 2013 e 2020 —, concorda. “As mudanças das relações de trabalho refletem na capacidade política dos partidos, principalmente daqueles que se dispõem a organizar a classe trabalhadora”, entende.

Apesar da má situação nas pesquisas, o PT aposta em duas crenças inabaláveis de seus adeptos. Uma é a de que é um “partido de chegada”, que cresce nos últimos dias de campanha. A outra é o poder de Lula. O presidente já gravou vídeos para candidatos e sua imagem tem sido explorada exaustivamente nas ruas, nas redes sociais e na TV. Há a expectativa de que o presidente vá ao menos a Diadema e São Bernardo do Campo, que ele já visitou neste ano e onde as disputas estão acirradas. Há ainda a ideia de convidar a primeira-dama Janja da Silva para ajudar nas campanhas em Santo André e Embu das Artes, onde o PT tem mulheres na disputa.

A reconquista da Grande São Paulo vai além do apelo simbólico. A região é o maior aglomerado urbano do país, com 21 milhões de pessoas. Em 2022, Lula foi o mais votado na capital e na maior parte das maiores cidades. Vencer as eleições municipais pode elevar as chances para 2026, quando o presidente deverá tentar a reeleição e haverá disputas para governadores, deputados e senadores. A dura tentativa até aqui de reconquistar o lugar onde nasceu pode ser boa oportunidade para o PT fazer uma reflexão sobre sua trajetória — e sobre todos (e não poucos) os erros que cometeu. ■

# CASSINO DAS URNAS

Mercado ascendente de bets no Brasil avança, sob preocupação, para a seara eleitoral, com a possibilidade de apostar em quem será o prefeito nas maiores capitais

**ISABELLA ALONSO PANHO**

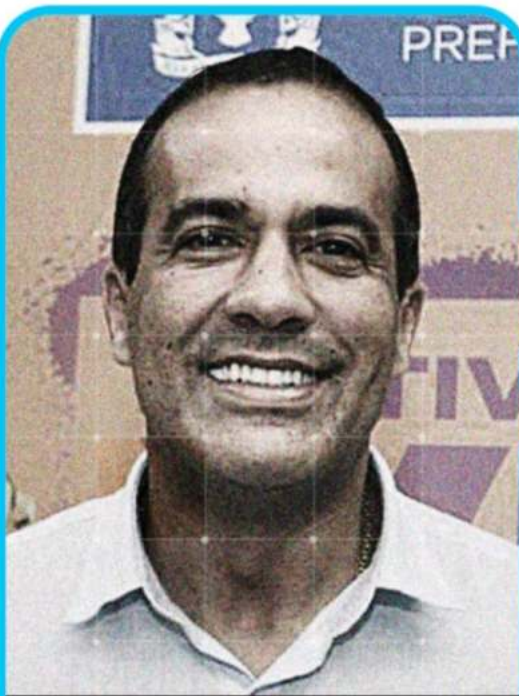
**A CRESCENTE** — e preocupante — paixão dos brasileiros pelas apostas on-line é facilmente constatada pelos números: uma pesquisa do Instituto Locomotiva mostra que 52 milhões de pessoas no país já aderiram às bets (mais que toda a população da Argentina) e 48% desse público fez a sua primeira investida entre janeiro e julho deste ano. O carro-chefe do interesse são os palpites esportivos, mas o universo de possibilidades é grande. E ganhou uma variante de peso: a possibilidade de apostar em quem será o próximo prefeito de grandes cidades. O cassino eleitoral, que abriu as portas timidamente na disputa nacional de 2022, alcançou escala inédita: seis plataformas (Betano, Sportingbet, bet365, Superbet, Novibet e Bwin) oferecem o serviço em treze capitais, entre elas São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Fortaleza e Salvador, os cinco maiores colégios eleitorais do país.

Acostumados a acompanhar pesquisas com grande interesse, os brasileiros agora podem ver também como está cada concorrente a prefeito nos principais sites de apostas. A chave para identificar favoritos e azarões está na palavra *odds* (“chances”), usada para designar quanto a casa paga para cada real desembolsado pelo jogador caso o palpite se concretize. Na Betano, quem apostar 1 real na vitória de Eduardo Paes (PSD) no Rio ganha apenas mais 2 centavos de volta *(veja o quadro)*. Tem explicação: o prefeito e candidato à reeleição tem quase 60% das intenções de voto e lidera com folga. Já a aposta em Eduardo Girão (Novo) para a prefeitura de Fortaleza renderia 45 reais por real in-

# A SORTE ESTÁ LANÇADA

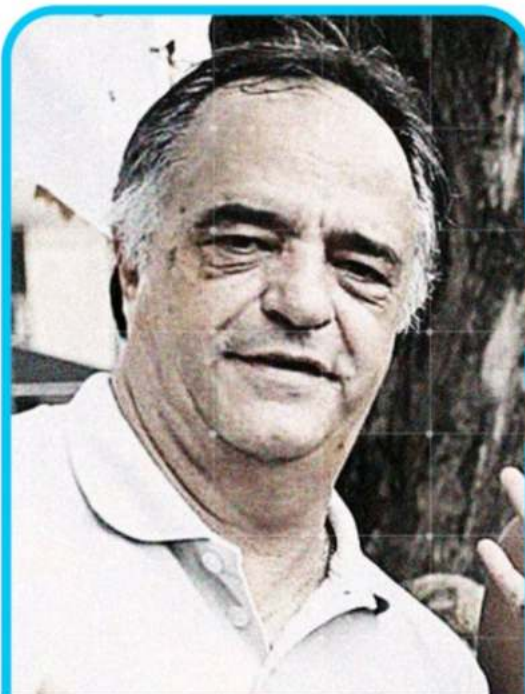
*Valores pagos pelos sites tentam refletir momento do candidato na corrida eleitoral*

**VALOR PAGO POR REAL INVESTIDO (QUANTO MENOR, MAIOR É O FAVORITO E MENOR O GANHO DO APOSTADOR)**

QUATRO FAVORITOS ★★★★

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

BETTO JR./SECOM

vestido, mas o senador tem 3% das preferências, segundo o Paraná Pesquisas. Embora a pontuação em sondagens eleitorais seja relevante, o valor das odds não obedece só a isso. As bets têm estatísticos, cientistas de dados e analistas de redes que avaliam múltiplos fatores até cravarem o valor. O fluxo de apostadores é irrelevante.

Se as casas de apostas têm a obrigação de divulgar as

odds, os candidatos não têm a mesma liberdade. Isso porque esse tipo de propaganda, aos olhos do eleitor, pode ser confundida com as pesquisas eleitorais, que obedecem a regras legais. "Do lado de quem vota, as odds podem criar uma percepção de viabilidade eleitoral distinta da realidade", afirma a cientista de dados e professora da FGV Rio Isabel Veloso. Ou seja, um candidato pode aparentar ter

## QUATRO AZARÕES ★★★★

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

mais chances de vitória, um dos fatores que influenciam o voto do eleitor. Um exemplo: em São Paulo, também na Betano, Pablo Marçal (PRTB) tem odd de 1,80, enquanto Ricardo Nunes (MDB) está com 2,00 e Guilherme Boulos (PSOL), com 3,40 — mas os três estão empatados tecnicamente, segundo a última pesquisa Quaest *(leia a reportagem "Uma prova de fogo")*.

Fonte: *Betano – cotações em 9/9/2024*

EVARISTO SA/AFP

**ENSAIO** Apoiadores de Lula e Bolsonaro: prática começou na disputa de 2022

Embora hoje seja permitido apenas indicar quem será o vencedor da eleição, há a preocupação de esse tipo de aposta ganhar variantes, como em outros países. "Se as apostas avançarem para quem vai brigar no debate, ou até partir para violência, pode haver uma mudança no comportamento dos políticos", avalia Paulo Ramirez, cientista político da ESPM. O Reino Unido foi sacudido por um escândalo em junho, depois que pessoas próximas ao então primeiro-ministro, o conservador Rishi Sunak, foram acusadas de usar informação privilegiada para apostar que as eleições seriam antecipadas para julho, o que de fato ocorreu. Houve prisões, demissões e grande prejuízo à imagem de Sunak, que perdeu para o trabalhista Keir Starmer.

As plataformas que oferecem a vertente eleitoral estão ancoradas no limbo jurídico em que vive o país desde que as apostas de cota fixa (em que o apostador sabe quanto vai ganhar) foram legalizadas pelo presidente Michel Temer, em 2018. O cenário pode mudar em janeiro de 2025, quando passa a valer nova regulamentação do Ministério da Fazenda, mas isso não é certo. A legislação prevê que as apostas por quantia fixa podem abranger eventos esportivos, mas não diz expressamente que outros tipos de disputa são proibidos.

As apostas nas eleições são tratadas como "jogos tolerados" porque não entram na categoria de jogos de azar que são proibidos por lei, como cassinos, caça-níqueis e bingos. "Você só não pode oferecer o que está proibido na lei penal", diz o advogado Fabiano Jantalia, que coordena a LegisMind, plataforma acadêmica de direito de jogos. Assim, cresce a necessidade de o poder público ser mais presente, rigoroso e célere na regulação, de forma a impedir o avanço desordenado da prática. Um dos efeitos colaterais sentidos neste momento é o impacto negativo no orçamento de muitas famílias e em setores tradicionais como o varejo. A expansão do cassino eleitoral ocorrida ao longo deste ano traz um desafio adicional às autoridades que deveriam cuidar do negócio. ■

# O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO

A rápida expansão da Igreja Batista Atitude, liderada pelo pastor Valandro Jr., fez dela parada obrigatória de políticos em campanha no Rio **RICARDO FERRAZ** E **SOFIA CEQUEIRA**

INSTAGRAM @EDUARDOPAES INSTAGRAM @ALEXANDRERAMAGEM22

**VERSATILIDADE** Valandro Jr. com os adversários Paes *(à esq.)* e Ramagem no mesmo dia: "Orar pelas autoridades está na *Bíblia*"

**A PREGAÇÃO** de Josué Valandro Jr., 55 anos, na Igreja Batista Atitude, denominação evangélica que fundou e comanda há duas décadas, deixa uma dúvida no ar: o homem que gesticula vigorosamente sobre o púlpito é líder religioso ou guru motivacional? A resposta: as duas coisas. Vestido com blazer solto sobre camiseta de cores variadas, o pastor costuma se dirigir a seu rebanho mesclando passagens bíblicas e mensagens de autoajuda, coladas a manuais de marketing e discurso feito sob medida para as redes, onde viceja a retórica fácil dos coaches sobre crescimento individual, quase sempre uma reprise de bordões sem nenhuma ciência.

Na acirrada disputa travada por espaço no mundo evangélico, Valandro Jr. vem fazendo de sua organização uma das mais bem-sucedidas no meio graças a uma capacidade, reconhecida por aliados e desafetos, de cultivar uma teia política que ganhou tração com a proximidade da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Nestes últimos tempos, seu megatemplo, na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, vem chamando atenção pelo elevado interesse que desperta nos postulantes a cadeiras no pleito municipal, que incluem a igreja no circuito por saber encontrar ali um palanque capaz de reverberar em significativas fatias do eleitorado. “O motivado vence o inteligente, eis a frase de minha vida”, esclarece Valandro Jr. a VEJA, em rara entrevista.

Nos quase 4 000 assentos da matriz, costuma-se avistar gente graúda da sociedade carioca e da política nacional. Tamanha influência foi, sabidamente, turbinada após Mi-

chelle, de quem foi conselheiro por todo o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, romper com Silas Malafaia, hoje o líder religioso que mais desfruta da intimidade do marido, e se tornar ovelha da congregação. A partir daí, a amizade só fez dar frutos. Em 2018, Valandro Jr. ajudou a articular o apoio de figurões evangélicos ao então aspirante à Presidência e visitou o Alvorada antes mesmo de os novos inquilinos ocuparem o palácio em Brasília. No dia em que o capitão recebeu a faixa, lá estava o amigão, um dos poucos escolhidos para testemunhar os instantes que antecederam a subida da rampa. “Se você me perguntar com quais políticos me relaciono, tenho de falar em umas mil pessoas”, calcula Valandro Jr. Ele se recusa, porém, a atrelar os evidentes e poderosos laços à meteórica escalada.

A multiplicação dos templos tem sido extraordinária: de quinze em 2020, a Batista Atitude saltou para os 63 de agora e deve chegar a 83 até o fim do ano, com unidades espalhadas por Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Portugal. “Eu já era enorme quando conheci Bolsonaro”, desconversa, sem se prender a datas. Apesar da verve bolsonarista e da defesa incondicional à agenda conservadora de costumes, Valandro Jr. se vangloria de promover cultos em que reúne “até cinco deputados federais” de variados matizes, da direita à esquerda. No primeiro domingo de setembro, o prefeito Eduardo Paes (PSD), que tenta a reeleição, bateu ponto na igreja às 8h30. Valandro Jr. desceu então do púlpito e lhe dedicou uma oração. Às 19 horas, foi a vez do adversário do al-

**AMIGA AFASTADA** Michelle: a ex-primeira-dama deu visibilidade à igreja

caide, Alexandre Ramagem (PL), passar pelo mesmo ritual, ao lado do vereador Carlos Bolsonaro, o filho Zero Dois do clã. O pastor justifica a liturgia lembrando a passagem de Timóteo, no *Novo Testamento,* que sustenta ser preciso "orar pelas autoridades".

As influentes palavras de Valandro Jr. também já atraíram o governador Cláudio Castro (PL) e o ex-prefeito Marcelo Crivella (Republicanos) — proximidade, aliás, que vira

e mexe lhe rende um mimo. Na gestão Crivella, um terreno municipal de 5 432 metros quadrados foi cedido por vinte anos à igreja para a construção de uma creche, medida mais tarde regulamentada por Paes. Crivella e Paes, cada qual num momento distinto, foram citados no culto como "instrumentos de Deus". Era um agradecimento pelo terreno.

Não foi a única graça alcançada pelos elos que o pastor costurou com o poder. Na condição de deputado federal, Ramagem destinou uma emenda parlamentar no valor de 500 000 reais para o Instituto Atitude, o braço social da igreja. O também deputado Helio Lopes (PL) canalizou outros 1,3 milhão de reais para o instituto regido pelo pregador, que já foi alvo de denúncias à Justiça Eleitoral por propaganda irregular — todas arquivadas porque a legislação não é específica em relação a orações e apresentações de candidatos em templos. "No sindicato, se fala abertamente que vão votar no fulano. Na universidade, o STF diz que pode tratar de política. Nos shows, o artista tem toda a liberdade. Em nenhum desses casos é abuso. E eu não posso orar?", provoca o líder da Atitude. Nas fileiras evangélicas mais progressistas, essa postura é altamente alvejada. "Levar alguém no templo para falar aos fiéis é uma maneira velada de pedir voto, sim", dispara o pastor Hermes Fernandes, líder da Igreja Reina, também do Rio.

Filho de pastor, casado com uma corretora de imóveis e pai de dois filhos, Valandro Jr. se formou no Seminário Teológico Batista do Sul, na Zona Norte carioca, onde obteve desta-

que nos estudos bíblicos. "Naquela época, ele jamais se envolvia em política", lembra Sérgio Dusilek, pastor batista contemporâneo do fundador da Atitude. O plano de ser rico e bem-sucedido, nunca escondeu. Formou-se em análise de sistemas na PUC do Rio e, ao iniciar seus trabalhos na cidade, em 2003, pôs de pé uma engrenagem baseada num sistema de "células", modelo em que os obreiros batem de porta em porta, promovem reuniões e são estimulados a juntar fiéis em número suficiente que justifique a inauguração de um templo. Aí vão sendo guindados na hierarquia, insuflados por uma versão adaptada da teologia da prosperidade, centrada no avanço pessoal, tão cara a Valandro Jr. Afastado de Michelle, que já não frequenta a igreja da Barra ("ela está em Brasília e viaja muito", justifica), ele anda às voltas com o tratamento de um câncer nas glândulas suprarrenais, do qual se operou, mas segue firme em sua grande aposta, que de milagrosa não tem nada: a multiplicação de seu império. ■

**PEDRO GIL**

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

ZUMA PRESS/ALAMY/FOTOARENA

**EU FICO** Ometto, da Cosan: satisfeito com a definição no comando da Vale

## Firme na posição

Ao contrário de rumores que têm circulado, o empresário **Rubens Ometto** não está em busca de comprador para a fatia de 4%, avaliada em 10 bilhões de reais, que sua empresa, a Cosan, tem do capital da Vale. Em abril deste ano, a Cosan vendeu um lote de ações da mineradora para fazer caixa.

## Melhor agora

Ometto estaria especialmente satisfeito com a solução encontrada para a

gestão da Vale: Gustavo Pimenta, vice-presidente financeiro, vai substituir o atual presidente, Eduardo Bartolomeo. A nomeação de Pimenta pelo conselho de administração afastou incertezas e refutou tentativas de ingerência do governo Lula.

## De saída

Há pelo menos cinco interessados na compra da parcela da gestora de shopping centers Multiplan que pertence ao fundo de pensão Ontario Teachers. Os canadenses detêm 18% da empresa. O destino das ações deve ser conhecido até o fim deste mês.

## Coalas e cangurus

O Ontario Teachers anunciou o plano de desinvestimento no Brasil para focar outros mercados, em particular a Austrália. O objetivo é levantar 3 bilhões de reais com a fatia da Multiplan.

## Nem ligo

A saída anunciada do grupo francês Casino do Grupo Pão de Açúcar (GPA) não movimentou até agora os ponteiros da varejista brasileira. “O Casino tem zero impacto na operação do dia a dia”, diz Marcelo Pimentel, presidente do GPA.

## Até agora, tranquilo

Os franceses possuem 22,5% da rede de supermercados, fatia que equivale a cerca de 300 milhões de reais. “Não sei quem vai comprar, mas a saída está sendo tranquila”, diz Pimentel. “Não há pressa. Eles vão agir no melhor momento.”

## Troca de guarda

Presidente da Fiesp até o fim de 2025, Josué Gomes não tentará a reeleição, para se dedicar integralmente à Coteminas, em recuperação judicial. Ele também não deve indicar sucessor. Nos bastidores, o ex-presidente Paulo Skaf já estaria se movimentando para tentar voltar ao cargo. Ele nega.

## Comeu poeira

A Iguá, controlada pelos fundos canadenses CPP Investments e AIMCo, venceu o leilão para concessão dos serviços de saneamento em Sergipe com o lance de 4,5 bilhões de reais, ficando à frente da Aegea, que conta com investimentos de um fundo de Singapura, da Equipav e da Itaúsa.

## Na mosca

Apesar da vitória, por pouco o processo não teve mais emoção. Pelas regras do edital, o lance só evitou uma disputa em viva-voz com as concorrentes pela diferença de 2 milhões de reais. Um lance cirúrgico.

## Fogo urbano

Não são apenas as queimadas florestais e no campo que causam impactos econômicos. Em 2023, foram registrados 2 222 incêndios em hospitais, hotéis, escolas, prédios públicos e museus, com alta de 9% em comparação ao ano anterior. O levantamento é do Instituto Sprinkler Brasil. ■

# DIREÇÕES OPOSTAS

Decisões dos bancos centrais sobre taxas básicas de juros na quarta-feira devem marcar uma grande diferença: enquanto nos Estados Unidos vem alívio, no Brasil vem novo aperto

**JULIANA MACHADO** E **JULIANA ELIAS**

**SUCESSÃO**
Campos Neto e Galípolo: o discurso ficou mais duro para não perder a credibilidade

CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO

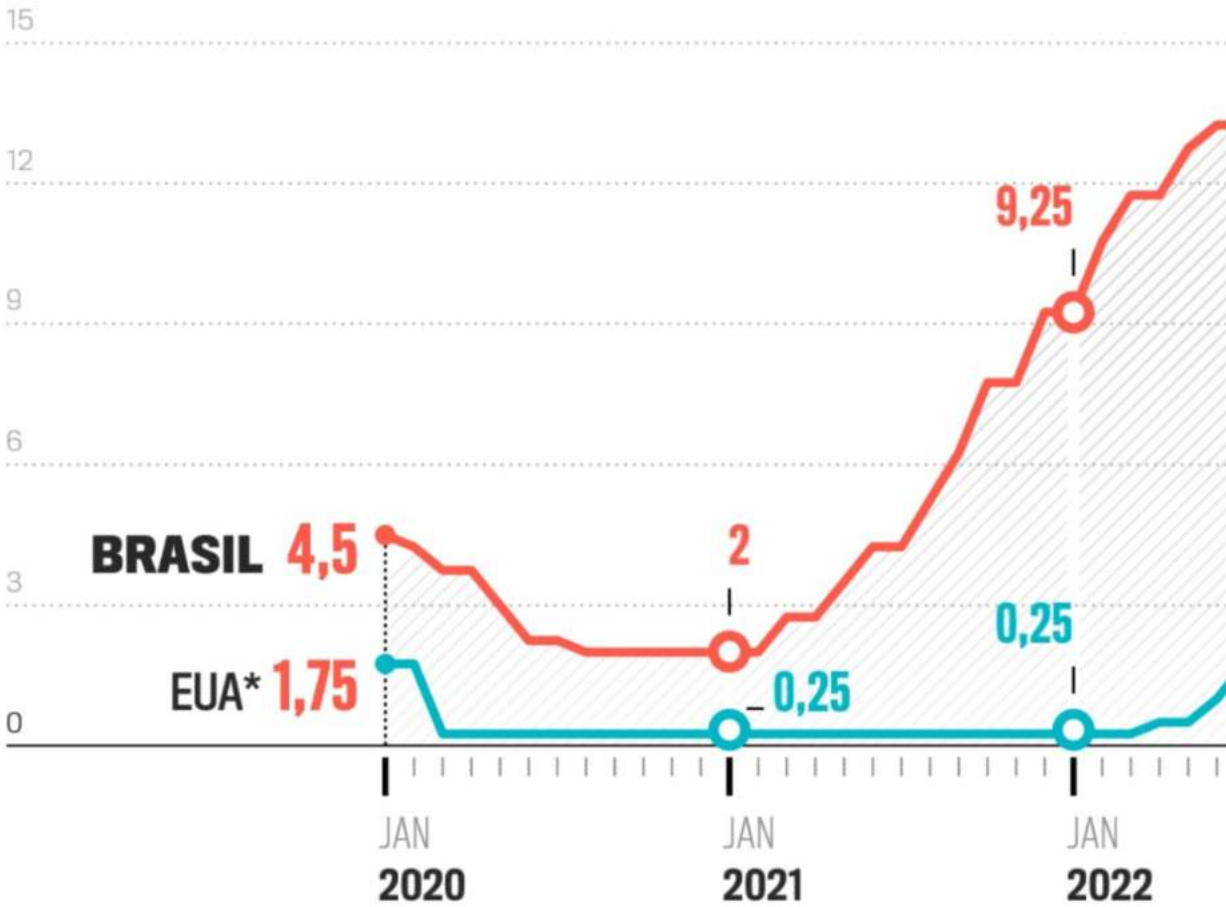
Na próxima semana, os holofotes do mercado financeiro estarão todos voltados para a chamada "superquarta", a quarta-feira em que analistas, investidores e economistas esperam pelo anúncio da nova taxa básica de juros nos Estados Unidos e também no Brasil — que tem tudo para ser, desta vez, um divisor de águas para a política monetária dos dois países. Enquanto, lá fora, a expectativa é de que o Federal Reserve (Fed), a autoridade monetária americana, inicie o ciclo de cortes de juros, por aqui é crescente a leitura de que o Banco Central deve ir na contramão e elevar a Selic, após duas reuniões em que manteve a taxa em 10,5% ao ano.

Os EUA se preparam para interromper um ciclo de aperto monetário que começou em março de 2022, quando o Fed aumentou e, em seguida, manteve os Fed Funds no intervalo de 5,25% a 5,50% ao ano. Agora, o mercado aguarda o primeiro corte das taxas e seus efeitos não apenas na economia americana, mas no mundo todo. "Devemos ter o começo de um ciclo de corte de juros nos Estados Unidos em um ambiente sem recessão", afirma Luciano Telo, executivo-chefe de investimentos do banco UBS, que espera que a taxa por lá caia a 3,5% até o fim do ano que vem. "Isso favorece os ativos de risco de forma geral, com alta das bolsas e perda de força do dólar ante a outras moedas."

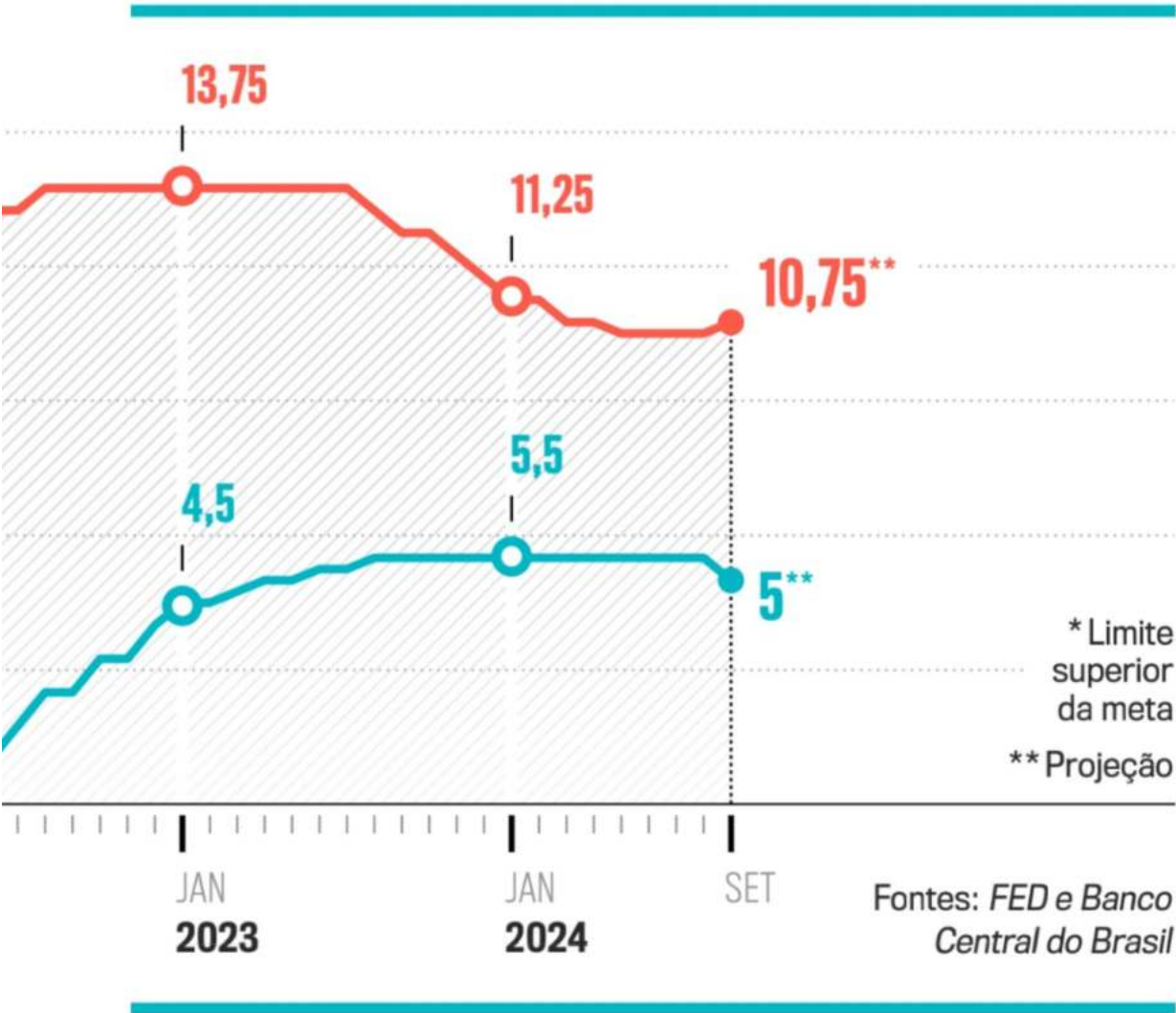
O caminho para um corte de juros na economia americana foi pavimentado pela perda de ímpeto da atividade no país, acompanhada de expectativas de inflação anco-

# HORA DE MUDAR

*O Banco Central brasileiro pode elevar os juros na próxima reunião, enquanto o Fed deverá cortar*

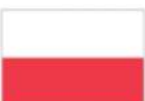
## EVOLUÇÃO DAS TAXAS DE JUROS DE REFERÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS E DO BRASIL

radas, isto é, quando há confiança de que a inflação vai convergir para a meta — no caso, de 2% ao ano. "Definitivamente, a discussão é de quanto será o corte, e não se haverá", afirma David Beker, chefe de economia para o Brasil e de estratégia para a América Latina do Bank of America (BofA). "Nós temos uma visão mais conservadora, de 0,25 ponto percentual de corte."

À primeira vista, os efeitos de um juro menor nos Estados Unidos são positivos para os mercados globais, já que

**FIM DO APERTO** Jerome Powell, presidente do Fed: os juros devem cair

ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES

motivam investidores a ajustar suas carteiras em busca de ativos de maior risco — caso dos localizados nos mercados emergentes, como as ações no Brasil. É o que ajuda a explicar a leva de recordes recentes da bolsa brasileira, que, de acordo com analistas, pode finalmente ganhar o fôlego que faltava para sair da letargia em que ficou na primeira metade do ano.

Mas, se o exterior deve contribuir com o cenário positivo, o mesmo não se pode dizer do Brasil. Por aqui, a inflação recentemente cedeu um pouco, mas não o bastante para convencer os agentes de mercado sobre a sustentabilidade desse movimento — e eles seguem calculando que a inflação permanecerá acima da meta a despeito dos esforços do BC. Não à toa, o Brasil figura ao lado do Japão co-

mo as únicas duas entre dezenove das principais economias do mundo em que o prognóstico é de alta de juros para o próximo ano, conforme mostra um levantamento feito por Alexandre Manoel, economista-chefe da AZ Quest e ex-secretário do Ministério da Fazenda.

"As expectativas de inflação estão desancoradas e o governo não tem credibilidade fiscal para gerar confiança de que o limite de despesa prometido será respeitado", diz Manoel. Segundo o último Boletim Focus, divulgado no começo da semana, a previsão do mercado é de que a inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo termine 2024 em 4,3%, quando a meta é de 3%. A esse descolamento da inflação somam-se a cotação do dólar acima de 5,50 reais, o crescimento forte da economia e um mercado de trabalho em aquecimento, além da persistente fragilidade fiscal do país, com seus gastos crescentes e sem que o governo consiga ser convincente de que terá as receitas para pagar por eles. "Acreditamos que o BC deve levar a Selic até 12% ao fim do ciclo, em janeiro de 2025", diz Beker, do BofA.

Outro aspecto que reforça o coro pela alta dos juros é a credibilidade do BC, já que membros da instituição deram declarações recentes indicando esse movimento. O presidente da entidade, Roberto Campos Neto, foi um dos que endossaram, há um mês, o cenário de aumento, alinhando seu discurso à própria ata da última reunião, quando a instituição reiterou que "não hesitará em elevar a taxa de

# NA CONTRAMÃO

*O Brasil e o Japão são os únicos entre 19 países onde a expectativa atual é de alta de juros*

(em % ao ano)

| | TAXA DE JUROS ATUAL | TAXA ESPERADA PARA 1 ANO |
|---|---|---|
| EUA | 5,38 | 3,14 |
| NOVA ZELÂNDIA | 5,25 | 3,21 |
| MÉXICO | 10,75 | 8,82 |
| SUÉCIA | 3,5 | 1,75 |
| CANADÁ | 4,25 | 2,51 |
| ZONA DO EURO | 3,75 | 2,14 |
| DINAMARCA | 3,35 | 1,85 |

| | TAXA DE JUROS ATUAL | TAXA ESPERADA PARA 1 ANO |
|---|---|---|
| | *(em % ao ano)* | |
| NORUEGA | 4,5 | 3,08 |
| REINO UNIDO | 5 | 3,69 |
| CHILE | 5,5 | 4,21 |
| REPÚBLICA TCHECA | 4,5 | 3,52 |
| AUSTRÁLIA | 4,35 | 3,41 |
| POLÔNIA | 5,75 | 4,89 |
| COREIA DO SUL | 3,5 | 2,71 |
| SUÍÇA | 1,25 | 0,54 |
| ÍNDIA | 6,5 | 5,85 |

(em % ao ano)

| | TAXA DE JUROS ATUAL | TAXA ESPERADA PARA 1 ANO |
|---|---|---|
| CHINA | 1,7 | 1,38 |
| JAPÃO | 0,25 | 0,46 |
| **BRASIL** | 10,5 | 12,26 |

Fonte: *Alexandre Manoel/AZ Quest (dados de 6/9/2024)*

juros" se julgar necessário. As afirmações foram corroboradas pelo diretor de política monetária e indicado pelo governo para ser o próximo presidente do BC, Gabriel Galípolo, que afirmou que "subir os juros é situação cotidiana" da autoridade monetária. "Justificar uma alta de juros com deflação e no mesmo dia em que o Fed começa o processo de cortes não vai ser fácil", diz Helena Veronese, economista-chefe do escritório de assessoria de investimentos B.Side. "Mas, com todas as sinalizações dadas até aqui, a alta passa a ser uma questão de credibilidade."

A análise de que o Banco Central não tem outra opção

RENATO S. CERQUEIRA/ATO PRESS/FOLHAPRESS

**PRESSÃO** Comércio popular: o consumo aquecido alimenta a inflação

exceto a de elevar os juros, porém, não é consensual. "O cenário externo ficou mais favorável e a Selic já parte de um patamar alto", diz o estrategista-chefe da gestora Warren, Sergio Goldenstein, que já foi chefe do Departamento de Mercado Aberto do Banco Central. "O BC poderia esperar um pouco mais." De acordo com Goldenstein, uma Selic a 12%, quando aplicada às fórmulas usadas pelo próprio BC, derrubaria a inflação a 2,6% até 2026 — abaixo da meta de 3%. "Subir os juros agora é como dar o antibiótico antes de ser diagnosticada uma pneumonia", defende Luiz Fernando Figueiredo, presidente do conselho de administração da gestora JiveMauá e ex-diretor do Banco Central.

De acordo com eles, o dólar tende a cair nos próximos meses, em especial depois que os efeitos dos juros mais bai-

SUAMY BEYDOUN/AGIF/AFP

**RECUPERAÇÃO?** Bolsa de valores: juros americanos mais baixos são estímulo

xos nos EUA começarem a se espraiar pelo mundo, ajudando a reduzir os preços de vários produtos e aliviando a inflação global. Há ainda o entendimento de que o Orçamento federal brasileiro para 2025, apesar de continuar longe de trazer cortes dos excessos de gastos públicos, inclui poucos aumentos em relação à enxurrada de benefícios dos últimos anos. "São gastos ainda altos, mas que não crescerão tanto, e isso tira o pé do acelerador", diz Figueiredo. De toda maneira, a poucos dias de os dirigentes dos bancos centrais do Brasil e dos EUA se reunirem para traçar o futuro dos juros de seus países, a bifurcação a ser aberta entre ambos parece certa. Juros mais baixos lá fora certamente favorecem o Brasil, abrindo espaço para que a taxa por aqui, em algum momento, também possa cair. Mas, para isso, o Brasil precisa se ajudar. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

# IDEIAS EQUIVOCADAS DE LULA

Ele poderia primar por bem transmitir suas mensagens

**O PRESIDENTE LULA** contribuiu para evitar a reeleição de Jair Bolsonaro, um político de pendores autoritários que acalentou, parece, o sonho de tornar-se um ditador. Distanciou-se, todavia, do político pragmático da campanha de 2002, quando abandonou as ideias insustentáveis do programa do PT. Escolheu, então, um banqueiro para presidir o Banco Central (BC), uma maldição para os petistas.

Agora, ele tem defendido visões dissociadas da realidade. Provoca incertezas que influenciam a taxa de câmbio, cujos impactos inflacionários prejudicam as classes menos favorecidas. Acusou o presidente do BC de não ter compromisso com o Brasil, preferindo viajar para Miami. Arvorando-se de especialista em política monetária, disse que a taxa de juros básica, a Selic, é injustificável. Questionou a independência do BC, ignorando que essa é a característica nas nações ricas e em grande parte dos países emergentes, inclusive na América Latina.

Inventou que "no imaginário do mercado, o presidente do BC tem que ser um representante do sistema financeiro". No seu entender, o chefe da autoridade monetária não é "intocável". Defendeu o direito de indicá-lo e de "tirar se não gostar". Ocorre que a tese da independência está consolidada por décadas de experiência e vasta literatura. Com ela, o banco tem a capacidade de resistir aos caprichos de políticos da hora, que buscam reduzir a taxa de juros para elevar sua popularidade. Quando isso aconteceu, a consequência foi inflação alta, como no governo de Dilma Rousseff.

Igualmente equivocado foi seu comentário sobre a Vale, "uma tal de corporate" (corporation), a qual seria um "cachorro com muito dono", que por isso morre de fome ou de sede. "É importante que essas empresas tenham nome, cara, identidade, porque assim o povo tem a quem cobrar."

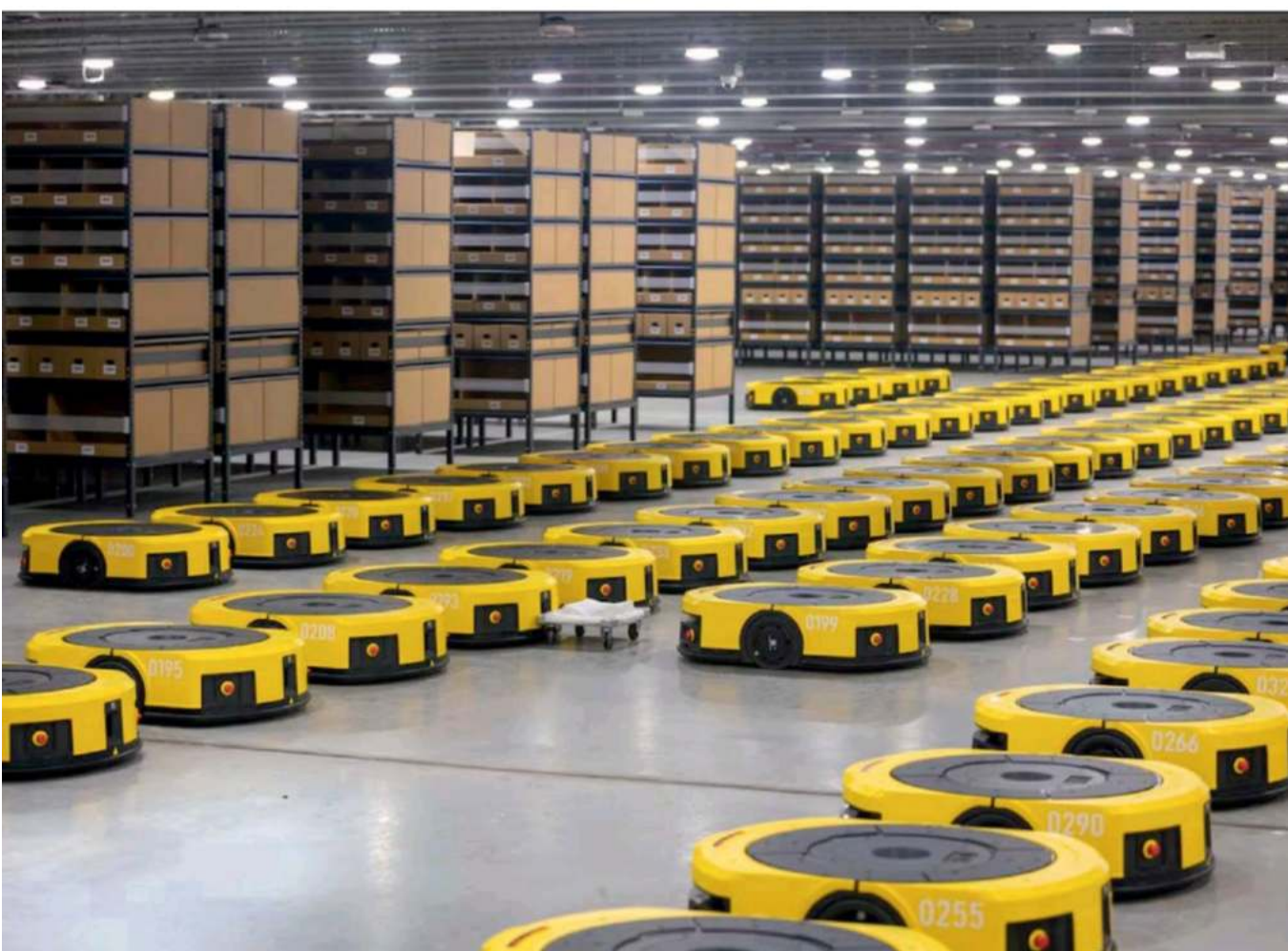
**"Ao discorrer sobre temas complexos, líderes precisam se informar e evitar ser traídos por improvisos"**

Corporation é a empresa cujo controle acionário é disperso. É o modo mais avançado de organização de empresas de grande porte com ações negociadas no mercado.

Lula goza de muita credibilidade entre os menos informados e entre letrados que não entendem como funcionam a política monetária e as grandes empresas. Suas declarações animam integrantes de seu governo a fazer afirmações semelhantes. Foi o caso do ministro de Minas e Energia, o qual, violando regras mínimas da liturgia e urbanidade que o cargo exige, declarou que iria ter a "alegria" de ver a saída de Roberto Campos Neto do comando do BC. O presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) falou em "sabotagem explícita" de Campos, que "espalha pessimismo" entre empresários.

Quando a maior autoridade do país e auxiliares falam em solenidades ou entrevistas, seus comentários costumam ter repercussões, positivas ou negativas. Ao discorrer sobre temas complexos como os aqui comentados, é recomendável que se informem adequadamente, evitando ser traídos por improvisos inconsequentes. É assim que agem os líderes que acertam ao transmitir suas mensagens. ■

# O PAÍS SE DIGITALIZA

O setor de tecnologia cresceu 86% desde a pandemia de covid-19 e conquista cada vez mais espaço na economia brasileira, apesar dos desafios **CAMILA BARROS**

**REVOLUÇÃO** Centro de distribuição do Mercado Livre: robôs entram em ação

VINICIUS STASOLLA/MERCADO LIVRE

**A REVOLUÇÃO** tecnológica avança mais rapidamente que qualquer outra já vivida pela humanidade. Os telefones celulares do início dos anos 2000, por exemplo, parecem feitos por neandertais, quando comparados aos smartphones modernos. Outro salto foi o surgimento da inteligência artificial, cada vez mais presente no nosso cotidiano. Esse avanço transformou o setor de tecnologia em um dos principais motores da economia de países desenvolvidos, como os Estados Unidos e o Japão. Ainda que distante das nações que lideram essa área, o Brasil também tem se tornado cada vez mais digital — um movimento que se intensificou nos últimos anos. O indicador que melhor captura a recente arrancada brasileira é o volume de serviços do setor de tecnologia da informação e comunicação, medido mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. De janeiro de 2020 a junho de 2024, o segmento cresceu 86%, quase nove vezes a expansão acumulada de 10% do produto interno bruto no período.

A pandemia de covid-19 desempenhou um papel crucial nessa disparada. A imposição das medidas de isolamento social e a adoção massiva do trabalho remoto levaram as empresas a investir com força na digitalização de operações e serviços. A transição envolveu desde a compra de equipamentos para os funcionários trabalharem em casa até a adoção de ferramentas de gestão de projetos, como o Trello, e o uso de plataformas de videoconferência, como o Zoom. Ao mesmo tempo, os consumidores

PATTANAPHONG KHUANKAEW/ISTOCK/GETTY IMAGES

**GARGALO** Curso de programação: falta mão de obra qualificada ao setor

dependiam mais do comércio eletrônico para suprir suas necessidades, obrigando as companhias a desenvolver canais de vendas on-line e a investir na automação dos centros de distribuição, entre outras estratégias, a fim de entregar rapidamente as encomendas. A corrida para a digitalização se espalhou por toda a economia. No Mercado Livre, maior plataforma de comércio on-line no Brasil, apenas 31% das encomendas eram entregues em até 24 horas no início da pandemia. Com a automação dos centros de distribuição, o número já chega a 50% — e, com um investimento de 23 bilhões de reais anunciado neste

# MAIS BITS E BYTES

***O setor de tecnologia é um dos que mais crescem no Brasil***

**86,2%**

É O CRESCIMENTO ACUMULADO DO SETOR DE TECNOLOGIA DE JANEIRO DE 2020 A JUNHO DE 2024

**9,8%**

É QUANTO O PIB BRASILEIRO AUMENTOU NO MESMO PERÍODO

**SOMENTE EM 2023, O SETOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)*:**

- *Cresceu 9,5%*
- *Faturou 351 bilhões de reais*
- *Representou 3,2% do PIB*
- *Empregou 1,2 milhão de pessoas*

## COMPOSIÇÃO DO FATURAMENTO EM 2023

* O TIC é composto pelos segmentos de software, serviços, nuvem, terceirização, business consulting, estatais, hardware e exportações

Fontes: *IBGE e Brasscom*

ano, o plano é avançar ainda mais. Outra empresa que cresceu nesse período é a Simpress, especializada em aluguel de equipamentos eletrônicos, como computadores, e a expansão está longe de perder força, mesmo com o fim da crise sanitária. “A pandemia expôs quais empresas estavam tecnologicamente preparadas para o mercado de hoje”, diz Vittorio Danesi, fundador e CEO da Simpress. “Quem não investiu, sucumbiu.” A empresa, que conta hoje com 2 000 clientes e 600 000 equipamentos locados, viu seu faturamento aumentar em média 20% ao ano desde 2019 e, para 2024, a projeção é de 1,5 bilhão de reais. Já a Sankhya, desenvolvedora de softwares de gestão empresarial, cresce cerca de 30% ao ano. Em 2020, com um aporte de 425 milhões de reais do fundo soberano de Singapura, a companhia lançou uma estratégia de expansão por meio de aquisições no setor. Desde então, foram realizadas oito operações, incluindo três apenas neste ano. “As aquisições nos ajudam a manter nosso ritmo de crescimento e a aumentar a fatia do mercado brasileiro”, diz Felipe Calixto, presidente da Sankhya.

Apesar do impulso recente, o setor de tecnologia no Brasil ainda é pequeno, quando comparado ao de países desenvolvidos. Por aqui, ele representa 3% do PIB, ante 10% nos Estados Unidos. Para continuar crescendo de forma sustentável, as empresas locais ainda precisam superar diversos desafios. O maior gargalo está na formação de mão de obra capacitada, já que o mercado ainda conta com

uma oferta de profissionais aquém da necessária. “Sem esses profissionais qualificados, as empresas direcionam seus planos de investimentos para outros países”, diz Affonso Nina, presidente-executivo da Brasscom, associação das empresas do setor de tecnologia. A FCamara, consultoria que desenvolve projetos de transformação digital, com meio bilhão de reais de receita anual, já busca a internacionalização. Tem escritórios em Portugal, na Inglaterra, em Holanda e Dubai e prepara uma abertura de capital no exterior. “Nosso objetivo é o crescimento. Uma oferta pública de ações é a forma mais factível de alcançar o montante de capital para sustentar a expansão internacional”, diz Fabio Camara, fundador e CEO. Mesmo com os obstáculos pela frente, não faltam oportunidades para que o Brasil se torne mais conectado com os novos tempos, diante da expansão de tecnologias como o 5G e a internet das coisas. “O crescimento desse setor no Brasil será sustentável porque as empresas precisarão adotar, cada vez mais, novas tecnologias para se expandir”, afirma Juliana Trece, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas. É o caminho para nos tornarmos cada vez mais digitais — e mais desenvolvidos. ■

**NA OFENSIVA** De mãos dadas: Harris subiu ao palco, foi a Trump, apresentou-se, e ele não teve como escapar

# PRAZER, KAMALA HARRIS

A candidata democrata se sai melhor no aguardado debate com Donald Trump e acirra a disputa pelos minguados eleitores indecisos, elevando a temperatura eleitoral

**AMANDA PÉCHY** E **ERNESTO NEVES**

SAUL LOEB/AFP

Foi quase palpável o suspiro de alívio da metade dos eleitores americanos que planeja votar no Partido Democrata quando, lá pelo meio de suas quase duas horas de duração, ficou clara a predominância de Kamala Harris sobre o republicano Donald Trump no primeiro — e possivelmente único — debate entre os dois candidatos à Casa Branca. Harris entrou na corrida de supetão, faltando meros 105 dias para a votação. Transmitiu desde o primeiro dia um choque de animação e esperança na campanha, tarefa facilitada pelo eleitorado desgostoso com a insistência de Joe Biden em se reeleger, apesar da notória impopularidade, e ansiando por um salvador da pátria. Lendo discursos no teleprompter e aceitando participar de uma única e chapa-branca entrevista, emplacou uma imagem de vigor, juventude e alegria, mas faltava a prova dos nove: debater cara a cara com um showman profissional, com a tensão adicional da memória do desempenho desastroso de Biden contra Trump, a gota d'água para sua desistência.

Para a imensa satisfação da nação anti-Trump, Harris foi, viu e venceu — o que, no entanto, está longe de lhe garantir a maioria no Colégio Eleitoral em 5 de novembro. Com o eleitorado rachado ao meio e uma ínfima minoria ainda se declarando indecisa (fala-se em 200 000 pessoas), cada movimento da dupla, a partir de agora, será um clique, um meme, um post e uma alteração para cima ou para baixo nas pesquisas. Haja coração. Irônica e afiada, Harris tirou seu oponente do sério com provocações e

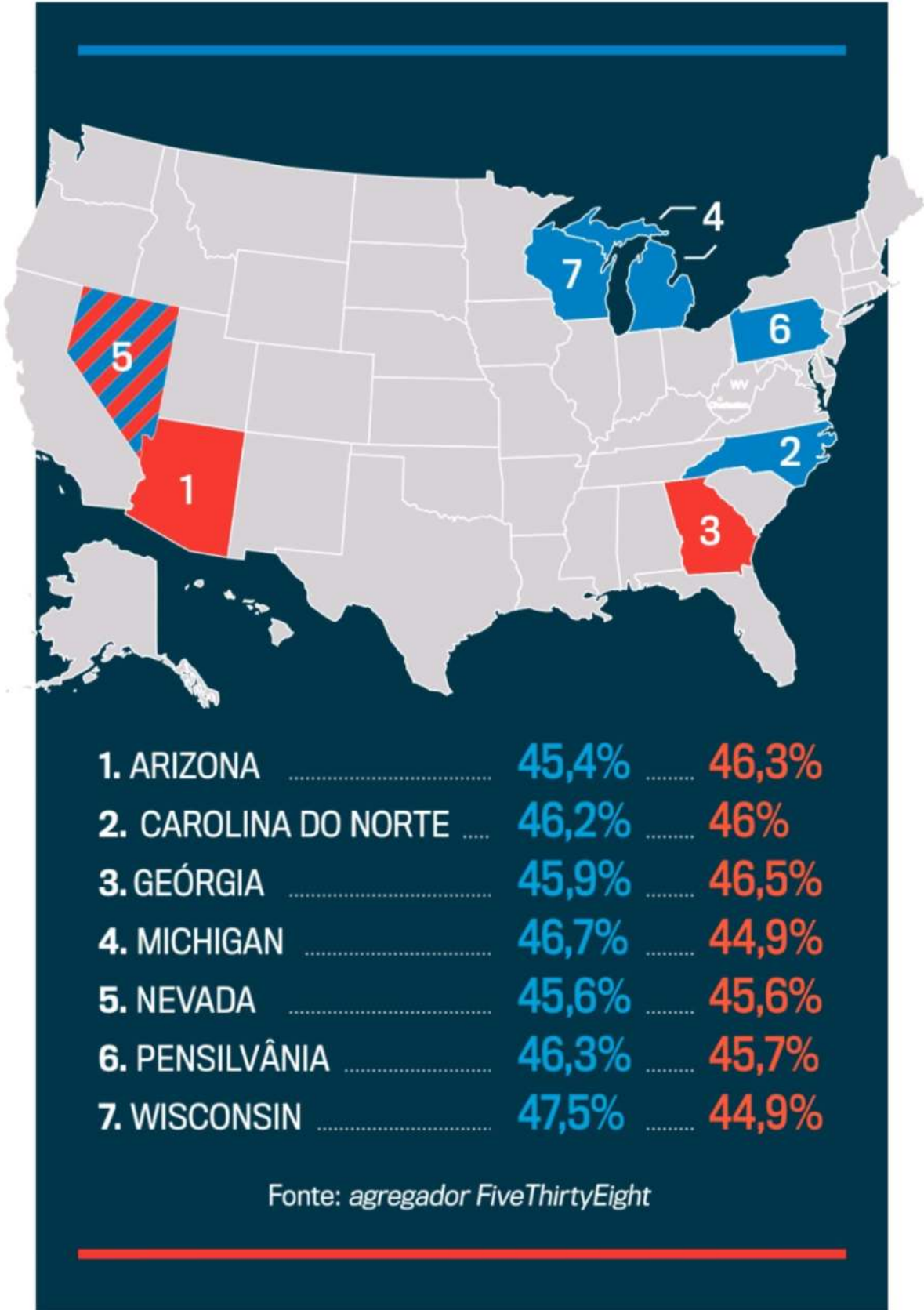
o deixou na defensiva desde que os dois subiram ao palco e ela praticamente o forçou a um aperto de mão, apresentando-se (eles nunca haviam se encontrado): "Kamala Harris. Vamos fazer um bom debate".

Repisou o quanto pôde temas em que Trump titubeia, como o direito ao aborto e uma prometida revolução no atendimento médico público ("Tenho o conceito de um plano", esquivou-se o ex-presidente), e, de cutucada em cutucada, levou o adversário a repetir a absurda fake news de que imigrantes estão se alimentando de cães e gatos domésticos.

## PÁREO APERTADO

*A corrida pela Casa Branca está sendo disputada voto a voto pela democrata Kamala Harris e pelo republicano Donald Trump, inclusive nos sete estados-chave nesta eleição, segundo aponta a média das últimas pesquisas*

| HARRIS | TRUMP |
| --- | --- |
| 47% | 44,4% |

4
7
6
5
WV
2
1
3
1. ARIZONA 45,4% 46,3%
2. CAROLINA DO NORTE 46,2% 46%
3. GEÓRGIA 45,9% 46,5%
4. MICHIGAN 46,7% 44,9%
5. NEVADA 45,6% 45,6%
6. PENSILVÂNIA 46,3% 45,7%
7. WISCONSIN 47,5% 44,9%
Fonte: agregador FiveThirtyEight

ANADOLU/GETTY IMAGES

**PONTO PARA ELA** Protesto contra a restrição do acesso ao aborto: a ruidosa decisão prejudicou os republicanos

"Eles comem seus bichinhos de estimação", bradou Trump, em tom de fúria. Ela riu e balançou a cabeça. Saiu do duelo retórico cheia de atitude, com 63% achando que ela ganhou — com o endosso de Taylor Swift, influenciadora de influenciadores, que tem 284 milhões de seguidores e a quem, meses atrás, se atribuiu um mentiroso apoio ao republicano.

Orientada por uma equipe competente, a reinvenção política de Harris foi a mais rápida na história moderna da política americana. Enquanto vice de Biden, era vista como uma figura inexpressiva, progressista demais e propensa a gafes.

CHRISTIAN TORRES/ANADOLU/GETTY IMAGES

**PONTO PARA ELE** Imigrantes tentam entrar nos Estados Unidos: número recorde de ilegais no governo Biden

Candidata, converteu-se da noite para o dia em líder autoconfiante, assertiva e jovem — tem 59 anos, contra 78 de Trump e 81 do ex-chefe. Embora não renegue o governo Biden, e nem poderia, faz questão de frisar um olhar para o futuro. Assim conseguiu energizar o eleitorado democrata e arrecadar 361 milhões de dólares para o seu comitê em dois meses, o triplo de Trump no período. Feitos impressionantes, mas pouco efetivos na hora do vamos ver, já que Harris prega para convertidos. Na briga de verdade, por quem ainda não decidiu ou pode mudar de voto, ela está só 2,6 pontos à fren-

te de Trump na média das pesquisas nacionais e praticamente empatada com ele nos chamados *swing states* — Wisconsin, Michigan, Pensilvânia, Geórgia, Nevada, Arizona e Carolina do Norte (*veja o quadro*) —, onde as preferências se alternam e cujos delegados decidirão a eleição.

MIGUEL A. LOPES/EFE/EPA

**"I WANT YOU"** Taylor Swift: "Vou votar em Kamala", declarou a estrela pop com 284 milhões de seguidores

Ex-promotora e ex-secretária da Justiça na Califórnia — o rival, lembre-se, é "criminoso condenado" pela Justiça por falsificar documentos para encobrir suborno a uma atriz pornô —, senadora de primeiro mandato que se pré-candidatou à Presidência em 2020 e acabou integrando a chapa de Biden, Harris é pouco conhecida do público e coleciona vídeos do passado em que se alinha à ala mais à esquerda do partido, da qual o americano médio tem pavor. A campanha republicana ressalta ao máximo as falas da "camarada Kamala", enquanto ela dá nó na oratória para mostrar que mudou, mas não mudou. Muito cobrada para explicar seus planos e ideias, Harris até agora pouca coisa adiantou. O debate mostrou

JACEK BOCZARSKI/ANADOLU/AFP

**MARIDÃO** Douglas Emhoff, o segundo-cavalheiro: trunfo da campanha

que, pelo menos neste momento, a tática será investir contra Trump, com mais ironia do que agressividade, ressaltando que ele tem a cabeça voltada para o passado e compromisso zero com a democracia. Ao mesmo tempo, acena com a pacificação — disse que, se eleita, convidará um republicano para seu gabinete e poupa de críticas os eleitores trumpistas, um erro crasso de Hillary Clinton, que no pleito de 2016 os classificou de "deploráveis".

Tema sensível na polarizada sociedade americana, o perfil étnico de Harris, filha de pai jamaicano e mãe indiana, é

pouco explorado por ela e pelos marqueteiros do Partido Democrata, que preferem salientar sua trajetória de vida e sua faceta "gente como a gente". Nesse ponto, é ajudada pelo simpático marido, Douglas Emhoff, que deixou a carreira de advogado de sucesso em Los Angeles para apoiá-la, apresenta-se como segundo-cavalheiro e conta histórias dos tempos de namoro dos dois. É uma estratégia semelhante à usada por Barack Obama em 2008, ao se apresentar como político pragmático e de centro que teve sucesso graças ao trabalho duro. A ascensão por esforço próprio cria conexão com relevantes grupos de eleitores que tendem a votar em Trump, como os latinos (36 milhões e 15% do eleitorado) e a classe média baixa branca, que associa o Partido Democrata às elites. "O gênero e a raça ainda têm papel decisivo na política. Mas tudo indica que o eleitor está com a cabeça mais aberta à liderança de uma mulher", diz Duchess Harris, professora de história do Macalester College, em Mineápolis.

A candidatura da democrata esbarra ainda na desaprovação popular ao governo Biden nos dois quesitos que compõem as maiores preocupações dos americanos agora: imigração e inflação. A entrada de ilegais explodiu nos últimos anos, um tema exaustivamente explorado por Trump. "Kamala tornará a invasão exponencialmente pior", disse ele no debate. Medidas rigorosas baixadas por decreto, em junho, colocaram a situação sob controle, mas o estrago estava feito. Na economia, os consumidores sentem os efeitos de anos de inflação elevada e sabem que ela está caindo, mas os

SAMUEL CORUM/AFP

**POSTO PARA ESCANTEIO** Biden sai de cena: a democrata procura agora se descolar do presidente em fim de mandato

preços continuam altos — mais altos do que no governo Trump. Para atacar o problema, Harris apresentou uma plataforma vaga, que resvala para o populismo, prometendo uma linha de crédito de 25 000 dólares para aquisição da primeira casa própria e mal explicados controles de preços nos supermercados. "Uma regra básica da economia é que a distribuição de dinheiro sem planejamento pode alimentar a inflação, encarecendo os preços", alerta Michael Faulkender, professor de finanças da Universidade de Maryland.

Entrar na corrida quando ela já está em andamento aconteceu antes, mas nunca com tempo tão exíguo. Em 1968, Lyndon Johnson, pressionado pela onda de protestos contra a

BETTMANN/GETTY IMAGES

**1968** Humphrey: o vice virou candidato sete meses antes da eleição e perdeu

guerra no Vietnã, desistiu de se reeleger em favor de seu vice, Hubert Humphrey (que perdeu para Richard Nixon). Faltavam 213 dias para a eleição, mais que o dobro de agora. Com tão pouco tempo para convencer os indecisos de que é a melhor opção, Harris anda na corda bamba. Ela pode não dizer, com nitidez, quem é, mas tira partido de quem não é. "Claramente, não sou Biden nem Trump", disse no debate. Manter viva a euforia dos democratas para que saiam de casa e votem, atrair quem ainda não se decidiu, chacoalhar o clima de "já ganhou" que envolvia Trump até recentemente — haja terninho, salto alto e atitude para Kamala Harris conseguir virar o jogo nas próximas semanas. Trump está acuado. ■

VILMA GRYZINSKI

# TRÊS GIGANTES EUROPEUS TREMEM

Alemanha, Inglaterra e França vão mal, embora o povo continue bem

**NÓS,** do Novo Mundo, costumamos ficar impressionados com coisas muito antigas. A monarquia inglesa vem de uma linha de quase 1 200 anos? Algo de bom deve ter. Notre-Dame começou a ser construída no ano de 1163, mais de três séculos antes de o Brasil histórico começar a existir? Agradecemos aos céus que já esteja quase sem os andaimes que recuperam sua glória depois do incêndio de 2019 — e sem as ridículas propostas “modernizantes” que tentaram emplacar. Esse apreço por pilares da cultura ocidental — e está claro aqui que só tratamos das coisas boas, os outros que falem das ruins — aumenta a dor no coração que dá ao ver a França perdida num labirinto político, a Inglaterra ser tomada por um governo ainda mais incompetente do que o anterior e a Alemanha correr o risco de ficar até sem a Volkswagen, estrangulada pela competição chinesa. O modelo bem-sucedido que produziu um PIB conjunto de 11 trilhões de dólares e o Estado de bem-estar social, o estágio mais avançado alcançado pela humanidade

para prover a maioria da sociedade, parecem sufocados por múltiplas forças. Algumas delas: estagnação mais ou menos generalizada, falta de renovação e de mão de obra para manter o alto padrão de vida e uma atitude de total paralisia diante das grandes massas de migrantes que chegam sem parar, não para tocar as fábricas alemãs que correm o risco de fechar, mas para disputar benefícios sociais finitos, já ameaçados pelo encolhimento populacional.

Só um pequeno exemplo: o governo alemão conseguiu finalmente devolver ao Afeganistão, depois de anos, 28 criminosos contumazes. Um havia estuprado uma menina de 14 anos, vários tinham abusos de menor na ficha, e o prontuário policial de outro registrava mais de 160 ocorrências. Cada um deles recebeu 1 000 euros para facilitar a expulsão. Como se sente o cidadão alemão que paga impostos para bancar essa inacreditável benevolência? A vo-

**“O modelo bem-sucedido que produziu um PIB de 11 trilhões de dólares parece sufocado”**

tação de mais de 30%, em duas eleições estaduais, da Alternativa para a Alemanha, sempre suspeita de simpatias pela extrema direita, dá uma pista. O primeiro-ministro Olaf Scholz, sujeito decente pelos padrões da política, também quer controlar a venda de facas para evitar os casos em que imigrantes psicopatas, por doença mental ou fanatismo, picam cidadãos inocentes nas ruas.

A mesma impotência parece ter engolfado Emmanuel Macron, um garoto prodígio que chegou à Presidência com as ideias certas para fazer as reformas obrigatórias. Por vontade própria, convocou eleições nas quais sabia que perderia a maioria e agora parece o clássico peru natalino aturdido por substâncias fortes, procurando alianças à esquerda e à direita e sendo odiado por todo mundo. Na Inglaterra, o primeiro-ministro Keir Starmer assumiu em julho, mas conseguiu cair para 35% de aprovação e ficamos sabendo que um senhor rico, simpático ao Partido Trabalhista, pagou pelos seus ternos e até por seus óculos durante a campanha. Existe algo mais desmoralizante? Na verdade, existe: como é próprio da cultura anglo-saxã, um modismo copiado *ipsis litteris* nos trópicos, a intelectualidade de esquerda comanda um revisionismo histórico que cultiva não a autocrítica saudável, mas um estado permanente de ódio ao próprio país. A última: o novo técnico da seleção inglesa, Lee Carsley, informou que não vai cantar o hino nacional antes dos jogos. A loucura também é brava por parte *des filhes* daquele solo. ■

VALMIR MORATELLI

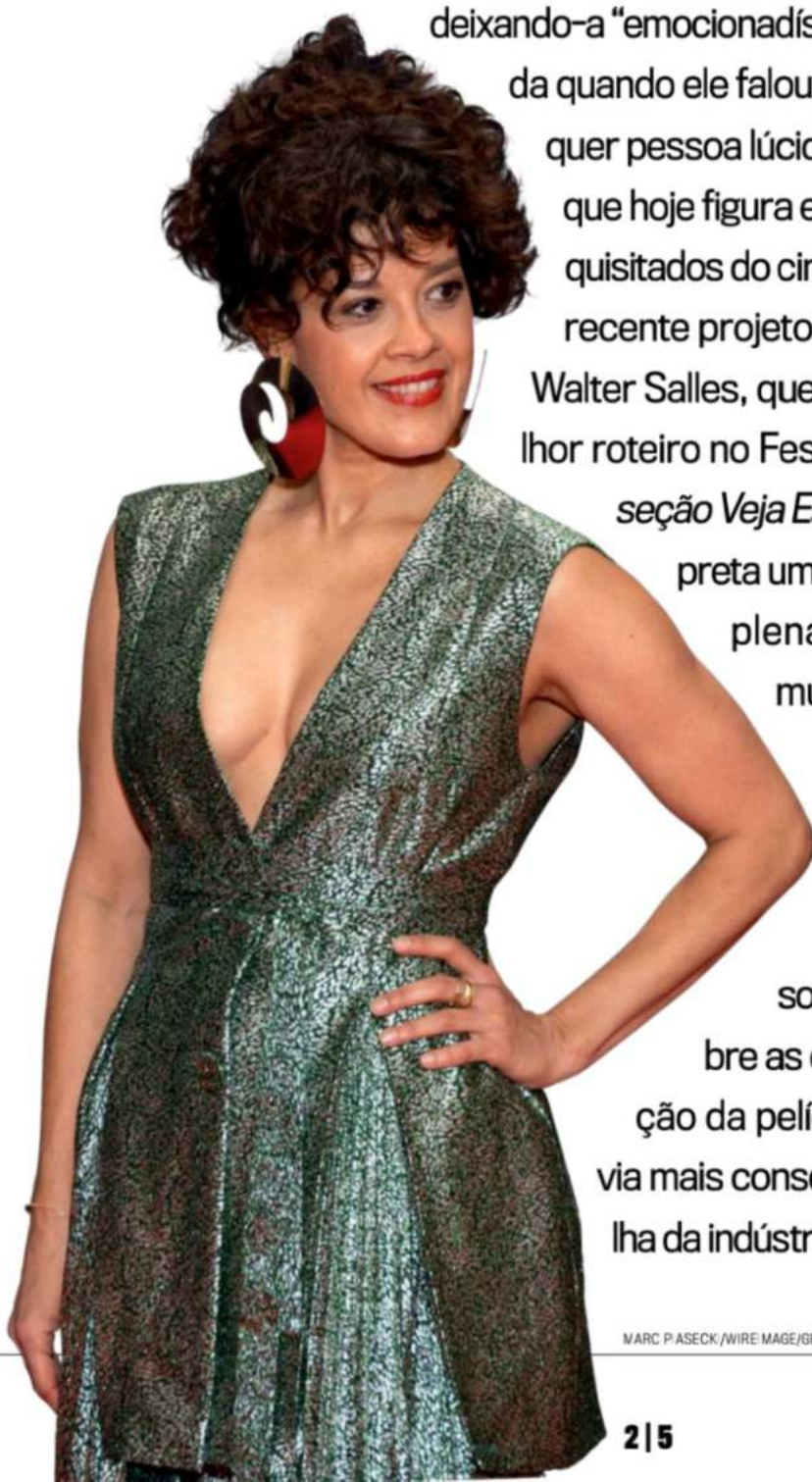
Com reportagem de Giovanna Fraguito
e Mafê Firpo

# VILÃ NO DIVÃ

Pensou em vilania na TV brasileira e logo vem à memória Carminha, a megera à qual **ADRIANA ESTEVES,** 54 anos, deu vida em 2012, na antológica *Avenida Brasil.* Ela adora as personagens cheias de malvadezas, nas quais tenta colocar camadas que aprende em seus estudos de psicanálise, nas brechas das gravações. É esse o seu atual desafio ao encarar a neurótica – e para lá de vilanesca – Mércia, em *Mania de Você,* a nova trama global das 9. "Esses papéis são ambíguos, minha grande realização profissional", diz a atriz, que lida de um jeito próprio com as críticas, boas e ruins, despejadas diariamente nas redes. "Nem olho para não ficar ansiosa", conta ela, pregando uma utópica existência desconectada.

LUCAS TEIXEIRA/GLOBO

# PAPEL DE FAMÍLIA

Nunca saiu da cabeça da atriz **MAEVE JINKINGS,** 48 anos, um arrebatador elogio que recebeu de Caetano Veloso depois de ver um de seus filmes, *O Som ao Redor.* "Extraordinariamente sexy", ele disse, deixando-a "emocionadíssima". "Fiquei perturbada quando ele falou isso, óbvio, como qualquer pessoa lúcida", entrega a paraense, que hoje figura entre os nomes mais requisitados do cinema nacional. Seu mais recente projeto é *Ainda Estou Aqui,* de Walter Salles, que levou o prêmio de melhor roteiro no Festival de Veneza *(leia na seção Veja Essa).* Na trama, ela interpreta uma livreira subversiva em plena ditadura, papel que muito a tocou. "Meu avô era livreiro e foi perseguido pelo regime, memórias que ajudaram a compor minha personagem", diz ela, que, sobre as chances de uma indicação da película ao Oscar, segue a via mais conservadora. "É uma escolha da indústria", afirma.

MARC PIASECKI/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

LUCAS SEIXAS/FOLHAPRESS

# "SOU DISCRETO, SIM"

O ator **CAIO BLAT,** 44 anos, vem enveredando nos últimos tempos pelo terreno das declarações picantes. Um exemplo: "Gosto de um convidado, mas a dois também é especial. Convidado é algo excepcional", declarou, refletindo sobre um eventual sexo a três para dar uma apimentada na rotina. Recém-separado de Luisa Arraes, 31, com quem mantinha desde 2017 um casamento aberto, Caio viveu a dor de cabeça de ver vazar nas redes um suposto vídeo íntimo seu (ele não confirma nem nega ser o personagem central). Em cartaz em São Paulo com a peça *Memórias do Vinho* e nos cinemas com *O Diabo na Rua no Meio do Redemunho,* torce o nariz quando adentram sua intimidade. "As pessoas estão sempre em busca de polêmicas. Por mais bem resolvidas que as coisas sejam, é invasivo", queixa-se ele, que garante: "Tento ser o mais discreto possível, sim".

# ATÉ QUANDO?

Sempre flertando com a música, **WILL SMITH,** 55 anos, decidiu afastar-se dos sets para ser cantor em tempo integral. E o palco escolhido para a conversão foi o do Rock in Rio, em cuja programação entrou na última hora, com show marcado para o próximo dia 19. Numa demonstração de que fala sério, acaba de anunciar que deixará o elenco do filme *Sugar Bandits,* já em fase de produção, no qual viveria um soldado de volta da Guerra do Iraque. "Está na hora de correr atrás do tempo perdido", declarou ele, que acelerou a guinada depois que seu último sucesso, *Bad Boys: Ride or Die,* arrecadou mais de 400 milhões de dólares. "Fazer filmes paga muito bem. Sempre que pensava em trocar o cinema pela música, me convenciam a ficar", conta ele, que pretende embalar a plateia no Rio ao som de rap. É esperar para ver quanto o afã musical resiste às cifras de Hollywood.

CHANDAN KHANNA/AFP

# OLHA O TORNOZELO DELA

Existe aquela turma que põe os pés no rol da fama por um talento especial que enobrece sua área de atuação. Não é esse, definitivamente, o caso da golpista serial **ANNA SOROKIN,** 33 anos, a russa que adentrou o *grand monde* de Nova York se passando por uma herdeira rica alemã, enredo que inspirou a série *Inventando Anna*. Ela viveu na roda do alto luxo, enganando gente graúda, até ser desmascarada e condenada por fraude generalizada, tendo caloteado dívidas com bancos, hotéis e joalherias. Depois de três anos atrás das grades, Anna vive em prisão domiciliar em Nova York e, habilidosa que é para atrair atenção, foi escalada para o sucesso televisivo *Dancing with the Stars*, espécie de *Dança dos Famosos* americana, em que aposta suas inesgotáveis fichas. "Muita gente fica famosa por coisas ruins e consegue transformar isso em algo diferente", diz, em versão regenerada. Detalhe: seu bailado será acompanhado por um acessório que preferiria muito deixar em casa – a inseparável tornozeleira eletrônica. ■

MEGA/GC IMAGES/GETTY IMAGES

# ESTRESSE PEGA

O tipo que gosta de enfatizar quão dedicado é ao trabalho, sempre extenuante, erra ao achar que será admirado. Na verdade, acaba sendo visto como ineficaz e disseminador de clima ruim

**SARA SALBERT** E **DUDA MONTEIRO DE BARROS**

MONTAGEM TIJANA87//DEAGREEZ/IZUSEK//S PHOTOGRAPHY/ISTOCKPHOTO/GETTY IMAGES

Considerado um dos males do século XXI, o estresse é uma reação do organismo a situações de perigo ou ameaça que, de tão incidente, subiu ao degrau das epidemias, atingindo 90% da população mundial em algum nível, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Os primeiros estudos sobre o tema foram conduzidos pelo endocrinologista canadense Hans Selye, ainda na década de 1930, com o objetivo de entender a mola propulsora desse incômodo que tanto preocupa por seu elevado potencial de desencadear variados problemas físicos e mentais.

Três décadas mais tarde, a investigação chegou ao mundo do trabalho, prato cheio para a produção de estressados. A ideia sempre foi fugir dessa deletéria zona de alta pressão, mas eis que uma banda da humanidade, embalada pela rotina corporativa moderna, começou a se gabar de suas jornadas extenuantes, impulsionadas por agendas lotadas e noites maldormidas. Para essa turma, é como se viver um dia de labuta puxado após o outro fosse sinônimo de dedicação e competência. O estresse seria assim uma condição quase indissociável da alta performance, motivo de orgulho, algo a ser enfatizado e exibido.

O fenômeno, que muda de tonalidades como um camaleão, recém mobilizou um grupo de especialistas em relações corporativas, sociólogos e filósofos da Universidade da Geórgia, nos Estados Unidos, resultando em uma vasta pesquisa sobre o tópico. Os pesquisadores criaram personagens ficti-

cios que, cada qual de um jeito, falavam de quão estressados viviam em seus postos. A ideia era observar sob a lupa científica o impacto que o discurso de valorização ao batente excessivo e o próprio esgotamento mental causavam em centenas de profissionais que, ao lado dos exagerados, levavam a carreira em bases mais tranquilas, mesmo em cargos de comando. A investigação, executada por meio de conversas on-line, constatou que o comportamento de sublinhar o tempo todo as horas trabalhadas, o cansaço e a dureza não faz despertar admiração, mas dúvidas sobre a competência da pessoa, por ser incapaz de alcançar um equilíbrio.

Não raro, esse tipo tão comum foi descrito como "o colega desagradável". "Eles acham que estão sendo bem-vistos, mas na verdade só estão prejudicando a própria imagem",

PA IMAGES/ALAMY/FOTOARENA

***"Eu forçava todos a meu redor a trabalhar muitas horas. À medida que fui ficando mais velho, percebi que, tanto em termos de fazer o seu melhor trabalho quanto de ter uma ótima vida, essa intensidade nem sempre era apropriada."***
**Bill Gates,** 68 anos, fundador da Microsoft

afirmou a VEJA Jessica Rodell, coordenadora do estudo. O arquiteto Henrique Damasco, 60 anos, é um desses que evitam ao máximo compartilhar terreno com os que fazem reverberar escritório afora sua longa via-crúcis no batente. “Não consigo conviver com pessoas estressadas, que ficam espalhando esse clima ruim. Isso me desestimula”, diz.

O levantamento ainda detectou um segundo desdobramento negativo do assíduo contato com a fatia de homens e mulheres que batem no peito ao discorrer sobre como o trabalho lhes toma por completo: eles passam o estresse adiante, como “um contágio”. Nesse ponto, os especialistas da Geórgia deram um passo além. Uma década atrás, o neurocientista Tony Buchanan, da universidade americana de St. Louis, descobriu que o estresse funciona como um vírus, espalhando-se entre os indivíduos por meio de um mecanismo em que a pessoa absorve nas camadas do inconsciente modos de agir alheios graças aos “neurônios espelhos”, presentes numa região do cérebro responsável por funções cognitivas complexas. Agora, os pesquisadores expandiram o saber na área ao concluir quanto a fala também ajuda a disseminar os picos de tensão, a ponto de fazer quem está exposto a ela ficar mais propenso a sofrer de distúrbios como o *burnout*. A enfermeira Leilane Oliveira, 35 anos, que já teve muito colega prosa da sobrecarga, dá voz aos críticos. “Eles tentam valorizar suas tarefas, mas muitas vezes nem estão tão ocupados quanto dizem e fazem muita gente se sentir mal”, dispara.

ARQUIVO PESSOAL

## NÃO É COMO PARECE

A enfermeira **Leilane Oliveira,** 35 anos, já esbarrou com muitos profissionais que supervalorizam o que fazem e se declaram sempre atribulados, revelando um orgulho diante do excesso. "Eles tentam conferir a tudo um tom de estresse, quando, muitas vezes, não estão nem tão sobrecarregados assim", afirma.

O ciclo do mal-estar começa quando o funcionário se vê pressionado a adotar o mesmo padrão dos que propagam o "culto ao estresse", fazendo o clima pesar. Felizmente, já há alguma consciência de que essa engrenagem em nada agrega e, notando estar acima do tom, tem gente que revê o mau hábito. Aconteceu com a assistente social Sabrina Souza, 35 anos e muito estresse acumulado e divulgado. "Eu tenho medo de ter atrapalhado alguém por eventualmente ter sido essa pessoa que sempre expõe a sensação de trabalhar em excesso", admite. Além dos efeitos sociais, tal reação fisiológica, como já comprovado, pode prejudicar a memória e a capacidade para tomar decisões. "A saúde física também é afetada, aumentando os riscos de doenças cardiovasculares e problemas digestivos e no sistema imunológico", alerta a neurologista Marleide da Mota Gomes, da UFRJ. Nesse ambiente, é compreensível que a produtividade geral caia. "Na prática, o estresse propagado no ambiente de trabalho traz dificuldade de concentração, erros e atraso nas tarefas", explica a psicóloga Joselene Alvim, da Unesp.

Poderia supor-se que o imenso contingente que migrou para o home office de forma permanente, no cenário pós-pandêmico, não daria gás ao fenômeno do enaltecimento às jornadas extenuantes, até pela flexibilidade conquistada e a distância dos colegas. Mas eis que emergiu um desdobramento inesperado nessa modalidade que se multiplicou. O isolamento acabou fazendo com que as pessoas amplificassem suas queixas sobre sobrecarga, o que tem uma razão de

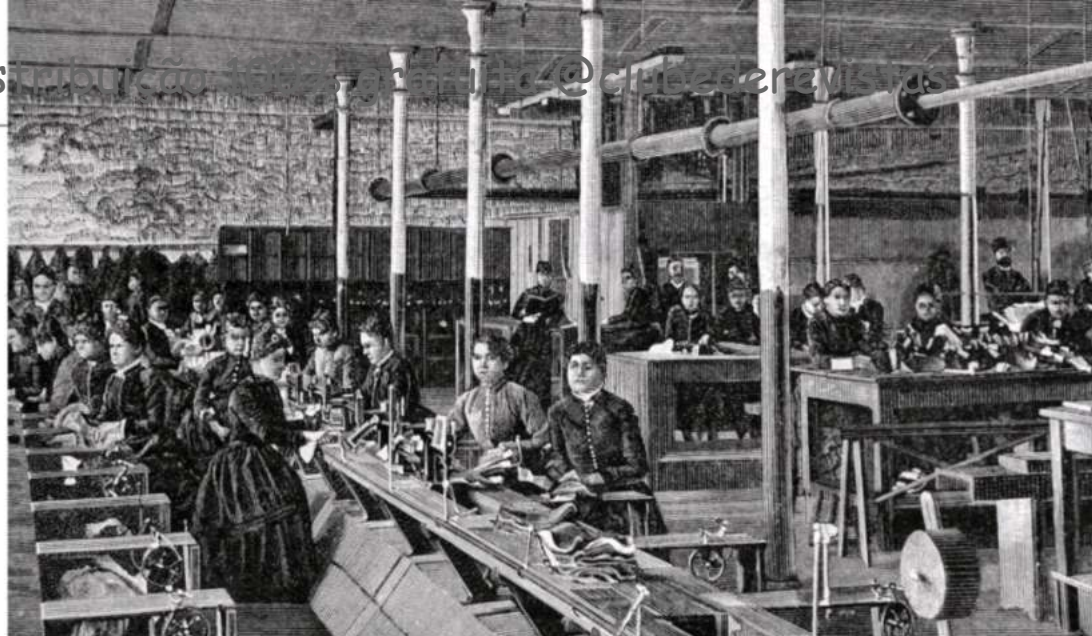
ARQUIVO PESSOAL

# "NÃO CONSIGO CONVIVER"

O arquiteto **Henrique Damasco,** 60 anos, evita ao máximo ficar lado a lado com a turma que gosta de se gabar do excesso de trabalho e das longas horas no escritório. "Isso me contamina a ponto de me desestimular a fazer meu próprio trabalho", conta ele, que diz que não consegue entender esse comportamento, tão comum hoje em dia.

fundo objetivo — segundo o relatório People at Work, do ADP Research Institute, que se debruçou sobre uma vasta amostra em dezessete países, 82% relatam episódios de estresse pelo menos uma vez por semana, fruto da dificuldade de demarcar uma fronteira entre trabalho e lazer, mais diluída em casa. Mas pesa também aí um outro fator, este rodeado de subjetividade. Longe do olhar de seus pares e superiores, observa-se um pendor para mostrar o que e quanto se produz. "As pessoas se sentem pressionadas a provar que realmente estão trabalhando", avalia Paula Esteves, à frente da Cia de Talentos e diretora da Associação Brasileira de RH.

Foi a Revolução Industrial, a partir do século XVIII, que cimentou a filosofia de que produtividade e eficiência deveriam se sobrepor a qualquer outro valor. "O trabalho árduo ganhou um status como nunca antes, à custa do bem-estar pessoal", diz a especialista Sally Maitlis, da Universidade de Oxford. O mundo girou então de forma radical, até desaguar num caldo de cultura em que o estilo de vida liderado pela tribo dos workaholics ascendeu nos escritórios dos Estados Unidos, capitaneados por expoentes da tecnologia do Vale do Silício. Ventilou-se aí com força total, na década de 1990, a ideia de extrapolar limites físicos e mentais para alcançar grandes feitos e crescer. Mas a passagem do tempo fez gente do calibre de Bill Gates, fundador da Microsoft, incluir na equação outro componente — o equilíbrio. "Eu forçava todos a meu redor a trabalhar muitas horas. À medida que fui ficando mais velho, e especialmente depois que me tornei pai,

OLEG GOLOVNEV/SHUTTERSTOCK

**SÓ TRABALHO** Fábrica no século XIX: alicerce da ideia de que produtividade e eficiência se sobrepõem ao bem-estar

percebi que, tanto em termos de fazer o seu melhor trabalho quanto de ter uma ótima vida, essa intensidade nem sempre era apropriada", diz o empresário, aos 68 anos.

Na tentativa de duelar contra a corrente do estresse, a OMS recomendou que as empresas promovam treinamentos concentrados nas lideranças, de modo que consigam frear sua disseminação e lidar com quem vive sobressaltado. Ainda falta chão. De acordo com um relatório global do ADP Research Institute, 46% dos trabalhadores ainda se sentem à deriva quando o papo é o bem-estar mental, assunto que vem saindo das sombras, mas exige mais atenção. "As empresas precisam criar um espaço seguro para essa discussão", avalia a especialista Paula Esteves. Diante da escala do problema, Jessica Rodell, da Universidade da Geórgia, enfatiza: "É bom que as pessoas pensem duas vezes antes de se gabar de como estão estressadíssimas com o que fazem". Estresse só traz estresse — e ninguém, ninguém mesmo, sai ganhando. ■

# RAPIDEZ PARA SALVAR

Silencioso e altamente letal, o câncer de pâncreas vira alvo de um projeto brasileiro que busca fazer o diagnóstico em até 72 horas para aumentar as chances de sucesso no tratamento **PAULA FELIX**

SCIENCE PHOTO LIBRARY RF/GETTY IMAGES

**VITAL** Fábrica de hormônios: pâncreas, localizado no abdome, produz substâncias como a insulina

**ATÉ POUCO** tempo atrás, a notícia soava a sentença de morte. Um tumor sorrateiro e agressivo avança sem dar sinais claros numa glândula situada no abdome que responde pela produção de hormônios e enzimas digestivas. É o câncer de pâncreas, condição que afeta quase 11 000 brasileiros por ano, representa 5% das mortes no universo oncológico e, geralmente detectado em fase adiantada, limita bastante as possibilidades de cura. Nessas circunstâncias, não só a cirurgia não consegue resolver o problema como, apesar das inovações na área, faltam medicamentos e outros recursos capazes de virar o jogo. Uma certeza persiste: o diagnóstico precoce faz toda a diferença em prol da sobrevivência e do bem-estar do paciente. Daí a proposta adotada por um hospital de São Paulo de cercar casos suspeitos e bater o martelo sobre a doença quanto antes, a fim de iniciar o tratamento em um prazo de até 72 horas. Essa agilidade é capaz de salvar vidas.

O programa One Stop Clinic, conduzido pelo A.C. Camargo Cancer Center, acaba de ser inaugurado com a missão de servir de atalho para os médicos flagrarem e contra-atacarem o tumor pancreático. Ele impõe obstáculos por ter sintomas inespecíficos, como quadros repentinos de diabetes e amarelamento da pele, que podem ser confundidos com outras enfermidades. Também não conta com exames de rastreamento, caso da mamografia (mama), colonoscopia (intestino) e toque retal (próstata). O diferencial do projeto paulistano é o estabelecimento de

POR DENTRO
DA DOENÇA
Câncer de pâncreas corresponde a 1% de todos os tumores, mas a 5% das mortes
ESTIMATIVA DE CASOS
10 980 NOVOS REGISTROS E 11 974 MORTES POR ANO NO PAÍS
FATORES DE RISCO
OBESIDADE, DIABETES TIPO 2, TABAGISMO, CONSUMO EXCESSIVO DE ÁLCOOL, CONDIÇÕES GENÉTICAS, PANCREATITE CRÔNICA
SINTOMAS
DOR ABDOMINAL, URINA ESCURECIDA E PELE AMARELADA, PERDA DE PESO, FADIGA E DORES NAS COSTAS

fluxos ao longo da jornada do paciente, com o encadeamento das agendas de exames e consultas para analisar, de forma célere, os achados. A integração das equipes e o uso de tecnologias para automatizar as etapas estão na base do protocolo. "Temos alertas imediatos que nos permitem discutir rapidamente e ter o resultado até de biópsias", exemplifica o oncologista Felipe Coimbra, líder do Centro de Referência de Tumores do Aparelho Digestivo Alto do A.C. Camargo. A corrida contra o tempo se justifica. Um levantamento com dados de pacientes da insti-

SEBASTIEN DESARMAUX /GODONG/GETTY IMAGES

**FATOR DE RISCO** Maus hábitos: tabagismo e obesidade abrem portas à doença

tuição colhidos ao longo de quase vinte anos aponta um aumento de 460% nas chances de sobrevida quando as terapias entram em cena mais precocemente.

A meta é não deixar o câncer arruinar a glândula responsável pela fabricação da insulina — hormônio essencial para o controle dos níveis de açúcar no sangue — e de substâncias que participam da digestão de proteínas e gorduras. Mais do que isso, procura-se antecipar-se à dis-

seminação das células tumorais por outros órgãos e tecidos, a metástase, o que derruba as chances de remissão da doença.

Na oncologia, a rapidez entre diagnóstico e tratamento é uma máxima prevista por lei que, desde 2012, determina um prazo de sessenta dias entre as fases de reconhecimento e abordagem do problema, porém, isso nem sempre é cumprido. Uma pesquisa da empresa ALS Brasil e da biofarmacêutica Bristol Myers Squibb indica que 95% dos pacientes passam por até quatro especialistas até receber o diagnóstico e 74% só estão aptos a iniciar o tratamento em ao menos três meses. O fluxo de marcação de exames e consultas que resultará no laudo é a maior barreira, relatada por 60% das pessoas ouvidas.

Além da carência de sintomas e das lacunas no acesso, o câncer de pâncreas se aproveita de alguns hábitos extremamente populares. É o caso de tabagismo, consumo nocivo de álcool e dieta rica em ultraprocessados, que elevam o risco de alterações no órgão. O controle da doença, portanto, requer uma força-tarefa que abrange inclusive a conscientização e a mudança de estilo de vida. "É mais fácil ensinar uma criança a não comer certos alimentos e a praticar atividade física do que tratar o tumor", afirma Rodrigo Nascimento Pinheiro, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Oncológica (SBCO). Outra estratégia crucial, reafirme-se, está na identificação ágil e assertiva. Quanto antes, melhor. ■

# SÃO MARCAS INVISÍVEIS

Giovanna Oliveira, 25, ergueu a voz contra o racismo, do qual seu filho de 7 anos, acusado de furto, foi alvo

**É DURO SER UMA PESSOA NEGRA NO BRASIL.** Desde pequena, sofri toda sorte de discriminação e precisei aprender a ser forte. Mas pensava comigo que a sociedade já teria evoluído quando me tornasse mãe. Não queria que meu filho sentisse na pele a dor do preconceito. A história, porém, tristemente se repetiu, diante dos meus olhos, sem que eu pudesse proteger Kevin, de 7 anos. Ele foi acusado de roubo, sem provas, em uma loja de doces na Zona Leste de São Paulo. Era para ser um dia feliz, em meio aos preparativos para a celebração do aniversário dele. O carrinho estava cheio de doces e ele, todo animado para festejar com os amigos. Na hora de pagar, veio a surpresa: o gerente nos abordou e disse ter visto nas câmeras que meu filho havia roubado e comido dois pacotes de biscoito. Insistiu muito, enquanto Kevin, de-

sesperado, não cansava de falar, com os olhos marejados: "Mamãe, não sou ladrão!". Nenhuma criança merece passar por aquilo, uma cena que rasga o peito de uma mãe.

Pedi na hora acesso às imagens, e o gerente mudou de discurso. Disse que havia sido um engano e que, na verdade, Kevin não tinha nada a ver com o suposto furto. Desculpou-se, achando que seria suficiente. Mas, dessa vez, passei da tristeza à indignação e decidi agir: gravei ali mesmo um vídeo, que já soma 13 milhões de visualizações, para denunciar o ocorrido. Acionamos a polícia, que demorou quatro horas para chegar. Éramos a única família negra no local e não paro de pensar que, talvez se fôssemos brancos, os agentes teriam respondido a meu chamado com mais presteza. Quando a viatura estacionou, Kevin ficou aterrorizado, achando que seria preso, e falou: "Tio, não fiz nada de errado". Por sorte, fomos bem atendidos pelos policiais. Recebi todas as orientações para seguir com o caso. A situação, porém, tomou novos contornos na delegacia, onde fomos tratados com descaso. A sensação era de que estavam nos fazendo um favor.

Contratei então um advogado. Só que o crime acabou sendo registrado como calúnia, não racismo, e recomeçamos a queixa do zero. Estava segura: não deixaria o preconceito à sombra, como em outras vezes. A visão depreciativa que ainda recai sobre os negros está entranhada nas mais diversas esferas. Por isso, como mãe, vivo o desafio diário que é criar uma criança preta em nosso país. Desde o berço, alerto Kevin a não tolerar a discriminação. Imagine o que é ter de en-

sinar a um filho que não pode ser chamado de “macaco”. Ser alvo de preconceito deixa marcas. Elas são invisíveis, mas estão lá e latejam. Depois do dia em que meu menino foi injustamente acusado, parou de querer ir à escola e interagir com as crianças. Antes tagarela e alegre, começou a se fechar em uma tristeza profunda. Agora, está tendo acompanhamento psicológico, assim como meu marido e eu.

E a história continua a nos assombrar. Outro dia, um carro parou em frente à casa do meu pai e uma pessoa gritou, referindo-se ao tal gerente: “Abram os olhos, vocês estão destruindo uma pessoa boa”. Estamos investigando quem está por trás das intimidações e vamos entrar com uma ação contra o estabelecimento. É comum que vítimas se calem, por medo, vergonha, mas quero ser voz ativa contra a intolerância. Ao mesmo tempo, não desejo que a loja seja depredada, como sugeriram nas redes. Não seria justo penalizar os trabalhadores de lá. Apesar de alguns comentários hostis, que fazem pouco caso da minha denúncia, o que senti em maior dose foi uma onda de solidariedade. Empresas me contataram querendo ajudar na comemoração do aniversário de Kevin — que no dia mesmo se limitou a um bolinho, só para não passar em branco — e faremos uma festa em grande estilo. O tema será Pantera Negra, a pedido dele. Desejo mostrar a meu filho que a cor da nossa pele é motivo de orgulho, não de sofrimento. E que há, sim, espaço para ser feliz e comemorar. ■

**Depoimento a Paula Freitas**

MAX MUMBY/INDIGO/GETTY IMAGES

**MODO REFLEXÃO** Harry: altíssima impopularidade e pouco impacto no mundo da filantropia

# QUARENTÃO-PROBLEMA

Às vésperas de completar quatro décadas, o príncipe Harry tem pouco a mostrar e está, segundo dizem, mexendo os pauzinhos para voltar a ser *royal*

**DUDA MONTEIRO DE BARROS**

**EM UM BALANÇO** de vida daqueles comuns a quem chega aos 40 anos (no caso dele, em 15 de setembro próximo), o que o príncipe Harry, duque de Sussex, filho mais novo do rei Charles III, tem a mostrar? Uma duquesa linda, Meghan, 43, totalmente fora dos padrões da realeza — americana, ex-atriz, divorciada, birracial —, e dois filhinhos fofos, Archie, 5, e Lilibet, 3. Uma competição esportiva de natureza impecável, os Jogos Invictus, que ele criou em 2014 para manter vivo o espírito de luta de soldados feridos ou desabilitados em serviço. Uma fundação filantrópica, Archewell, que não vai lá bem das pernas. Um punhado de processos contra tabloides que perseguem celebridades. E, acima de tudo, uma relação regada a acusações e ressentimentos com o resto da família, trincada quando abandonou sua função, definida ainda no berço, e aprofundada em entrevistas e livros revelando podres inconfessáveis dos parentes.

Postas na mesa, as cartas não lhe são favoráveis — motivo pelo qual a ovelha desgarrada favorita da nobreza britânica estaria agora sondando a possibilidade de fazer as pazes com o passado e voltar a aparecer em um ou outro compromisso oficial. "A sensação é a de que Harry e Meghan parecem um pouco perdidos e inseguros sobre o que fazer", observa Craig Prescott, professor de direito na Universidade de Londres e especialista em realeza. Radicado na Califórnia, onde vive com a mulher e os filhos em uma mansão de 14 milhões de dólares, nos

**BONS TEMPOS** Casamento de conto de fadas: depois, virada de mesa

últimos tempos Harry muda de assunto quando questionado sobre as rusgas familiares.

Ao saber que o pai tinha câncer, viajou a Londres para visitá-lo (conseguiu uma audiência de meia hora). Ao se anunciar que a cunhada Catherine também tinha câncer — do qual ela acaba de encerrar tratamento, como informou em um vídeo em família —, o casal mandou um cartão simpático (mal recebido, segundo as más línguas, porque a chamaram de Kate, e não pelo nome completo, como agora prefere). Mais significativo ainda, Harry não adicionou novos capítulos ao preparar o relançamento de sua autobiografia, *O que Sobra*, previsto

**RESSENTIMENTO** William e Kate: ainda magoados com as revelações

para outubro. "É interessante que ele não tenha aproveitado a oportunidade para incluir revelações e segredos palacianos", observa o professor Prescott.

Para cavar um lugarzinho, ainda que discreto, entre o punhado de *royals* que ganha para aparecer, o quarentão tem pela frente uma cruzada renhida por absolvição de pecados iniciados na adolescência rebelde. A relação com o irmão, William, e com o pai ruiu quando o duque e a duquesa de Sussex abdicaram das funções reais em 2020, dois anos depois de seu casamento de conto de fadas, mudaram-se para os Estados Unidos e relataram em uma entrevista à apresentadora Oprah Winfrey situações de ra-

cismo e pressões no palácio. A publicação de *O que Sobra* no ano passado, com comentários para lá de ferinos também sobre a rainha Camilla, fez o caldo entornar de vez.

A favor de uma reabilitação de Harry e Meghan conta a possibilidade de o Palácio de Buckingham voltar a exercer certo controle sobre o casal, cortando pela raiz as viagens "semirreais", como a que fizeram recentemente à Colômbia, e ser consultado sobre seus lucrativos contratos com empresas como Netflix e Spotify. Contra, além do óbvio pote de mágoas, está a monumental impopularidade de ambos entre os súditos: em ranking recente de aprovação de onze pessoas e uma instituição — a família real como um todo —, Harry apareceu em antepenúltimo lugar (31%), à frente apenas de Meghan (25%) e do tio em desgraça, Andrew (12%). Sem problemas financeiros — o príncipe recebeu uma herança de 13 milhões de libras da mãe, Diana, e ao completar 40 anos põe a mão em outra bolada, de 8 milhões, deixada pela bisavó, a rainha-mãe Elizabeth —, sem conseguir acesso à altíssima sociedade filantrópica americana, onde circulam Bill e Melinda Gates e o ex-presidente Barack Obama e sua mulher, Michelle, Harry, como acontece com muitos homens na madureza, estaria revendo suas opções. Resta ver se vai engajar a parentada na jornada de introspecção. ■

# OÁSIS NO DESERTO

Dubai, nos Emirados Árabes, inicia uma campanha massiva para atrair cidadãos do Brasil dispostos a investir nos grandiosos imóveis da região

**VALÉRIA FRANÇA**

**ATRAÇÃO** Damac Bay: construção ultramoderna assinada pelo estilista italiano Cavalli

DAMAC/DIVULGAÇÃO

**TER UM CANTINHO** para chamar de seu ou um bem para fazer o dinheiro render fora do país... Há alguns anos, se perguntassem aos brasileiros com um olho no banco e outro no mercado imobiliário onde investir, certamente apareceriam destinos como Miami e Lisboa. A cidade americana na Flórida, prolífica em empreendimentos à beira-mar e comedida nos impostos, aloja hoje 300 000 cidadãos do Brasil.

Mais recentemente, a capital portuguesa pediu passagem: um local calmo, seguro, com a economia equilibrada e tradições arraigadas. E uma imensa vantagem, claro: o idioma de Pessoa e Drummond. O novo polo de atração dos investimentos em imóveis, no entanto, é muito diferente do que o Ocidente tem a oferecer. A pedida, agora, com o crescimento pujante e o aceno de benefícios a estrangeiros, é um oásis no meio do deserto. Trata-se de Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

O movimento, cada vez mais sedutor aos brasileiros, começou com compradores famosos. O jogador de futebol Cristiano Ronaldo adquiriu um terreno de 25 milhões de euros em uma ilha exclusiva da região, que tem o formato de um cavalo-marinho. Há quem diga que ele pretende abrir um spa. A pop star Madonna *(leia em "Como uma Noiva...")*, que tem casas espalhadas pelo mundo, também tomou posse de um pedaço paradisíaco no emirado do Oriente Médio. Cidade luxuosa levantada em meio às quentes areias das arábias, com prédios dotados de alta

# PARA FECHAR NEGÓCIO

*As vantagens que as cidades de Miami, Lisboa e Dubai oferecem aos investidores internacionais*

## MIAMI
(EUA)

***A cidade da Flórida fica em um dos poucos estados americanos que não cobram imposto estadual, apenas federal***

## LISBOA
(Portugal)

***Oferece o programa Visto D7, que concede residência a investidores que compram imóveis acima de 200 000 euros***

## DUBAI
(Emirados Árabes)

***Não tem impostos para pessoas físicas. Os investidores conseguem o visto de residência ao dar entrada de 20% do valor do imóvel***

BRITUS/ISTOCK/GETTY IMAGES

**NO TOPO** Vista de Dubai com o Burj Khalifa: o maior arranha-céu do mundo está lá

tecnologia e arquitetura futurista, Dubai é o local perfeito para construtores expressarem criatividade, sem limites, principalmente de espaço e verba.

No início deste ano, foi anunciado o lançamento do segundo edifício mais alto do planeta — o primeiro, o Burj Khalifa, também está lá. Com um orçamento estimado em 7 bilhões de dólares, o Burj Azizi foi projetado para ter 122 andares e abrigar um hotel sete estrelas. A estrutura conta com recursos de última geração disponíveis para os hóspedes encararem um destino cujas temperaturas chegam a 50 graus e as chuvas ocorrem, se tanto, duas vezes ao ano.

Para atrair investidores e moradores, Dubai tem facilitado o visto de residência a quem comprar um imóvel na região. “O passo inicial é uma entrada de 20% do valor do

ART WAGER/GETTY IMAGES

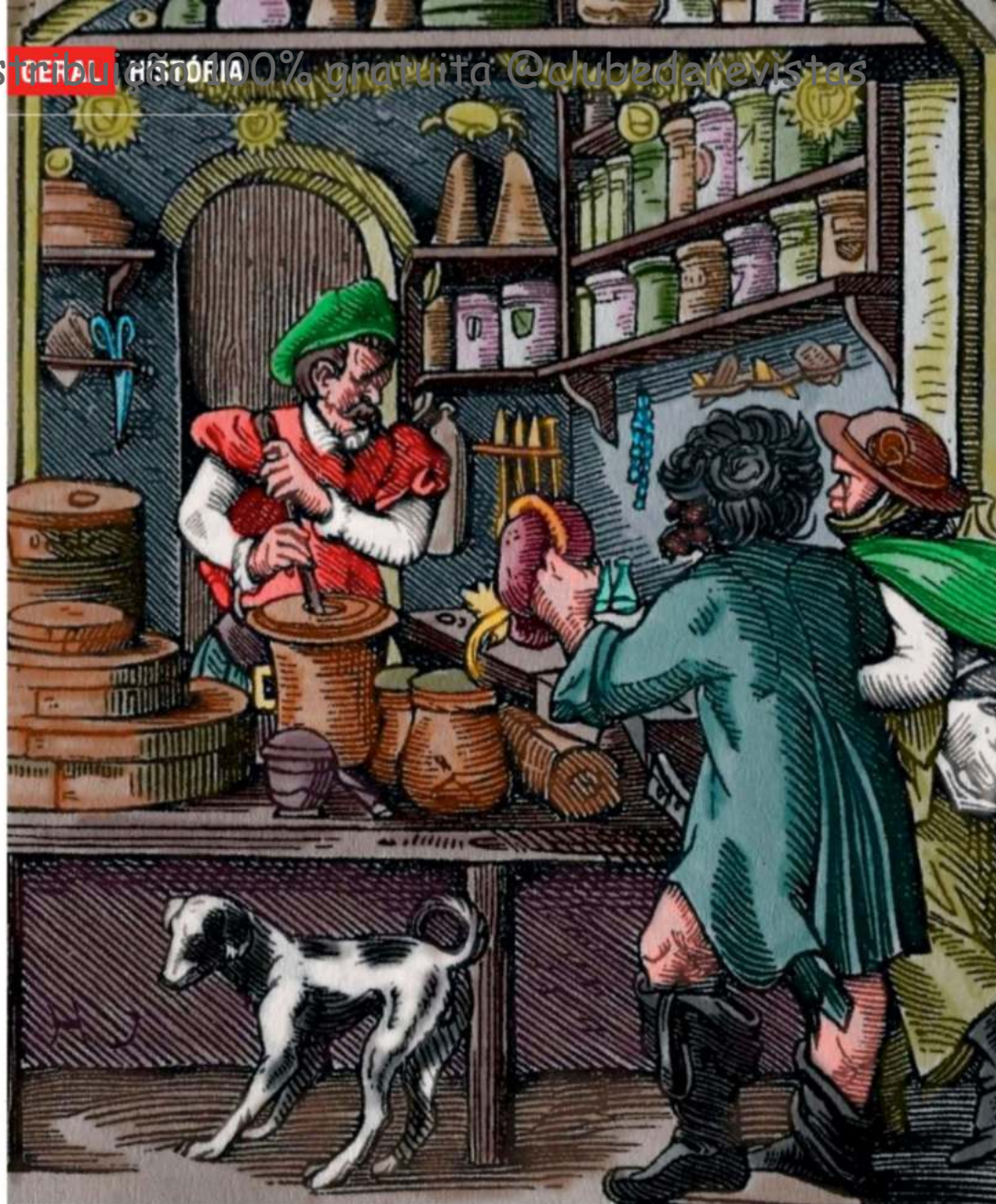
**MIAMI BEACH** Destino clássico: durante anos, a cidade americana atraiu milhares de brasileiros

imóvel", diz Leo Ickowicz, fundador da Damac, imobiliária brasileira que atua na Flórida e agora no emirado. "O restante do valor pode ser financiado." Apartamentos de um único dormitório, com área de 80 metros quadrados, giram em torno de 1 milhão de dólares, praticamente o mesmo preço de um equivalente em Miami. Outro diferencial que a cidade procura ostentar são os empreendimentos de grife.

O estilista italiano Roberto Cavalli é um dos nomes fortes nessa jogada. O empresário tem no local pelo menos dois empreendimentos, o residencial Damac Bay e o Cavalli Tower, uma torre de 70 andares às margens da principal marina de Dubai, área requintada, rodeada de hotéis, butiques, lojas e spas. Mais do que oferecer apartamentos,

de um a três dormitórios, as empresas do ramo fisgam os compradores com um pacote de mordomias, como acesso irrestrito ao parque aquático Jungle Bay, inaugurado há três anos, e a vista para um infinito deslumbrante.

Ao contrário de Miami, onde os brasileiros compram imóveis para morar ou investir no curto prazo, em Dubai muitos estão de olho no lucro lá na frente e até numa possível rota de saída fiscal — tendo residência ali, pode-se passar a declarar imposto de renda pelo emirado. Outra prerrogativa explorada pelos corretores é o fato de a cidade, parte de uma monarquia muçulmana que lucra com petróleo, ouro e imóveis, aceitar o pagamento em criptomoedas. Qual a vantagem? “Na verdade, nenhuma. Ao anunciar essa possibilidade, o xeique está dizendo apenas que não se importa com a origem do dinheiro”, afirma Alberto Ajzental, professor de Desenvolvimento de Negócios Imobiliários da FGV.

Quem se interessar pelas oportunidades da nova meca do investimento imobiliário, contudo, deve estar ciente dos riscos. “É preciso avaliar a segurança de uma dívida em dólar, principalmente quando se ganha em real”, diz Ajzental. Caso o investimento seja à vista, a preocupação concentra-se na análise futura: quando não há limite para a incorporação, pode haver encalhe de imóveis. Ao menos, agora que escritórios nacionais estão se especializando nesse negócio das arábias, o comprador ganha certo respaldo para não ver seu aporte virar areia no deserto. ■

**CONSUMO LIVRE** Representação de uma apoteca, a "farmácia" do século XVI: substâncias proibidas

# O TEMPO DA DROGA

A cocaína já circulava na Europa do século XVII – é o que revelam descobertas arqueológicas que desafiam o que se sabia sobre as rotas comerciais para o continente **MARÍLIA MONITCHELE**

**A AMÉRICA** ainda não aparecia nos mapas existentes quando, em 1492, Cristóvão Colombo desembarcou no que viria a ser chamado de Novo Mundo, dando início ao processo de colonização europeia. A chegada, que começou pelas Bahamas, revelou aos europeus uma vasta diversidade de povos nativos e uma riqueza natural que seria explorada até seus limites. Entre os muitos elementos incomuns para os recém-chegados, uma planta usada havia milênios pelas populações indígenas chamou atenção: a coca. Essencial para a sobrevivência nas diversas paisagens sul-americanas, a erva era desconhecida dos europeus. “Quando perguntei a alguns desses índios por que carregavam as folhas na boca, eles disseram que isso evitava a fome, dando-lhes grande vigor e força”, escreveu Pedro Cieza de León, conquistador espanhol, em 1548, em sua primeira expedição ao Peru. Apesar da relevância nas culturas andinas, a coca não teria despertado mais que a curiosidade ocasional dos estrangeiros, mais interessados em produtos lucrativos como tabaco, chocolate e, claro, ouro. Novas descobertas, no entanto, contestam essa versão dos fatos — e é possível que a droga tenha sido levada para a Europa ainda nos anos 1600.

Uma análise toxicológica feita nos restos mortais mumificados de duas pessoas enterradas em um antigo hospital de Milão, o Ca’Granda, revelou vestígios de componentes ativos da coca. O detalhe surpreendente: os indivíduos morreram em algum momento do século XVII — dois séculos antes da chegada presumida da planta pelas bandas de lá.

MAGITE HISTORIC/ALAMY/FOTOARENA

**ORIGENS** Hospital de Ca'Granda, em Milão: evidências do uso de entorpecentes

Acreditava-se que a coca atravessara o Atlântico apenas no século XIX. Em 1855, seus compostos foram isolados e sintetizados como sais de cloridrato de cocaína. Rapidamente, o pó branco conquistou adeptos. Foi adicionado a vinhos — com o selo de aprovação do papa —, a refrescos e também a tônicos e pastilhas analgésicas. O austríaco Sigmund Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, fascinado por seus efeitos, chegou a chamá-la de “droga mágica” e a recomendava como tratamento para várias enfermidades, inclusive, ironica-

mente, o vício em opiáceos. Era vendida de forma livre em apotecas como uma verdadeira panaceia. O resto, como dizem, é história: a cocaína se espalhou e se tornou uma epidemia global que persiste até hoje.

A revelação, publicada no periódico *Journal of Archaeological Science*, altera a cronologia e abre novas questões sobre as rotas globais de comércio entre a Europa e as Américas desde o fim do Renascimento ao início da Idade Moderna. “A descoberta é a primeira evidência concreta do uso da planta de coca na Europa”, escreveu Gaia Giordano, autora principal do estudo. O hospital Ca’ Granda, também chamado de Maggiore, fundado em 1456, tinha como missão oferecer atendimento gratuito aos mais pobres. No século XVI, tornou-se o principal de Milão e um dos mais avançados do continente, pioneiro em diversos tratamentos. Pesquisadores que estudavam o uso de substâncias na instituição focaram suas atenções na cripta, que abrigou sepultamentos. O mausoléu guarda atualmente 2,9 milhões de ossos, pertencentes a mais de 10 000 pessoas que ali morreram. Além da cocaína, outras descobertas feitas recentemente no sítio arqueológico incluem traços de ópio, detectados por meio de sementes de papoula, e de *Cannabis* — cuja presença na Europa também não havia sido registrada com a devida certeza até então.

O conjunto de evidências recentes suscita novas perguntas sobre a percepção e o uso de drogas na Europa antes do século XIX, quando a prática se tornou mais comum. Em-

bora ainda existam muitas dúvidas, é possível que a coca fosse consumida por suas propriedades estimulantes, assim como o café e o tabaco, populares naquela época. Seu uso pode ter sido parte de uma tendência ainda mais ampla de experimentação com produtos trazidos por meio do comércio transatlântico. A presença dessas substâncias entre os mais desfavorecidos também sugere que a coca, ao contrário do que se imaginava, era relativamente barata e de fácil acesso.

SIGMUND FREUD COPYRIGHTS/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

**"DROGA MÁGICA"** O austríaco Sigmund Freud, o pai da psicanálise: defesa do pó branco na medicina

São achados que apontam para a possibilidade de as raízes e a popularidade da cocaína terem sido plantadas muito antes do que se supunha. Renovadas pesquisas e investigações são necessárias, ainda, para atrelar certezas onde há suposições, ainda que muito bem fundamentadas. De qualquer modo, a trilha de investigação em torno da história da medicina e da ciência é fascinante demais para ser desdenhada. ■

# A CHINA ENTRA NO JOGO

Inspirado em um clássico da literatura oriental, um videogame de ação e aventura instala o país no mapa da indústria mundial de entretenimento eletrônico

**ALESSANDRO GIANNINI**

**MITOLOGIA** Sun Wukong e sua cabaça para renovar energia: em *Black Myth*, quem brinca pode assumir a personalidade do ser com feições humanas e símias

GAMESCIENCE/DIVULGAÇÃO

**ESCRITO** durante a dinastia Ming (1368-1644), *Jornada ao Oeste* é o clássico por excelência da literatura chinesa. Dividido em 100 capítulos, o caudaloso romance cômico do poeta Wu Cheng'en conta a história da peregrinação do monge budista Xuanzang (602-664) à Índia para resgatar textos sagrados, com elementos de fantasia e magia. Entre os personagens mais emblemáticos da narrativa está Sun Wukong, o Rei Macaco, mistura de homem e símio que causa estragos por onde passa com seu jeito travesso e poderes desmedidos. O mais talentoso dos discípulos do mestre é capaz de viajar pelas nuvens e assumir 72 formas diferentes. Ele inspirou óperas e produtos da cultura pop como o simpático Son Goku do mangá *Dragon Ball* e, agora, protagoniza um jogo que surpreendeu a indústria mundial dos videogames com um visual fascinante e combates épicos.

Desenvolvido na China ao longo de seis anos, *Black Myth: Wukong* foi lançado mundialmente em 20 de agosto — já vendeu mais de 18 milhões de cópias, tornando-se um fenômeno instantâneo comparável a títulos populares como *Elden Ring* e *Zelda*. Em um país dominado pelo entretenimento para smartphones, a desenvolvedora Game Science apostou numa diversão eletrônica dominada por ação com pegada de *role-playing game* (RPG), formato no qual os jogadores assumem o papel de personagens em um mundo fictício, cultivam suas habilidades e enfrentam desafios para avançar na história. Analistas de mercado estimam que a empresa tenha arrecadado

**NO COMANDO** Jovem chinês: o país tem 700 milhões de potenciais clientes

700 milhões de dólares até agora, ficando a pouca distância do histórico 1 bilhão de dólares amealhado há dois anos pela Activision Blizzard pelas vendas de *Call of Duty* no prazo de apenas dez dias.

*Black Myth: Wukong* é o que os iniciados chamam de jogo triple A ou AAA, título desenvolvido por grandes estúdios com orçamentos generosos, tanto para produção quanto para marketing — neste caso, algo em torno de 70 milhões dólares —, e que geralmente busca alcançar o maior público possível. É o equivalente, no cinema, ao familiar *blockbuster*, o filme de orçamento milionário que de cara alcança nas bilheterias os valores de produção. Direto ao ponto: a China entrou no jogo, e adeus à

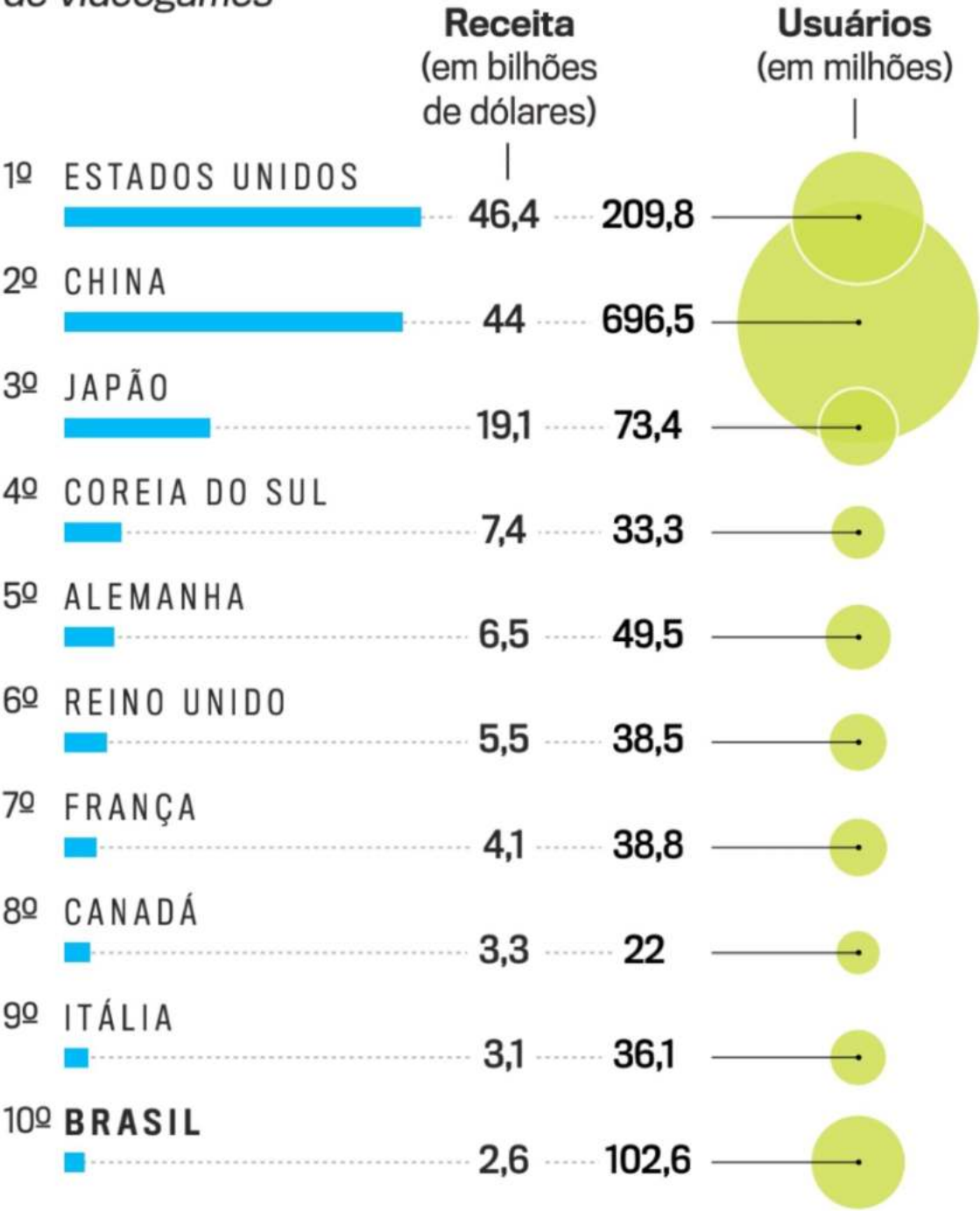
ideia perene de produtos piratas, cópias do que é feito no Ocidente — embora, ressalve-se, o sucesso oriental esteja atrelado a uma postura protecionista dentro de casa: a proibição de vendas de consoles como Xbox e PlayStation no país por mais de uma década no início dos anos 2000, atalho para forçar o desenvolvimento de tecnologias locais, ao fechar as portar para o mundo.

Apesar de algumas questões de design que podem ser aprimoradas, como a presença de paredes invisíveis e possíveis problemas de balanceamento, o videogame tem atraído jogadores por vários aspectos positivos, como sua beleza visual e o forte laço cultural. “É muito bem-feito, com uma parte cinematográfica e de câmera impressionante, realmente no nível do que há de melhor no mercado internacional”, diz Reinaldo Ramos, vice-coordenador do curso de jogos digitais da PUC-SP. “A China demonstra ter capacidade de desenvolver jogos de altíssima qualidade, quebrando a hegemonia euro-americana.” É bolo grande, em um mercado mundial de algo em torno de 184 bilhões de dólares, que tem crescido em torno de 7% ao ano. É faturamento duas vezes mais robusto que o de Hollywood. Os americanos ainda lideram, mas, com fenômenos como *Black Myth: Wukong*, os chineses crescem e aparecem *(veja o quadro ao lado)*, com potencial de cerca de 700 milhões de usuários.

Para conquistá-los, os desenvolvedores trataram de beber da cultura local, modo de conversar com adoles-

# NÃO É BRINCADEIRA

*Principais países e mercados de videogames*

| | País | Receita (em bilhões de dólares) | Usuários (em milhões) |
|---|---|---|---|
| 1º | ESTADOS UNIDOS | 46,4 | 209,8 |
| 2º | CHINA | 44 | 696,5 |
| 3º | JAPÃO | 19,1 | 73,4 |
| 4º | COREIA DO SUL | 7,4 | 33,3 |
| 5º | ALEMANHA | 6,5 | 49,5 |
| 6º | REINO UNIDO | 5,5 | 38,5 |
| 7º | FRANÇA | 4,1 | 38,8 |
| 8º | CANADÁ | 3,3 | 22 |
| 9º | ITÁLIA | 3,1 | 36,1 |
| 10º | **BRASIL** | 2,6 | 102,6 |

Fonte: *Newzoo (2022)*

centes e adultos ansiosos por brincar de mãos dadas com a história do país, na contramão das invenções importadas. Parece ter dado certo, com um triste adendo emoldurado por censura: dias antes do lançamento, vazou um documento segundo o qual alguns temas foram vetados, como eventuais referências à covid-19 e a supostas "propagandas feministas". E dá-lhe a China sendo a China, ao ocupar espaços, como fez no campo dos automóveis. E há, ressalve-se, imenso espaço de crescimento, tanto de consumo interno e externo quanto de envolvimento de programadores.

Na construção do novíssimo game — trabalhado com um software de código semiaberto, de uma empresa americana, em aceno ao passado industrial chinês —, foram envolvidas 150 pessoas, muito pouco comparado à turma de 500 profissionais, em sua maioria jovens imberbes, que a francesa Ubisoft põe para labutar em um jogo da franquia *Assassin's Creed*. Tudo somado, vive-se agora uma era revolucionária. A China definitivamente não está para brincadeira. ■

# INVASÃO VEGETAL

Estudos alertam para a ameaça de espécies até então adormecidas que despertam e se espalham com as mudanças climáticas, afetando o ecossistema e a economia **LIGIA MORAES**

## ERVA-DE-SÃO-CAETANO

**Nome científico:** *Centaurea solstitialis*

**Origem:** Europa mediterrânea

**Disseminação:** também chamada de cardo-amarelo, já se dispersou pelo mundo, virando uma praga na Califórnia

OLEG KOVTUN/ISTOCK/GETTY IMAGES

**OS INVASORES** já estão entre nós. E não, não são alienígenas, mas espécies terrestres que, ao evadir-se do seu hábitat natural e conquistar novos terrenos, desafiam a ecologia e a agricultura. É o que está acontecendo com uma lista de plantas. Com um detalhe sórdido: até então adormecidas ou limitadas, agora elas se aproveitam do aquecimento global para se disseminar e comprometer inúmeras regiões do planeta. O aviso foi dado por uma pesquisa coordenada pela Universidade de Massachusetts Amherst, nos Estados Unidos. Ela acusa a existência de 169 espécies vegetais que, ao acordar e se expandir, poderão causar desastres ambientais e econômicos — ao menos dezoito delas são apontadas como ameaças urgentes a partir de 2040.

Tais espécies, um dia devidamente contidas, são despertadas pelas mudanças climáticas em curso, especialmente o aumento das temperaturas e alterações no regime de chuvas. Ao ganhar território, elas são capazes de transformar ecossistemas e levar ao colapso a biodiversidade local. As plantas invasoras se beneficiam, na realidade, de algumas particularidades biológicas. “Elas têm maior eficiência ao fazer a fotossíntese, são mais resistentes a variações ambientais e, em geral, mais adaptadas ao clima quente”, diz Vania Pivello, pesquisadora do Departamento de Ecologia da Universidade de São Paulo (USP).

Essa alta capacidade adaptativa — regida pelas leis da evolução — permite que arbustos, cactos e árvores daninhas se multipliquem muito mais rápido que as populações nati-

FULANO DE TAL

## SAMAMBAIA-TREPADEIRA

**Nome científico:** *Lygodium microphyllum*
**Origem:** Ásia e África
**Disseminação:** já tomou a Flórida e deve se expandir pelas regiões tropicais

vas. Para complicar, algumas regiões são mais vulneráveis a elas, como as áreas insulares, tropicais e subtropicais. O alerta, portanto, é especialmente relevante para o Brasil. A ameaça das intrusas reside em seu papel no desequilíbrio do ecossistema, algo firmado pela convivência de espécies (vegetais, animais, fúngicas...) que coexistem há milhares de anos. Só que essa harmonia também é frágil, sobretudo quando as condições climáticas mudam.

FULANO DE TAL

## ÁRVORE-DO-CÉU

**Nome científico:** *Ailanthus altissima*

**Origem:** China

**Disseminação:** é uma das principais espécies vegetais invasoras na América do Norte e na Europa, com grande potencial de crescimento

Fora o impacto sobre a flora e a fauna, a invasão pode comprometer cultivos críticos para a subsistência e a economia. No Brasil, culturas como as de soja, milho e café correm risco. O estudo recém-publicado adverte que o despertar das espécies forasteiras pode reduzir drasticamente a produtividade e aumentar os custos com o controle de pragas e a recuperação ambiental. Com exceção de fungos, algas e microrganismos, estima-se que tenha-

mos 500 espécies de plantas e animais invasores documentados no país. "Nem 5% deles trazem benefícios ao ecossistema", diz Pivello.

Ao menos existem algumas táticas para conter ou mitigar o perigo. "Medidas para proibir a introdução de espécies de alto risco é a abordagem mais eficaz", afirma a ecologista Bethany Bradley, líder da nova pesquisa. A maioria dessas plantas intrometidas é representada por exemplares utilizados para fins ornamentais que escaparam ao controle humano. "Os países devem reforçar e implementar políticas que reduzam a introdução acidental de invasores, aumentando a inspeção de alimentos e espécies vivas, por exemplo", diz Bradley.

Apesar de esse campo de estudos ser relativamente novo no Brasil, já existem iniciativas de olho no fenômeno. O Instituto Hórus, uma organização não governamental, tem enfoque justamente no manejo e na gestão de espécies exóticas. Já a Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos — BPBES (do inglês Brazilian Platform on Biodiversity and Ecosystem Services) monitora mudanças ecológicas. Nós, cidadãos, também temos um papel a cumprir nessa história, evitando transplantar espécies de outras regiões sem conhecimento adequado e sempre priorizando — seja para o jardim, seja para a horta e o pomar — os representantes nativos. A esta altura, convém resgatar o conselho do filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626): para comandar a natureza, é preciso obedecer-lhe. ■

# MERCADO EFERVESCENTE

Ao beber da crescente demanda por alimentos naturais, o setor de kombuchas se expande, ganha escala industrial e chega a 270 marcas apenas no Brasil

**VALÉRIA FRANÇA**

**MIL SABORES** Para todos os gostos: frutas vermelhas e regionais na receita

ALVAREZ/GETTY IMAGES

**UMA RECEITA** milenar de chá fermentado, refrescante e levemente gaseificado está conquistando o mundo, agora com novos ingredientes e sabores. A família dos kombuchas — palavra de origem japonesa que remete a uma alga marinha e virou sinônimo de bebida que faz bem à saúde — está em ebulição, especialmente em terra brasileira. Diz a lenda que o preparo foi inventado na China por volta de 220 a.C. Ao longo dos séculos, ele deu a volta ao globo. Agora surfa a onda de um mercado em alta, o de alimentos com apelo saudável. No início, ao despontarem os anos 2000, o produto fez sucesso entre um grupo restrito de brasileiros, à época rotulados de "naturebas". Mas, da pandemia para cá, a clientela aumentou barbaramente, com toda uma indústria ganhando escala e mais gente seguindo o ritual de elaborar seu próprio kombucha em casa.

O fenômeno é internacional. As vendas da bebida chegam a 2,6 bilhões de dólares ao ano e projeta-se um crescimento de 15% até 2030. Para brasileiros, não faltam opções em supermercados e lojas de produtos naturais, em diversos tipos de embalagem — da garrafa de vidro ao Tetra Pak — e inúmeros aromas, com a vantagem de a bebida pronta ter se livrado do sabor residual de vinagre. O setor se profissionalizou, se diversificou e se proliferou. A grande virada por aqui ocorreu em 2023, quando pequenas marcas foram incorporadas por startups e empresas com fôlego para bancar a industrialização do processo. "Tudo ficou mais fácil. Muitas marcas compram a base de kombucha pronta", diz Fernando

JR LACROIX/FULL PICTURE AGENCY/AFP

**EBULIÇÃO** Nas prateleiras: versões menos ácidas conquistam o paladar

Carvalhaes, que, ao lado de Leonardo Andrade, comanda a Companhia dos Fermentados, produtora em São Paulo.

Para ser um autêntico kombucha, o produto deve ser feito à base de *Camellia sinensis,* a planta que dá origem aos chás verde, branco e preto. A mistura primeiro é adoçada e depois fermentada por leveduras e bactérias, etapa que resultará na gaseificação. Mas a receita pode ir além, ganhando sabores tropicais, com a inclusão de ingredientes como capim-santo, jabuticaba, maracujá, açaí e frutas vermelhas. Estima-se que atualmente o mercado nacional tenha 270 marcas. "Há mais fabricantes no Brasil do que no Canadá, mas a produção deles ainda é maior", diz o biólogo Lucas Montanari, da Associação Brasileira de Kombuchas. Em número de rótulos, ficamos em segundo lugar, atrás apenas dos Estados Unidos.

Lá fora, porém, o ramo esbanja criatividade para atrair mais e mais consumidores — inclusive os jovens que preferem uma garrafinha de kombucha à de cerveja. Há shots concentrados, para dar mais energia ou tranquilidade; produtos enriquecidos com fibras e vitaminas; e até versões com canabidiol, substância derivada da maconha que não tem o efeito psicoativo. Com uma legislação que não possibilita tantas extravagâncias, a indústria brasileira se preocupa mais em adaptar a bebida ao gosto do freguês, além de otimizar o processo de produção e logística.

Essa foi a estratégia da Reconexo, marca de kombucha que estreou neste ano. "Um dos ajustes foi atingir o paladar mais popular", diz o médico Thiago Valette, dono da empresa. O kombucha clássico é mais ácido, propriedade que não agrada a tanta gente. Por isso, a marca decidiu optar pelo sabor adocicado. Outra mudança está na estabilidade química do preparo, que agora pode ser conservado fora da geladeira. Ora, o kombucha é muito sensível à variação de temperatura e, geralmente, tem validade de apenas quinze dias sob refrigeração. Por último, a equipe de Valette preferiu a lata de alumínio ao vidro para envasar. O motivo: a embalagem facilita o transporte e a estocagem, além de ser o material mais reciclado no país.

A movimentação de investidores em torno do soft drink tem a ver com uma transformação no perfil do consumidor, cada vez mais preocupado com o bem-estar físico e mental. Quase metade dos brasileiros (46%) busca manter um cardápio balan-

# A RECEITA DO SOFT DRINK

*A produção do kombucha começa com a fermentação do chá e termina com a gaseificação natural*

1. INFUSÃO DA FOLHA DA *CAMELLIA SINENSIS* EM ÁGUA QUENTE POR 10 MINUTOS. DEPOIS, FILTRA-SE E ADICIONA-SE O AÇÚCAR

2. SÃO COLOCADOS OS MICRORGANISMOS RESPONSÁVEIS PELA FERMENTAÇÃO — É UM ESQUEMA ANÁLOGO AO DO LEVAIN DO PÃO. A ETAPA DURA DE 5 A 10 DIAS

3. DEPOIS DE ZERADO O AÇÚCAR PELA FERMENTAÇÃO, A BEBIDA É SABORIZADA COM FRUTAS, ESPECIARIAS E OUTROS AROMAS

4. O LÍQUIDO VAI PARA ENVASE E, UMA VEZ NO RECIPIENTE, REFERMENTA E GASEIFICA NATURALMENTE. TODO O PROCESSO COSTUMA DURAR 20 DIAS

LÉO ANDRADE

**ESCOLA** Fernando Carvalhaes *(à esq.)* e Leonardo Andrade: cursos em alta

ceado, de acordo com o último Panorama do Consumo de Alimentos Saudáveis no Brasil. Nessa direção, nosso setor de produtos naturais movimenta, em média, 35 bilhões de dólares ao ano — somos o quarto maior mercado do planeta. Até os gigantes da indústria alimentícia estão atentos às mudanças e procurando se adaptar. A Coca-Cola, por exemplo, incorporou ao portfólio a marca australiana de kombuchas Mojo.

Fato é que o público que tem trocado refrigerantes por produtos com apelo mais natural e saudável só aumenta. Faz parte dele a apresentadora e cineasta Marina Person, de 55 anos. Ela experimentou kombucha pela primeira vez na França e gostou tanto que, de volta ao Brasil, se inscreveu num curso para aprender a receita. "É uma bebida com probióticos, que ajudam no equilíbrio do intestino", diz. Marina pegou tanto o jeito que hoje divide o scoby, o mix de microrganismos responsáveis pela fermentação, com os amigos. E não falta gente que queira embarcar nessa. Saúde. ■

# COMO UMA NOIVA...

...Madonna se apresentou ao mundo. Passados quarenta anos, seu mais icônico vestido continua em lua de mel com a moda em inúmeras celebrações, agora menos ruidosas

**SIMONE BLANES**

**PROVOCAÇÃO** A estrela com a peça usada na MTV e exposta no Hard Rock Cafe: para quebrar os muros

FOTOS SONIA MOSKOWITZ/GETTY IMAGES; NEILSON BARNARD/GETTY IMAGES

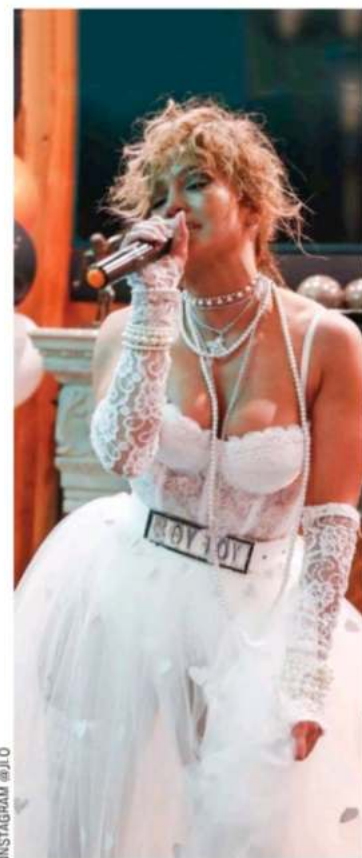
**FOI** em 14 de setembro de 1984, estreia do MTV Video Music Awards, nos Estados Unidos. A premiação da então novata emissora dedicada a videoclipes o dia todo, fundada três anos antes, estava com problemas para convencer grandes nomes do show biz a participar da transmissão. O maior trunfo era a iniciante Madonna, de 26 anos, que já tinha gravado um álbum, mas estava longe de ser reconhecida como a diva em que se transformaria. Para causar efeito bombástico, a cantora decidiu lançar *Like a Virgin* no evento. Queria levar um tigre-de-bengala ao palco, mas a bizarra ideia foi vetada, graças a um santo sensato.

O plano B acabou dando origem a um dos mais icônicos momentos da televisão americana e mundial. Madonna surgiu vestida de noiva, cheia de crucifixos e com um cinto em que se lia *boy toy* (brinquedo de menino), saindo de um enorme bolo de casamento. "Quando desci as escadas muito íngremes, meu sapato de salto agulha caiu", disse em entrevistas posteriores. Segundo ela, foi por isso que se jogou no chão, em uma tentativa de recuperar o sapato. "Fingi que estava programado, fazendo parecer uma coreografia." Para alimentar o escândalo, o vestido levantou e deixou a calcinha da cantora à mostra.

Naquele momento, há exatos quarenta anos, enquanto espectadores se deleitavam e conservadores esperneavam, nascia a rainha do pop, e o mundo nunca mais seria o mesmo. Aquele modelo foi copiado, reinventado e reinterpretado de todas as formas possíveis e imagináveis. O

KEVIN KANE/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

JEFF KRAVITZ/FILMMAGIC/GATTY IMAGES

INSTAGRAM @JLO

**TRIBUTO À RAINHA**

Britney Spears *(à esq.)*, Christina Aguilera e Jennifer Lopez: homenagem com releituras daquele icônico e controverso figurino

corte da noiva serviu de referência nas passarelas de grifes de luxo, como a do britânico Alexander McQueen. Foi apropriado por movimentos feministas, em looks com a lingerie à mostra. E, claro, virou fantasia de Carnaval. Outras estrelas pop, como Jennifer Lopez, Britney Spears e Christina Aguilera, fizeram homenagens à diva e se vestiram como no altar de Madonna — as duas últimas, na

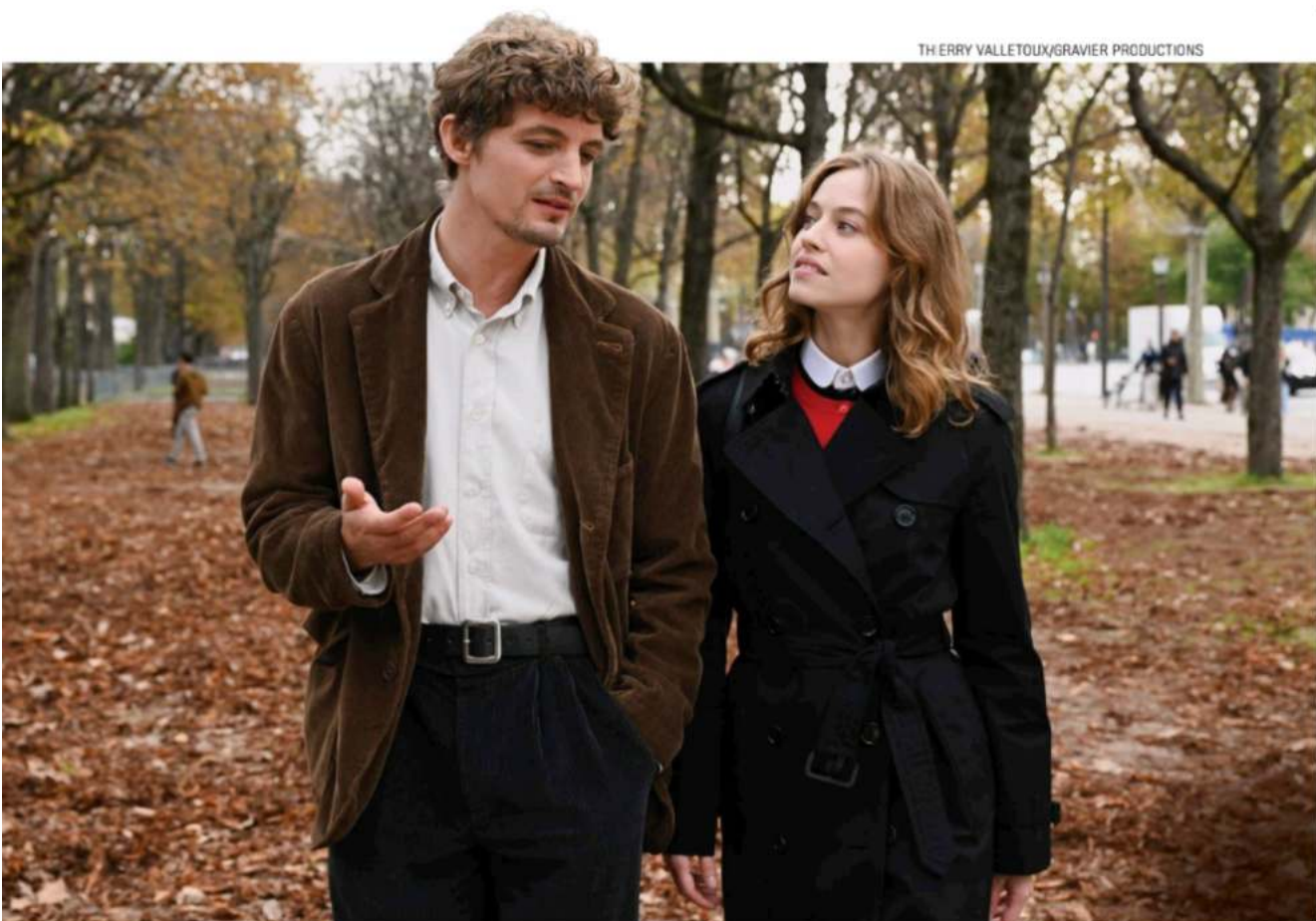
própria premiação da MTV, quando foram beijadas na boca pela rainha, a roubar a cena. No Brasil, não deu outra, e vestiu corpos como o de Yasmin Brunet.

A provocação de Madonna, reafirme-se, serviu a duplo propósito: incomodar a sisudez e alimentar uma indústria, a do entretenimento colado a espetáculos, que viriam a servir de fonte de renda dos artistas com a inovação imparável do streaming. Prince, na MTV, mostrou o derrière em 1991. Britney dançou com uma cobra píton em 2001. Lady Gaga surgiu com um vestido feito de carne crua em 2010. Mas ninguém produziu tanto estardalhaço quanto a figura original. “Foi um ato revolucionário”, resume a estilista Lethicia Bronstein. “Ela escolheu o vestido de noiva para dar seu primeiro grito feminista.” Direto ao ponto: de um símbolo de pureza e virgindade, fez-se o avesso, um grito de liberdade a derrubar os muros do rigor e das ideias antigas. Naquela época, as mulheres divorciadas, que tinham perdido a virgindade e que se casavam com tecidos alvos, eram massacradas. Madonna quebrou o tabu.

É preciso lembrar que ela tinha sido criada em um ambiente doméstico religioso. O rompimento, portanto, foi público, mas também familiar — e haja coragem para pendurar crucifixos naquele figurino de igreja, especialmente nos anos 1980, de resposta recatada aos movimentos de paz e amor que brotaram no fim dos anos 1960. Madonna, melhor do que ninguém, e ninguém mais co-

**REFERÊNCIA** Do modelo de Alexander McQueen a Yasmin Brunet *(acima)*: inspiração permanente

mo ela, soube (e ainda sabe) usar a moda como um poderoso meio de comunicação para mensagens sociais e políticas. Não é pouca coisa, um feito que merece ser relembrado na efeméride de quatro décadas. Da letra irônica de *Like a Virgin*: "Como uma virgem / Como uma virgem /Me sinto tão bem por dentro/ Quando você me abraça, e seu coração bate, e você me ama". ■

THIERRY VALLETOUX/GRAVIER PRODUCTIONS

**NOVOS ARES** Niels Schneider e Lou de Laâge no filme *Golpe de Sorte em Paris:* Allen longe de Hollywood

# O CRIADOR INCANSÁVEL

Woody Allen chega a seu 50º filme exibindo a coerência e o olhar afiado de sempre aos 88 anos — e revela a VEJA como se mantém forte apesar do cancelamento que sofreu nas últimas décadas

**RAQUEL CARNEIRO**

No famoso monólogo que abre o filme *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, de 1977, o diretor, roteirista e estrela da produção — ele mesmo, Woody Allen — conta uma anedota. "Duas mulheres mais velhas estão em um resort. Uma delas diz: 'A comida desse lugar é horrível'. A outra responde: 'Sim, e as porções são muito pequenas'. Bem, é assim que eu me sinto em relação à vida", explica ele, mirando a câmera. "A vida é feita de solidão, miséria, sofrimento, infelicidades e, ainda assim, é muito curta." Na época, Allen tinha pouco mais de 40 anos. Hoje, aos 88, seu modo de encarar a existência — como uma refeição ruim, mas que ironicamente acaba rápido demais — não mudou. "Eu ainda tenho tantas histórias dentro de mim para contar. Mas não vai dar tempo. Talvez eu faça mais dois filmes, quem sabe", disse ele via videoconferência a VEJA, com seu modo de falar ininterrupto e,

## HOMEM DE FASES

A evolução do cinema de Woody Allen em cinco décadas

ARCHIVES DU 7EME ART/PHOTO12/AFP

### O ENGRAÇADÃO

Allen começou como comediante de stand-up e roteirista de programas de humor. A veia cômica conduziu seus primeiros filmes, como o nonsense *Tudo o que Você Sempre Quis Saber sobre Sexo, Mas Tinha Medo de Perguntar*, de 1972

ao mesmo tempo, introspectivo — como se falasse consigo mesmo mais que com o interlocutor *(leia a entrevista)*. A ânsia por criar de forma constante se comprova com o lançamento de seu 50º filme, ***Golpe de Sorte em Paris*** *(Coup de Chance;* França, Reino Unido e Estados Unidos; 2023), que chega aos cinemas na quinta-feira 19.

O filme rodado na França é o primeiro de Allen em língua não inglesa — no caso, com o elenco falando em francês. A escolha vai além de um desejo estético. Desde 2018, o diretor americano não faz um filme em Nova York, sua cidade natal e principal cenário de sua obra. Naquele ano, Allen viu voltar à tona as acusações feitas por sua ex-companheira Mia Farrow em 1992, de que ele teria abusado da filha adotiva de ambos, Dylan, então com 7 anos de idade. Duas investigações deveras públicas inocentaram o cineasta na época — o que não o impediu de cair sem paraquedas no

JACK ROLLINS & CHARLES H. JOFFE/COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

## O CINEASTA "DENSO"

O prestígio chegou quando ele assumiu a faceta dramática, com pitadas de humor ácido nas entrelinhas. Daí nasceu o notável *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, de 1977, um de seus filmes mais premiados e aclamados

limbo dos cancelados quase três décadas depois. Allen, então, perdeu investidores e teve um contrato de quatro filmes com a Amazon cancelado — rixa que se estendeu em uma ação do diretor contra a empresa avaliada em 68 milhões de dólares. Em um exemplo primoroso de hipocrisia, atores que trabalharam com ele no passado — e que já sabiam das notórias acusações havia tempo — pediram desculpas publicamente e chegaram a doar os cachês conquistados com os filmes de Allen para instituições de caridade.

Encurralado, o cineasta foi do Olimpo de Hollywood ao fundo do poço e se viu diante de duas possibilidades: uma porta levava à aposentadoria e à reclusão; outra, a um novo jeito de continuar trabalhando, com dificuldades de levantar financiamento e de encontrar atores dispostos a estampar um cartaz com o nome do diretor no topo. Contra as expectativas, Allen seguiu o segundo caminho.

DIVULGAÇÃO

## O QUERIDINHO DE HOLLYWOOD

Entre os anos 1990 e começo dos 2000, Allen estava em alta. Ele, então, arrebanhou celebridades e experimentou tramas variadas, de romances a dramas policiais, como o intrigante *Match Point*, com Scarlett Johansson, de 2005

Para isso, encontrou refúgio definitivo na mesma Europa com a qual já andava flertando em seus filmes. Em 2020, lançou *O Festival do Amor*, rodado na Espanha, e agora, *Golpe de Sorte em Paris* — filmado na segunda cidade favorita do diretor, após Nova York. "Eu passaria seis meses em cada uma. Mas minha esposa gosta mais de Nova York", diz ele, citando Soon-Yi Previn, com quem está junto há 27 anos e tem duas filhas. A união do casal é relevante nas acusações que pairam sobre ele: Soon-Yi era a filha adotiva mais velha de Mia Farrow de um relacionamento anterior — a atriz teve catorze filhos, dez adotados. Mia acusou Allen após descobrir a traição. Um imbróglio que, desde então, se mantém na teia do sensacionalismo.

Apesar de ser fruto de uma fase espinhosa da carreira do cineasta *(leia o quadro)*, *Golpe de Sorte* carrega os elementos narrativos que fizeram de Allen um nome essen-

DIVULGAÇÃO

## O "GUIA TURÍSTICO"

Allen sai de Nova York, seu cenário favorito, para filmar em grandes cidades da Europa, de Londres a Barcelona. Seu filme de maior bilheteria é dessa fase, o adorável *Meia-Noite em Paris*, de 2011, com Owen Wilson e Rachel McAdams

cial do cinema. Na trama, Fanny (Lou de Laâge) parece ter a vida dos sonhos. Ela mora em um belíssimo apartamento em Paris, trabalha no mercado de leilões de arte e é casada com um empresário bonitão e bem-sucedido, interpretado pelo ótimo Melvil Poupaud. Certo dia, andando pela rua, ela tromba com Alain (Niels Schneider), um ex-colega de escola que sempre fora apaixonado por Fanny. Entre longos diálogos e caminhadas pelo cenário exuberante da cidade, os amigos do passado desenvolvem um laço afetivo que irrita o marido da moça — e dá início a uma série de eventos clássicos do universo de Allen. Amor, ciúme, traição, sujeira sendo tirada de debaixo do tapete e tramoias ilegais são embalados por um roteiro irônico e niilista e uma trilha sonora alegre, além de reviravoltas que nem o mais versado fã do diretor conseguiria prever. O criador incansável continua inspirado. ■

JESSICA MIGLIO/COLLECTION CHRISTOPHEL/AFP

## O CANCELADO

Com o movimento #MeToo, acusações antigas contra o diretor foram recuperadas. *Um Dia de Chuva em Nova York*, de 2019, seu último filme nos Estados Unidos, foi um fiasco. Allen, então, vai à Europa para continuar trabalhando

**EM CAMPO** Allen no set: um diretor veterano sem planos de parar

# "EU ADORARIA FILMAR NO BRASIL"

Woody Allen falou a VEJA sobre sua carreira e planos para o futuro.

***Golpe de Sorte em Paris* é seu 50º filme. Como se sente ao atingir esse número impressionante na carreira?** Olha, eu não sou uma pessoa que gosta de tirar férias, nem nadar, caçar ou esquiar. Só fico em casa. Logo, não tenho nada para fazer além de filmes. Meus filmes não

custam muito caro. Sempre consegui financiamento. Assim, fiz um atrás do outro e, do nada, bang!, foram cinquenta filmes. Poderia fazer muitos outros se minha saúde aguentasse e tivesse quem financiá-los.

**Ficou mais difícil encontrar quem banque seus filmes após as polêmicas que envolvem sua vida pessoal?** Minha vida pessoal é ótima. Tenho uma esposa incrível, duas filhas maravilhosas. Mas a indústria cinematográfica mudou. Enquanto eu tiver financiamento, vou continuar fazendo filmes. É como andar de bicicleta, sei como fazê-los.

**O senhor cogitava se aposentar. Mudou de ideia?** Eu ainda tenho tantas histórias para contar. Mas não vai dar tempo. Talvez eu faça mais dois filmes, quem sabe. Quando eu morrer, deixarei para trás uma meia dúzia de ideias que não serão concretizadas.

**Há alguns anos, o senhor quase rodou um filme no Rio de Janeiro. Ainda pensa nisso?** Tivemos reuniões com produtoras brasileiras na época, mas não vingaram. Se eu tivesse uma ideia original, adoraria filmar no Brasil. Para os americanos, o Brasil é um clichê romântico. Nós conhecemos o país através dos filmes, da mesma forma que conhecemos Paris ou Nova York. Seria bom explorar um viés diferente.

# O FILHO PRÓDIGO

Vindo de um clã de galãs da Globo, Rodrigo Simas se impôs sendo um ator fora da curva: gosta de papéis ousados como o que faz na série *Vidas Bandidas* – e se assume bissexual

**MALANDRO** Na pele de Serginho, na série do Disney+: criminoso e mulherengo

DIVULGAÇÃO

**EM 2012,** quando a novelinha *Malhação* era a principal fábrica de atores da Globo, um casal em especial roubou a cena e se tornou fenômeno entre os jovens: a funkeira Fatinha (Juliana Paiva) e o universitário engomadinho Bruno, papel que encaminhou o galã Rodrigo Simas para uma série de mocinhos charmosos na TV. O ator carioca, porém, não se contentou com a rota predeterminada aos rostos bonitos da emissora. Doze anos depois, hoje aos 32, Simas encara papéis espinhosos dentro e fora das telas. Em entrevista a VEJA, diz não saber ao certo o que procura, mas ter certeza do que não quer: limitar-se. Prova disso é ***Vidas Bandidas.*** Na minissérie do Disney+, agora também exibida às quartas-feiras na Band, ele se torna malandro, mulherengo, oportunista e amoral como Serginho, capanga que se revolta contra a chefe do crime Bruna (Juliana Paes) e provoca uma série de vinganças sangrentas.

Indecoroso para os padrões novelescos, o papel é um desafio ideal para qualquer ator tão desinibido quanto o carioca. Para Simas, a oportunidade vem do "privilégio da escolha" e, espera ele, apontará para novas possibilidades. Desde o fim de seu contrato fixo com a Globo, em 2022, seu mote tem sido a experimentação — especialmente no teatro. Em 2023, subia aos palcos seminu com o monólogo *Prazer, Hamlet,* releitura de Shakespeare descrita como um "convite à subversão". Agora, estrela outra desconstrução do bardo em *Shakespeare Apaixonado,* peça baseada no filme homônimo. Diz ter sido picado pelo "bicho do teatro" aos 4 anos, quando viu o pai, Beto Simas, em uma montagem de *Péricles, Príncipe de Tiro.*

Agora, pensa que "é muito difícil" se ver afastado dos palcos, mas tampouco cogita largar as novelas, formato que admira pelo aspecto "democrático".

E não só na vida profissional o jovem propõe um novo tipo de galã. Fora da ficção, Simas fez algo que há pouco mais de uma década era impensável a qualquer protagonista da televisão: assumiu-se bissexual em 2023, inspirado pelo próprio monólogo que fazia no teatro. "Já tive muito receio, dúvida e incertezas", confessa. Mas garante que a revelação o fortaleceu. Simas afirma esperar também que a transparência seja parte de maiores mudanças na sociedade e na indústria em que trabalha — e "inspire outras pessoas", apesar de não cobiçar a posição de modelo a ser seguido.

INSTAGRAM @SIMASRODRIGO

**LIVRE** Com a namorada Agatha Moreira: bem resolvido fora da tela

Nos bastidores, ele tem o apoio da talentosa namorada Agatha Moreira e dos irmãos Felipe Simas e Bruno Gissoni. Apesar das comparações incessantes, nega que a relação fraternal dentro do clã de galãs globais tenha sido afetada. De fato, o trabalho que tem apresentado ultimamente não deixa dúvidas: filho pródigo de sua geração, Rodrigo Simas é um exemplar único e ousado. ■

**Thiago Gelli**

INSTAGRAM @OASIS

**FOTO DE FAMÍLIA** Liam e Noel Gallagher: ingressos dos catorze shows previstos se esgotaram em minutos

# TOPA TUDO POR DINHEIRO

A volta do Oasis, após décadas de brigas dos irmãos Gallagher, reafirma uma máxima do rock: quando o lucro é bom, até rusgas inconciliáveis são superadas **FELIPE BRANCO CRUZ**

**FALTAVAM** poucas horas para o Oasis tocar num show em Paris, em agosto de 2009, quando o produtor do festival avisou o público: a banda havia acabado. No camarim, Liam Gallagher quebrou a guitarra do irmão, Noel. A atitude do caçula e vocalista foi a gota d'água de uma relação movida por ofensas e agressões desde o início do grupo, em 1991. Nos quinze anos que se passaram da separação até aqui, a rivalidade dos irmãos só aumentou, com trocas de farpas públicas. Cada vez que eram questionados sobre o retorno do grupo, ambos davam negativas peremptórias. Mesmo em ocasiões especiais, a dupla não cedia — como em 2017, quando Noel se negou a tocar com Liam num show em homenagem às vítimas de um ataque terrorista na cidade inglesa de Manchester, terra de ambos.

Bastou um único lance, no entanto, para todo esse mau humor arrefecer: o divórcio de Noel. Ou melhor, o prejuízo que teve para se separar — foram 20 milhões de libras, cerca de 150 milhões de reais. Liam, que já queria fazer as pazes, aproveitou o rombo no orçamento do brother para convencê-lo a retomar a banda. O estímulo, de fato, é polpudo: os dois vão embolsar 50 milhões de libras (ou 370 milhões de reais) pela turnê de catorze shows no Reino Unido em 2025. Mais datas estão previstas, inclusive fora da Europa, e a estimativa de ganhos pode chegar a 2 bilhões de reais.

Em suas redes oficiais, os brigões postaram os bastidores de um ensaio fotográfico com ambos sorrindo —

ATTHEW J. LEE/THE BOSTON GLOBE/GETTY IMAGES

**EGOS** Corgan *(à esq.)* e os Smashing Pumpkins: banda voltou, mas não inteira

mas só antes de fazerem o clique oficial que ilustra a reportagem, com os dois tão carrancudos como sempre. "As armas estão silenciadas. As estrelas se alinharam. A grande espera acabou", postaram. A julgar pelo valor que a famosa guitarra quebrada que foi estopim do fim atingiu em um leilão em 2022 — 2,1 milhões de reais — já dava para supor que fazer as pazes seria um excelente negócio. Após o anúncio do retorno, o álbum *Definitely Maybe*, de 1994, voltou às paradas. Cerca de 10 milhões de fãs em 158 países tentaram comprar os ingressos, que

se esgotaram em minutos e passaram a ser revendidos por até 44 000 reais. Até as bets britânicas entraram na jogada: pagarão sete vezes mais o valor apostado se a banda se separar antes da turnê.

Com essa reviravolta impensável até meses atrás, o Oasis reafirma uma velha máxima do rock'n'roll: quando a grana é boa, até as animosidades mais arraigadas podem ser superadas. Exemplos disso não faltam — o mais folclórico é o do Guns N' Roses. O guitarrista Slash e Axl Rose já trocavam insultos antes mesmo da saída de Slash da banda, em 1996. Em 2012, o cantor disse que "jamais nesta vida" se reuniria com o ex-amigo. Eis que, em 2016, o guitarrista não só voltou à banda, como o nome da turnê foi justamente a famosa (e desacreditada) frase de Axl: *Not in This Lifetime*. Apesar da voz de Axl soar como a de uma taquara rachada, a nova turnê fez jorrar dinheiro, tornando-se a mais lucrativa da história da banda, com faturamento de 584 milhões de dólares.

Recentemente, o Smashing Pumpkins passou por processo parecido. Em 2000, o vocalista Billy Corgan disse que brigas, abuso de drogas e até baixas vendas de discos foram os responsáveis pelo fim do grupo — mas a verdade é que o ego sem tamanho de Corgan também teve seu peso. Pouco antes do início da pandemia, porém, ele anunciou o retorno de um dos fundadores e compositores do grupo, o guitarrista James Iha, e também do baterista Jimmy Chamberlin. A reunião rendeu um recém-lançado

YUI MOK/PA IMAGES/GETTY IMAGES

**NUNCA NESTA VIDA** Axl Rose e Slash: turnê mundial com nome debochado

álbum e uma turnê internacional, com show no fim do ano no Brasil. Dinheiro nenhum, porém, convenceu a baixista D'arcy Wretzky a voltar. Ela afirmou que Corgan era insuportável e que deveria estar com "tumor no cérebro" para achar que aceitaria retornar.

Após o Oasis, a bola da vez são os Smiths. Os fãs vêm cobrando o cantor Morrissey e o guitarrista Johnny Marr a tocarem juntos de novo. Desde o fim da banda, em 1990, eles jamais fizeram uma apresentação juntos. Morrissey já de-

ROSS MARINO/GETTY IMAGES

**ROMPIDOS** Smiths: desavença política entre Morrissey e Marr impede retorno

clarou que topa. Marr, contudo, disse que as visões políticas de extrema direita do cantor tornam o retorno impossível. Dá para acreditar? Há, claro, um outro lado dessa história: os ex-integrantes do Led Zeppelin têm lá suas diferenças, mas o motivo maior de não retornarem é moral. Para eles, não há substituto para o baterista John Bonham, morto em 1980. É uma das poucas exceções ao ritmo usual em que a necessidade de pagar os boletos sempre atropela qualquer briga do passado. ■

# VELHO GUERREIRO

Na série *The Old Man*, Jeff Bridges vive um ex-agente da CIA durão e com muitos inimigos – durante as filmagens, superou um câncer que quase o matou **RAQUEL CARNEIRO**

**HERÓI SEPTUAGENÁRIO** Bridges em cena: descoberta de um linfoma avançado fez gravações serem interrompidas

DISNEY+/PLATFORM DISTRIBUTION

**HOJE EM DIA,** Jeff Bridges se surpreende ao rever o início da primeira temporada da série ***The Old Man.*** No drama de espionagem lançado em 2022, o ator encara sequências de lutas elaboradas. Para Bridges, porém, o espanto ao revê-las não tem a ver com seu notável desempenho físico aos 74 anos, mas por lembrá-lo de que, quando rodava boa parte daquelas cenas, ainda não sabia que havia um tumor maligno de 30 centímetros em seu estômago. "Eu não sentia dor, só sentia como se tivesse um osso na minha barriga. Então, pensei: será que é normal ter um osso na barriga?", contou ele com humor ácido em entrevista a VEJA.

De fato, não era normal: Bridges foi diagnosticado com um linfoma avançado e as filmagens foram interrompidas, pouco antes do início da pandemia. Em 2021, debilitado pela quimioterapia, o ator ainda enfrentou um quadro grave de covid-19 — combinação que o colocou em situação extremamente delicada. Quando Bridges fala sobre a superação desses problemas, é visível a satisfação extra no rosto sorridente do astro, que lança agora a segunda temporada da série, com episódios semanais às quintas-feiras no Disney+. "Eu pensei que não conseguiria terminar nem a primeira temporada. Quem diria que eu chegaria até a segunda?", afirma.

Baseado no romance de mesmo nome, do americano Thomas Perry, *The Old Man* parte de uma premissa comum em Hollywood: um ex-agente da CIA é perseguido por inimigos do passado e pela própria agência. Nas mãos de Bridges e de seus colegas, a trama batida ganha requinte e profundidade, além de uma honestidade brutal que já dá as caras no título —

"o homem velho", em português. Bridges, aliás, não é o único digno do personagem-título: o drama conta com um elenco de faixa etária generosa — e faz isso sem ignorar as limitações da idade e sem transformá-las em muletas.

Quando surge em cena pela primeira vez, Dan Chase, personagem de Bridges, levanta várias vezes na madrugada para ir ao banheiro — uma sina da idade. Enquanto isso, seu antagonista, o agente do FBI Harold Harper, vivido por um impecável John Lithgow aos 78 anos, chora a perda do filho escondido do neto. Um terceiro veterano aparece: Joel Grey, aos 92, é o policial que treinou Harper e Chase — e sobre os quais ainda exerce influência. Em campo na invasão soviética no Afeganistão, Chase conseguiu irritar todos os lados envolvidos no conflito, tornando-se um pária de alcance internacional. Por trinta anos, viveu escondido com a esposa e a filha em seu próprio país, os Estados Unidos — paz que chega ao fim no início da série, quando seu paradeiro é descoberto. Na segunda fase, o Afeganistão vira cenário principal, adicionando ao visual pitadas de faroeste.

Com sete indicações ao Oscar, uma estatueta na estante por *Coração Louco* (2009) e estrela do cultuado *O Grande Lebowski* (1998), Bridges começou a trabalhar aos 6 meses de idade. Filho dos atores Lloyd e Dorothy Bridges, ele cresceu em Hollywood — e de lá nunca saiu. Aposentadoria, aliás, não é uma palavra no vocabulário do ator. "O mundo é feito de histórias, não de átomos", diz ele, todo poético. "São as histórias que nos conectam e que me mantêm fazendo filmes e séries." O velho guerreiro continua em cena. ■

WALCYR CARRASCO

# O TERROR DO ZAP

Nada mais comum – e tenso –
que os grupos de família na rede

**SE EXISTE** uma terra árida, com ruas macabras e perigosas, é onde vivem os grupos de família do WhatsApp. Claro que família é bom. Podemos lembrar dos tempos de outrora, com recordações róseas, embora nossas avós discutissem e cortassem relações com o mesmo empenho de hoje em dia. Mas antigamente não tinha o tal WhatsApp, e certas coisas podiam esperar para ser ditas e — graças a Deus — esquecidas. Quem nunca saiu ferido de um grupo do tipo? Escrevendo este texto, consigo ver minhas cicatrizes. Há pouco tempo, duas primas me pediram uma grana emprestada. Expliquei que não seria possível naquele momento. Na mensagem seguinte, avisaram que já tinham comprado querosene para se suicidar no fim de semana. Acredito que quem avisa nunca faz, e esperei tranquilamente pela segunda-feira. Lá estavam elas no grupo de primos, e não se tocou mais no assunto — pelo menos comigo. Aprendi a identificar os maiores vilões das ruas whatsappianas: tios que propagam fake news, tias que produzem e distribuem mensagens positivas de bom-dia, correntes religiosas e lutam para me ver pagar promessas que elas mesmas fizeram em meu nome.

Há também os primos e sobrinhos cheios de razão que querem me convencer a virar vegano, adotar cães de rua, entrar no crossfit... São os justiceiros sociais da família. Há os que fazem piadinhas de que ninguém ri. As mensagens passam rapidamente, e quando percebo já perdi a chance de mandar um emoji ou mesmo de resgatar um velho meme. Cada um vai desenvolvendo seu estilo de passear por essas paragens. Adoro os que trocam fotos. Mas, em compensação, inevitavelmente chega o dia em que o grupo cai na política. O simpático "Primaiada" vira uma arena de guerra, um espelho do Brasil. Tento pacificar, digo que estamos lá para reatarmos os laços de família. Inútil. Querem resolver o destino do país. Primos que eram amicíssimos desde crianças brigam definitivamente pelo voto das últimas eleições e aiiii... Das próximas! Tento fazer o bom senso prevalecer. Para que falar de política se temos tantas vidas a resgatar, histórias para

**"Por trás de cada mensagem há uma pessoa com quem já convivi. O importante é não brigar"**

contar? Não temos o bolo da vovó para relembrar? As várias vezes que passamos o Natal juntos, as pequenas grandes tragédias familiares? Os hábitos divertidos de nossas mães?

Em vez de entrar nas discussões políticas, sigo usando e abusando dos emojis. Para mim, é a forma mais tranquila de me expressar nesse caldeirão efervescente. Não posso esquecer que minha família é de origem espanhola, e todos nós, na primeira oportunidade, batemos as castanholas. Mesmo assim, recorro aos emojis para sair de fininho dos grupos mais acalorados. Adiantou? Dia desses, meu próprio irmão me excluiu do grupo que ele administra. Ainda não sei por quê. Pior, tenho medo de telefonar e descobrir.

Mas não dá para esquecer que somos uma família. Por trás de cada WhatsApp, há uma pessoa com quem já convivi, brinquei quando era criança e mostrei a língua em algum momento. O importante é não brigar nesses grupos, e ficar sempre de olho. No mínimo para ser convidado para o próximo churrasco. ■

CHUCK ZLOTNICK/MARVEL

**CAMINHO DAS BRUXAS** Agatha (Kathryn Hahn) com sua trupe: jornada perigosa em busca de poder mágico

## TELEVISÃO

AGATHA DESDE SEMPRE

**(disponível no Disney+ a partir de quarta-feira 18)**

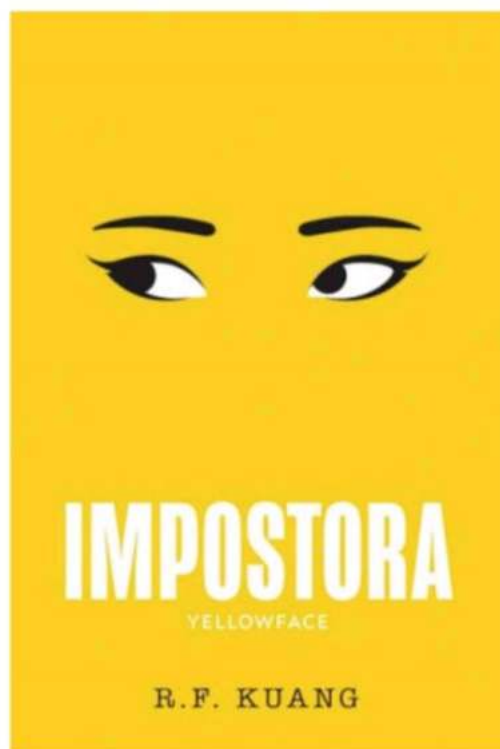
Presa em um feitiço lançado por Wanda (Elizabeth Olsen) no final da série *WandaVision* (2021), Agatha (Kathryn Hahn) crê ser uma agente policial investigando um homicídio neste novo spin-off da Marvel. A ilusão dura até que um adolescente aspirante a bruxo quebra o encanto e traz a temível vilã de volta à realidade. Só que Agatha encontra-se sem seus poderes mágicos. Para reconquistar as habilidades em criar universos paralelos e manipular os outros, ela reúne um grupo de feiticeiras ambiciosas que topam ir com ela até o Caminho das Bruxas, uma trilha de desafios mortais que recompensa quem sobrevive com aquilo que lhe falta na vida. A trama de toques sombrios e guinadas instigantes é um belo fruto da nem sempre tão regular fábrica de séries da Marvel no Disney+.

## CINEMA

MEU AMIGO PINGUIM ***(My Penguin Friend,***
**Brasil/Estados Unidos, 2024. Em cartaz no país)**

Em 2011, quando um pinguim coberto de óleo surgiu na costa de Angra dos Reis, no estado do Rio de Janeiro, o humilde pescador João resgatou o animal e lhe deu o nome de Dindim. Após uma semana sob os cuidados do homem, a ave foi levada de volta à praia para que retornasse a sua casa, na Patagônia — mas o vínculo com João foi tão forte que Dindim decidiu ficar nos trópicos. O filme, que narra a história real (e improvável) de amizade entre a dupla, chega agora às telas, com direção do brasileiro David Schurmann e uma performance tocante do veterano ator francês Jean Reno, que dá vida a João.

FABIO BRAGA/PIVÔ AUDIOVISUAL/DIVULGAÇÃO

**DRAMA TOCANTE** Reno com Dindim: a amizade real entre pescador e pinguim

## LIVRO

IMPOSTORA, **de R.F. Kuang**

**(tradução de Yonghui Qio; Intrínseca; 346 páginas; 59,90 reais e 39,90 reais em e-book)**

Athena Liu é um fenômeno literário graças às narrativas sobre a experiência asiática na sociedade americana. Enquanto isso, sua colega June Hayward pena num mercado farto de mulheres brancas. Quando a best-seller morre, a amiga frustrada decide roubar um de seus manuscritos e publicá-lo sob pseudônimo, atingindo sucesso imediato. Tão ácido quanto a trama de *Ficção Americana*, o romance da sino-americana R.F. Kuang cativa com a protagonista perversa e sua sátira sobre a exploração oportunista das pautas identitárias. ■

## FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [1 | 155#] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [2 | 92#] GALERA RECORD

3 **A EMPREGADA ESTÁ DE OLHO**
Freida McFadden [0 | 1] ARQUEIRO

4 **VERITY**
Colleen Hoover [5 | 125#] GALERA RECORD

5 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [6 | 113#] BERTRAND BRASIL

6 **ESTE É UM CORPO QUE CAI MAS CONTINUA DANÇANDO**
Igor Pires [7 | 2] ALT

7 **O HOBBIT**
J.R.R. Tolkien [0 | 36#] HARPERCOLLINS BRASIL

8 **CHAMA DE FERRO**
Rebecca Yarros [10 | 3] PLANETA MINOTAURO

9 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [8 | 101#] RECORD

10 **NÃO É AMOR**
Ali Hazelwood [0 | 2#] ARQUEIRO

## NÃO FICÇÃO

FELIPE NETO
COMO ENFRENTAR O ÓDIO

1 **COMO ENFRENTAR O ÓDIO**
Felipe Neto [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

2 **FRANCISCO DE ASSIS – O MANÍACO DO PARQUE**
Ullisses Campbell [0 | 1] MATRIX

3 **AINDA ESTOU AQUI**
Marcelo Rubens Paiva [0 | 1] ALFAGUARA BRASIL

4 **A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS**
Bruno Bettelheim [1 | 2] PAZ & TERRA

5 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [4 | 55#] VESTÍGIO

6 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [3 | 63#] VÁRIAS EDITORAS

7 **ESTRANHOS A NÓS MESMOS**
Rachel Aviv [0 | 1] ZAHAR

8 **SOCIEDADE DO CANSAÇO**
Byung-Chul Han [7 | 70#] VOZES

9 **MODUS OPERANDI**
Carol Moreira e Mabê Bonafé [0 | 3#] INTRÍNSECA

10 **O PACTO DA BRANQUITUDE**
Cida Bento [9 | 27#] COMPANHIA DAS LETRAS

## AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **PRINCÍPIOS MILENARES**
   Tiago Brunet [1 | 4] ACADEMIA
2. **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
   Morgan Housel [5 | 51#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **HÁBITOS ATÔMICOS**
   James Clear [8 | 65#] ALTA BOOKS
4. **AS 48 LEIS DO PODER**
   Robert Greene [3 | 35#] ROCCO
5. **INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**
   Daniel Goleman [0 | 1] OBJETIVA
6. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
   George S. Clason [9 | 184#] HARPERCOLLINS BRASIL
7. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
   T. Harv Eker [10 | 467#] SEXTANTE
8. **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
   Dale Carnegie [6 | 133#] SEXTANTE
9. **NADA PODE ME FERIR**
   David Goggins [0 | 6#] SEXTANTE
10. **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
    Junior Rostirola [7 | 37#] VÉLOS

## INFANTOJUVENIL

1 **APRENDIZ DO VILÃO**
Hannah Nicole Maehrer [1 | 2#] ALT

2 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [3 | 434#] VÁRIAS EDITORAS

3 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [7 | 439#] ROCCO

4 **O AMOR NÃO É ÓBVIO**
Elayne Baeta [5 | 2#] GALERA RECORD

5 **CORTE DE CHAMAS PRATEADAS**
Sarah J. Maas [0 | 2#] GALERA RECORD

6 **MAIS OU MENOS 9 HORAS**
Vitor Martins [0 | 1] ALT

7 **CORALINE**
Neil Gaiman [8 | 82#] INTRÍNSECA

8 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [10 | 24#] OUTRO PLANETA

9 **CORTE DE ASAS E RUÍNA**
Sarah J. Maas [0 | 16#] GALERA

10 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo, Manu Digilio [0 | 37#] OUTRO PLANETA

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, Travessia, **Barra Bonita:** Real Peruíbe, **Barueri:** Travessa, **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves:** Santos, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Leitura, **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Campos do Jordão:** História sem Fim, **Canoas:** Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Caruaru:** Leitura, **Cascavel:** A Página, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Garopaba:** Navegar, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Limeira:** Livruz, **Lins:** Koinonia, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, Livro Presente, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS, Travessa **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Leitura, **Santos:** Loyola, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti:** Leitura, **São José:** A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **São Luís:** Hélio Books, Leitura, **São Paulo:** A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Paisagem, Santuário, SBS, Simples, Travessa, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha:** Leitura, **Vitória:** Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Paisagem, Sinopsys, Submarino, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes, Um Livro

JOSÉ CASADO

# PATO MANCO

**O DEPUTADO** Arthur Lira, do partido Progressistas de Alagoas, está descobrindo na seca de Brasília aquilo que o escritor espanhol Lorenzo Villalonga aprendeu observando ondas do Mediterrâneo, nas Ilhas Baleares. Villalonga resumiu com maestria: o presente é apenas um ponto entre a ilusão e a saudade.

Faltam cinco meses para Lira deixar a presidência da Câmara. Quando fevereiro chegar, ele sai da cadeira que garante uma posição privilegiada na linha sucessória da República, logo depois do vice. Não é por acaso seu destaque em plano elevado, no centro e de frente para o Plenário Ulysses Guimarães, assim chamado em homenagem ao deputado que passou à história como referência no exercício do poder parlamentar. “Em política, até a raiva é combinada”, ele dizia com um ar de malícia.

Lira, 55 anos, não o conheceu. Quando Ulysses morreu em acidente aéreo, em 1992, ele estava imerso na sua primeira eleição para vereador em Maceió. Chegou à Câmara dos Deputados dezoito anos depois, na etapa de consolidação do baixo clero no comando do Legislativo. Identificou-se com o modelo de atuação dos presidentes da época, Hen-

rique Eduardo Alves, do Rio Grande do Norte, e Eduardo Cunha, do Rio de Janeiro —ambos acabaram acusados de corrupção e seus derivativos em negócios da Petrobras e da Caixa Econômica Federal.

Lira planejou uma volta à planície em condições mais confortáveis, e seguras, preservando a liderança no Centrão, o agrupamento de duas centenas de deputados cujos votos lhe garantiram influência ímpar nos governos Jair Bolsonaro e Lula.

Enlevado na ambição de governar a própria sucessão, até se permitiu pressagiar manobra afoita: ungir seu candidato e assegurar a vitória por aclamação vinte semanas antes da eleição interna. Exorcizaria, desde já, o risco de vaguear por dois anos no plenário como mais um presidente derrotado, que fracassou ao não conduzir, ou mal dirigir, a escolha do sucessor.

Foi a Lula, voltou; conversou com Jair Bolsonaro, retornou; impressionou uns e preocupou outros com a possibilidade de inédita demonstração de força na Praça dos Três Poderes. Acabou tropeçando na realidade de Lula, que dizia não querer, mas já estava interferindo na eleição do presidente da Câmara, e de Bolsonaro, que atualmente condiciona tudo e qualquer coisa à sua anistia cada vez mais remota, apesar dos arrufos do seu Partido Liberal.

Deu tudo errado. Atropelando-se, Lira chamou os candidatos Elmar Nascimento, líder do União Brasil e até então visto como seu predileto, e Marcos Pereira, vice-presidente da Câmara e chefe do Republicanos. Disse-lhes que estava

# "Lira se atropelou na sucessão na Câmara. Deixou feridos e rachou o Centrão"

ruim, por circunstâncias diversas no governo de Lula e na ala da oposição governada por Bolsonaro. Pereira renunciou à disputa, com lamentos. Elmar expôs sua frustração. Então, Lira improvisou a candidatura de Hugo Motta, líder do Republicanos, contra os deputados Antonio Brito (PSD) e Isnaldo Bulhões (MDB). Era tarde. "O Centrão virou centrinho", disse Elmar à repórter Vera Rosa.

Em poucos dias, Lira transitou do paraíso ao inferno. Ainda comanda a Câmara, com poder sobre pauta de votações, tem influência no disfuncional colégio de líderes e leva no bolso a caneta temida por presidentes da República, com legitimidade para assinar, por exemplo, a abertura de um pedido de impeachment. É muito para fora e pouco na mesa de jogo de poder do Legislativo, onde conta quem lidera mais votos. Sem respaldo expressivo, a presidência se esvai no placar eletrônico do plenário.

Ele já havia perdido o controle do ruído coletivo nas reuniões, como registram os processos por falta de decoro no Conselho de Ética. Sua autoridade remanescia pelos arranjos sobre a gestão das emendas ao Orçamento. No entanto,

na virada do semestre, o Supremo Tribunal Federal bloqueou, por falta de transparência, o manejo de uma parcela expressiva do dinheiro (cerca de 5 bilhões de reais). Deputados aguardavam esses recursos para azeitar sua participação nesta temporada de eleições municipais.

Sem dinheiro das emendas para distribuir e com o Centrão rachado, ele terminou a semana alquebrado. "Como nos impérios, o ponto frágil dessa história está na sucessão", observa o cientista político Leonardo Barreto. Pode vir a recuperar parte do terreno perdido, porque na política tudo é possível — até a ressurreição, como se vê em Lula tentando plasmar modos e métodos de Getúlio Vargas. Mas, o infortúnio aconteceu: Lira virou pato manco na presidência da Câmara, cinco meses antes do prazo de validade. ■